



UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO
MESTRADO EM EDUCAÇÃO

THAÍS GOUVÊA SILVA

MEDIAÇÃO DIDÁTICA TRANSDISCIPLINAR: tessituras na educação básica

GOIÂNIA
2025

Processo:

23070.061707/2025-21

Documento:

5873352



UFG
UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO

TERMO DE CIÊNCIA E DE AUTORIZAÇÃO (TECA) PARA DISPONIBILIZAR VERSÕES ELETRÔNICAS DE TESES E DISSERTAÇÕES NA BIBLIOTECA DIGITAL DA UFG

Na qualidade de titular dos direitos de autor, autorizo a Universidade Federal de Goiás (UFG) a disponibilizar, gratuitamente, por meio da Biblioteca Digital de Teses e Dissertações (BDTD/UFG), regulamentada pela Resolução CEPEC nº 832/2007, sem ressarcimento dos direitos autorais, de acordo com a [Lei 9.610/98](#), o documento conforme permissões assinaladas abaixo, para fins de leitura, impressão e/ou download, a título de divulgação da produção científica brasileira, a partir desta data.

O conteúdo das Teses e Dissertações disponibilizado na BDTD/UFG é de responsabilidade exclusiva do autor. Ao encaminhar o produto final, o autor(a) e o(a) orientador(a) firmam o compromisso de que o trabalho não contém nenhuma violação de quaisquer direitos autorais ou outro direito de terceiros.

1. Identificação do material bibliográfico

Dissertação Tese Outro*: _____

*No caso de mestrado/doutorado profissional, indique o formato do Trabalho de Conclusão de Curso, permitido no documento de área, correspondente ao programa de pós-graduação, orientado pela legislação vigente da CAPES.

Exemplos: Estudo de caso ou Revisão sistemática ou outros formatos.

2. Nome completo do autor

THAÍS GOUVÊA SILVA

3. Título do trabalho

MEDIAÇÃO DIDÁTICA TRANSDISCIPLINAR: tessituras na educação básica

4. Informações de acesso ao documento (este campo deve ser preenchido pelo orientador)

Concorda com a liberação total do documento SIM NÃO¹

[1] Neste caso o documento será embargado por até um ano a partir da data de defesa. Após esse período, a possível disponibilização ocorrerá apenas mediante:

a) consulta ao(a) autor(a) e ao(a) orientador(a);

b) novo Termo de Ciência e de Autorização (TECA) assinado e inserido no arquivo da tese ou dissertação.

O documento não será disponibilizado durante o período de embargo.

Casos de embargo:

- Solicitação de registro de patente;
- Submissão de artigo em revista científica;
- Publicação como capítulo de livro;
- Publicação da dissertação/tese em livro.

Obs. Este termo deverá ser assinado no SEI pelo orientador e pelo autor.



Documento assinado eletronicamente por **Marilza Vanessa Rosa Suanno, Professora do Magistério Superior**, em 05/01/2026, às 13:19, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Thaís Gouvêa Silva, Discente**, em 06/01/2026, às 11:06, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site https://sei.ufg.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **5873352** e o código CRC **B865FC5D**.

THAÍS GOUVÊA SILVA

MEDIAÇÃO DIDÁTICA TRANSDISCIPLINAR: tessituras na educação básica

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação *Stricto Sensu*, da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Goiás (PPGE/FE/UFG), como requisito para a obtenção do título de Mestra em Educação.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a. Marilza Vanessa Rosa Suanno

Área de concentração: Educação

Linha de pesquisa: Formação Docente e Trabalho Educativo

GOIÂNIA

2025

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor, através do Programa de Geração Automática do Sistema de Bibliotecas da UFG.

Silva, Thaís Gouvêa
Mediação Didática Transdisciplinar [Digitado]: tessituras na educação básica / Thaís Gouvêa Silva. - 2025.
119 f.: 2025

Orientadora: Prof(a). Dra. Marilza Vanessa Rosa Suanno
Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Goiás, Faculdade de Educação (FE), Programa de Pós-Graduação em Educação, Goiânia, 2025.
Anexo.
Bibliografia.

1. Educação.. 2. Didática.. 3. Trabalho Educativo.. 4. Transdisciplinaridade.. 5. Mediação Didática Transdisciplinar..

I. Suanno, Marilza Vanessa Rosa, orient. II. Título.

CDU 37



UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS

FACULDADE DE EDUCAÇÃO

ATA DE DEFESA DE DISSERTAÇÃO

Ata nº 70 da sessão de **Defesa de Dissertação** de **THAÍS GOUVÊA SILVA**, que confere o título de **Mestra** em **Educação** pelo Programa de Pós-Graduação em Educação da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Goiás-PPGE/FE/UFG, na *área de concentração em Educação*.

Aos **dezesete dias do mês de dezembro de dois mil e vinte e cinco (17/12/2025)**, a partir das **10h30**, em formato híbrido, nas dependências da Faculdade de Educação e em plataforma virtual no link público de acesso <https://meet.google.com/qqm-cap>, realizou-se a sessão pública de Defesa de Dissertação intitulada "**MEDIAÇÃO DIDÁTICA TRANSDISCIPLINAR: tessituras na educação básica**". Os trabalhos foram instalados pela Orientadora Prof.^a Dr.^a **Marilza Vanessa Rosa Suanno (PPGE/FE/UFG)**, doutora em **Educação** pela UCB, com a participação das demais integrantes da Banca Examinadora: Prof.^a Dr.^a **Sandra Valéria Limonta (PPGE/FE/UFG)**, doutora em **Educação** pela UFG - integrante titular interna, Prof.^a Dr.^a **Maria José de Pinho (PPGE/UFT)**, doutora em **Educação e Currículo** pela PUC-SP - integrante titular externa e Prof.^a Dr.^a **Núria Lorenzo Ramirez (Universidade de Barcelona/Espanha)**, doutora em **Ciências da Educação** pela **Universidade de Barcelona/Espanha** - integrante titular externa. Durante a arguição as integrantes da banca **não fizeram** sugestão de alteração do título do trabalho. A Banca Examinadora reuniu-se em sessão secreta a fim de concluir o julgamento da Dissertação, tendo sido a candidata **aprovada** pelas suas integrantes. Proclamados os resultados pela Professora Doutora **Marilza Vanessa Rosa Suanno**, Presidente da Banca Examinadora, foram encerrados os trabalhos e, para constar, lavrou-se a presente ata que é assinada pelas Integrantes da Banca Examinadora, aos dezessete dias do mês de dezembro de dois mil e vinte e cinco.

Banca Examinadora:

Prof.^a Dr.^a Marilza Vanessa Rosa Suanno

Prof.^a Dr.^a Sandra Valéria Limonta

Prof.^a Dr.^a Maria José de Pinho

Prof.^a Dr.^a Núria Lorenzo Ramirez

TÍTULO SUGERIDO PELA BANCA



Documento assinado eletronicamente por **Marilza Vanessa Rosa Suanno, Professora do Magistério Superior**, em 17/12/2025, às 13:03, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Sandra Valeria Limonta, Professor do Magistério Superior**, em 17/12/2025, às 13:57, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Maria José de Pinho, Usuário Externo**, em 18/12/2025, às 12:01, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Daniela Da Costa Britto Pereira Lima, Coordenadora de Pós-Graduação**, em 18/12/2025, às 17:16, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site https://sei.ufg.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **5833698** e o código CRC **25DCD379**.

Referência: Processo nº 23070.061707/2025-21

SEI nº 5833698

Dedico esta dissertação aos meus pais, Eslania Gouvêa da Silva e Dorival Gomes da Silva, à minha irmã, Thaynara Gouvêa Silva, a meus avós, ao meu companheiro, aos meus colegas de profissão e aos meus alunos.

AGRADECIMENTOS

Dizem que fazer pesquisa é um ato solitário e, de fato, às vezes a solidude é necessária para estabelecer conexões entre mente, teorias e papel. Porém, durante toda vivência no mestrado, em especial durante a produção desta dissertação, não posso dizer que estive sozinha. Tudo o que foi descoberto, pesquisado e escrito vem das minhas relações e das minhas (co)existências em um mundo rodeado de pessoas queridas e importantes que me ajudaram a chegar até aqui. É para elas, então, que dedico agora as minhas palavras.

Em primeiro lugar, à minha querida mamãe, Eslania Gouvêa da Silva, eu gostaria de agradecer, pois foi ela quem compartilhou comigo a montanha russa chamada vida. Obrigada, mãezinha, pelas vezes em que a senhora me deu forças para continuar neste mestrado, seja com uma palavra amiga, seja com um abraço que acalma (e até mesmo ajustando a minha agenda para eu não perder o foco na dissertação). A senhora é a minha fonte de inspiração como ser humano, pois viver ao seu lado é entender, desde cedo, que não basta sermos pessoas, temos que ser, de fato, humanos neste mundo desafiador.

Agradeço ao meu papai, Dorival Gomes da Silva, que de maneira tão gentil sempre esteve ao meu lado, incentivando e cuidando para que eu não deixasse de trilhar essa caminhada. Lembro-me de todos os seus bons conselhos e, principalmente, das vezes em que o senhor dizia que o estudo e o conhecimento ninguém tira de nós, por isso eles são nossa riqueza. Obrigada por estar ao meu lado, papai.

Estendo os meus agradecimentos a minha irmã e companheira de vida, Thaynara Gouvêa Silva, pois ela foi a minha motivadora constante e os ouvidos que me acolheram nas ânsias e nas alegrias durante esse processo. Viver ao seu lado é gratificante, porque vejo em você uma esperança de futuro frente aos ataques que sofremos. Espero que os jovens, como você, consigam promover muitas tessituras complexas e metamorfoses nesta vida.

Aproveito para agradecer ao meu companheiro, Jean Paul Mazzei Campos da Silva, por todo afeto e cuidado que teve comigo durante este período. Você sabe o quanto foi desafiador para mim e, mesmo assim, sempre estava ao meu lado para lembrar que este era um dos meus sonhos e que eu não podia desistir dele. Obrigada, meu bem!

Obrigada também aos meus avós, em especial à vovó Elzi Maria de Carvalho Gouvêa, por todo o cuidado, amor e companheirismo durante essa fase. As suas orações e as suas vibrações me ajudaram a ser forte e a seguir em frente, mesmo quando as forças estavam se esgotando. Foi a senhora, vovó, a quem eu sempre recorri para pedir uma palavra Divina, pois

a sua fé é inabalável. Então, eu agradeço à senhora e estendo os meus agradecimentos à Deus e às divindades, pois eles também foram o meu amparo e a minha proteção nas noites frias e nos dias ensolarados. Obrigada!

Além disso, gostaria de agradecer aos meus tios, Humberto Galdino Gouvêa, Ronne Galdino Gouvêa e Oscar Galdino Gouvêa, porque eles estiveram ao meu lado desde pequena, incentivando e dando alegrias durante os momentos de dificuldades e sendo companheiros em diferentes partes da minha vida, tanto com palavras amigas quanto com passeios e momentos de distração. Obrigada, tios queridos!

Agradeço, agora, ao povo brasileiro e ao Estado brasileiro, que sustentam e defendem a existência de uma educação pública, gratuita e de qualidade. É graças ao compromisso coletivo, que se materializa na universidade pública, que trajetórias como a minha encontram chão fértil para florescer. Sou fruto de um projeto de país que acredita na potência transformadora do conhecimento e da ciência e que compreende a educação como direito. A cada brasileira e a cada brasileiro que financia, resiste e protege a universidade pública, deixo aqui minha gratidão e o meu reconhecimento, pois é pela força de vocês que pude estudar, pesquisar e sonhar dentro de uma instituição que pulsa democracia, ciência e vida.

De forma muito especial, agradeço à Faculdade de Educação da Universidade Federal de Goiás (UFG), porque essa instituição foi a minha casa durante seis anos de graduação e de mestrado. Estudar na UFG é uma benção, mas VIVER a UFG é uma dádiva. Sou extremamente grata por ter tido o privilégio de conhecer, de estar e de viver uma instituição que une, de maneira tão singular, o ensino, a pesquisa e a extensão, a fim de não só formar profissionalmente os acadêmicos, mas também de formar para a vida ética, cidadã e planetária. Na UFG, tanto no mestrado quanto na graduação, conheci pessoas lindas e que exalam poesia, é para elas, então, que dedico os meus agradecimentos agora.

Obrigada, Valdirene Aparecida de Oliveira, Roberta Barbosa dos Santos, Camila Moraes, Kauany Mendonça e todos os meus colegas do DIDAKTIKÉ - Grupo de Estudos e Pesquisas em Didática e Questões Contemporâneas (PPGE/FE/UFG), por estarem comigo nesta caminhada. Com vocês, compartilhei emoções, troquei experiências e, principalmente, aprendi a ver a educação como um espaço de diversidades, de riquezas e de cooperação mútua. Vocês são uma grande inspiração para mim!

Agora, gostaria de agradecer a minha professora e orientadora Marilza Vanessa Rosa Suanno. Professora Marilza, obrigada por não ter desistido de mim desde a graduação. Sei que, às vezes, eu posso ter dado um pouquinho de preocupação para você, mas saiba que eu sempre serei grata pela sua parceria, pelo seu jeitinho “Marilza de ser”, principalmente, por ter confiado

a mim uma responsabilidade tão grande, tão bonita e tão insurgente. Sem a sua ajuda, eu não teria conseguido na graduação e, muito menos, no mestrado. Estar ao seu lado é um aprendizado constante, pois a sua área exala complexidade, transdisciplinaridade e insurgência. Obrigada, Marilza, por ser minha inspiração acadêmica, pessoal e profissional.

Estendo também os meus agradecimentos aos membros da banca de qualificação - Profa. Dra. Sandra Valéria Limonta (PPGE/FE/UFG), Profa. Dra. Maria José de Pinho (PPGE/UFT) e Profa. Dra. Núria Lorenzo Ramirez (Universidade de Barcelona - UB) - que, de maneira gentil, atenta e solícita, aceitaram participar como avaliadoras e/ou colaboradoras desta dissertação. Espero que juntos possamos promover muitas teias de descobertas transgressoras, capazes de dar esperanças aos professores e de modificar a educação do nosso país. Por fim, eu agradeço a todos aqueles que estiveram, de alguma forma, presentes nesta caminhada e em minha vida. Vocês são parte do meu ser, e eu carrego um pouquinho de cada um nas minhas vivências, nas minhas produções e na minha vida. Obrigada a todos!

"Ensinar a viver é a finalidade essencial da educação."

- Edgar Morin

RESUMO

A presente pesquisa, intitulada *Mediação Didática Transdisciplinar: tessituras na Educação Básica*, vincula-se à área de Educação, à linha de pesquisa “Formação Docente e Trabalho Educativo” do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Goiás, ao DIDAKTIKÉ – Grupo de Estudos e Pesquisas em Didática e Questões Contemporâneas (PPGE/FE/UFG) e à Rede Internacional de Escolas Criativas (RIEC). O problema investigativo que norteia esta pesquisa é composto por dois questionamentos articulados: O que caracteriza uma mediação didática transdisciplinar? Como os professores da educação básica, enquanto profissionais intelectuais, podem ser mediadores transdisciplinares, favorecendo um processo de ensino-aprendizagem complexo, crítico e humanizador, em um cenário de ataques neoliberais que assolam a atuação docente e as aprendizagens discentes no Brasil? A partir destas questões, a presente dissertação possui como objetivo geral desenvolver o conceito de Mediação Didática Transdisciplinar fundamentado nas obras selecionadas de Edgar Morin e, como objetivo específico, analisar, a partir do conceito desenvolvido, tal mediação expressa em relatos de escolas brasileiras reconhecidas pela Rede Internacional de Escolas Criativas (RIEC). Metodologicamente, a pesquisa se caracteriza como uma revisão conceitual, de abordagem qualitativa, que analisa nove obras de Edgar Morin para fundamentar o conceito proposto, de forma especial no que se refere à relação entre professores, estudantes, conhecimentos e saberes em uma perspectiva complexa e transdisciplinar. A análise da obra *Escolas Criativas de Referência: Rede Internacional de Escolas Criativas – RIEC* (Torre; Zwierewicz; Suanno, 2025) apresenta relatos de escolas reconhecidas pela Rede e que têm desenvolvido práticas pedagógicas inovadoras e transdisciplinares. Os resultados apontam que a Mediação Didática Transdisciplinar se configura como a ação intencional do docente voltada à reintrodução do sujeito cognoscente na aprendizagem, favorecendo uma tessitura religadora de conhecimentos, por meio de um estilo de pensamento complexo, que valoriza o ensino transdisciplinar, multidimensional e multirreferencial na coexistência e na complementaridade do ensino disciplinar. Buscou-se entender, então, a mediação da relação do sujeito complexo com a tríade razão, emoção e corporeidade no intuito de promover sua formação integral e de promover uma metamorfose nas práticas pedagógicas ao propor novas formas de pensar, agir e planejar, superando a lógica utilitarista e instrumental do ensino. Conclui-se que as escolas analisadas se constituem como espaços de resistência e reinvenção pedagógica, contribuindo para uma educação crítica, humanizadora, transdisciplinar e planetária. Defende-se, portanto, que a atuação do professor como mediador didático transdisciplinar favorece a formação ética, estética, cultural e politicamente comprometida com a vida, com o outro e com o mundo.

PALAVRAS-CHAVE: Educação. Didática. Trabalho Educativo. Transdisciplinaridade. Mediação Didática Transdisciplinar.

Sumário

INTRODUÇÃO.....	14
CAMINHOS METODOLÓGICOS.....	18
A METODOLOGIA DA PESQUISA.....	24
POR UMA EDUCAÇÃO TRANSDISCIPLINAR, COMPLEXA, HUMANA E PLANETÁRIA.....	28
O CONCEITO DE TRANSDISCIPLINARIDADE E AS TESSITURAS DO APRENDIZADO	31
OS CONCEITOS DE MEDIAÇÃO E SUAS IMPLICAÇÕES NA APRENDIZAGEM	37
OS PILARES PROPOSTOS POR EDGAR MORIN PARA CAMINHARMOS RUMO À EDUCAÇÃO TRANSDISCIPLINAR NO FUTURO	42
EDUCAÇÃO BRASILEIRA EM DISPUTA: ENSINO TRANSDISCIPLINAR EM CONTRAPONTO AO ENSINO MERCADOLÓGICO E NEOLIBERAL.....	46
RELATOS DE ESCOLAS BRASILEIRAS QUE VIVENCIAM UM ENSINO TRANSDISCIPLINAR ..	47
MEDIAÇÃO DIDÁTICA TRANSDISCIPLINAR: UM OLHAR INSURGENTE E DESAFIADOR PARA O PROCESSO DE ENSINO-APRENDIZAGEM.....	85
NOVAS TESSITURAS, NOVAS RELAÇÕES E NOVA MEDIAÇÃO: A TRANSDISCIPLINARIDADE COMO FIO CONDUTOR DA APRENDIZAGEM.....	93
PRINCÍPIOS-ESTRATÉGIAS DE UMA MEDIAÇÃO DIDÁTICA TRANSDISCIPLINAR	96
CONSIDERAÇÕES FINAIS	103
REFERÊNCIAS.....	114
ANEXOS	119

INTRODUÇÃO

A presente dissertação de mestrado em Educação está vinculada à área da Educação, à linha de pesquisa “Formação Docente e Trabalho Educativo” do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Goiás, ao DIDAKTIKÉ – Grupo de Estudos e Pesquisas em Didática e Questões Contemporâneas (PPGE/FE/UFG), à Rede Internacional de Escolas Criativas (RIEC) e ao projeto guarda-chuva da pesquisa “Formação de professores e didática emergente”. Esta pesquisa tem como objetivo geral desenvolver o conceito de Mediação Didática Transdisciplinar fundamentado nas obras selecionadas de Edgar Morin e, de maneira específica, analisar como esse conceito é expresso em relatos de escolas brasileiras reconhecidas pela Rede Internacional de Escolas Criativas (RIEC).

A dissertação busca entender como os docentes podem construir práticas pedagógicas com relações transdisciplinares com o conhecimento e com a vida. Afinal, ao complexificar o ensino, os docentes têm papel fundante no ato educativo (planejamento, organização e desenvolvimento do processo de ensino e avaliação da aprendizagem discente), em especial, ao realizar a mediação didática com orientações, diálogos, oferta de níveis de ajuda e de níveis de aprofundamento para ampliar a sensibilidade, percepção, compreensão, consciência e comprometimento com o tema em estudo.

Apresentamos, nesta pesquisa, uma mediação didática transdisciplinar capaz de se aventurar na busca por contribuir com a aprendizagem discente na relação com o conhecimento e com a vida. Para que isso ocorra, é importante entendermos as professoras e os professores como profissionais intelectuais, com a característica de serem investigadores(as) da própria práxis educativa e que têm importante trabalho na mediação para a tessitura do conhecimento e da aprendizagem discente. Nesse contexto, a investigação propõe uma construção conceitual alinhada ao Pensamento Complexo e à Transdisciplinaridade, ancorando-se nas obras de Edgar Morin (2000; 2003a; 2003b; 2003c; 2005; 2015; 2016; 2019; 2020), e busca entender como os docentes podem ser mediadores didáticos transdisciplinares, possibilitando um processo de ensino-aprendizagem mais crítico, complexo, humanístico e emancipatório para a educação básica brasileira, em um cenário de ataques neoliberais e obscurantistas à educação.

Mas, antes de dar continuidade à costura desta dissertação, considero importante apresentar quem é a pesquisadora por detrás das linhas, dos desdobramentos e das tessituras teórico-conceituais e humanas expostas aqui. Afinal, uma das premissas da Epistemologia da Complexidade, com a qual eu irei trabalhar, é que não podemos afastar o sujeito de seu objeto,

ou melhor, o pesquisador de sua pesquisa. Minha dissertação e eu estamos unidas em prol de um propósito: o desejo por uma educação básica brasileira mais humanística, crítica e emancipatória.

De antemão, é interessante pontuar que sou licenciada em Pedagogia, pela Faculdade de Educação (FE) da Universidade Federal de Goiás, e em Letras Língua-Portuguesa, pela escola de Formação de Professores e Humanidades (EFPH) da Pontifícia Universidade Católica de Goiás. Além disso, sou professora da rede pública estadual de Goiás, onde atuo como professora do Colégio Estadual Assis Chateaubriand e do Colégio Estadual Professora Marinete Silva, em turmas de ensino médio e de ensino fundamental-anos finais. Embora eu esteja nas séries finais da educação básica, já atuei na educação infantil, na rede municipal de educação de Goiânia. E, independente da fase em que atuo/atuei, uma inquietação me acompanha desde os meus tempos de ensino médio: será que os professores conhecem o impacto deles na vida dos estudantes?

Essa inquietação me acompanhou e fez com que eu conhecesse a temática desta pesquisa de dissertação antes de eu ter o diploma da graduação em mãos. Afinal, o interesse por essa temática surgiu ao longo do curso de graduação em Pedagogia. Nesse período, tive a oportunidade de participar, como bolsista do Programa de Iniciação à Pesquisa das Licenciaturas (PROLICEN) - Edital PROGRAD/UFG nº 002/2022 -, sob a orientação da professora Dra. Marilza Vanessa Rosa Suanno, integrando o projeto de pesquisa PI02868-2018, da FE/UFG, intitulado “Formação de professores e didática emergente” e, de maneira mais específica, ficando responsável pela pesquisa intitulada “Mediação didática: o que as publicações do ENDIPE 2018 dizem sobre esse conceito?”.

Durante a vivência na iniciação científica, conheci, me aproximei, investiguei e me apaixonei pelo conceito de mediação, em especial, pela mediação didática. Em síntese, o meu projeto de pesquisa investigou o conceito de mediação didática a partir das publicações nos Anais do XIX Encontro de Didática e Práticas de Ensino (ENDIPE), que ocorreu em 2018. Fundamentando-se nos trabalhos de Lenoir (2011), Libâneo (2011), D’Ávila (2011) e Toschi (2015), o meu projeto de pesquisa buscou entender que a mediação é um processo dialético que influencia a atuação dos professores e as aprendizagens dos estudantes. Entretanto, a minha jornada com o conceito de mediação didática não parou com o término do PROLICEN.

No último ano da graduação em Pedagogia (FE/UFG), com a chegada do desafiador Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), me deparei com a vontade de me aprofundar no conceito de mediação didática e, em especial, de me desafiar a refletir sobre as relações dele com a transdisciplinaridade. Nessa etapa acadêmica, na qual fui orientada pela professora Dra.

Sheila Santos de Oliveira, busquei apresentar e entender os aspectos presentes em uma Didática Complexa e Transdisciplinar que se fazem presentes na atuação/na formação de um professor mediador, refletindo como seria interessante se houvesse um processo de mediação transdisciplinar para o ensino básico (Silva, 2023).

Desse modo, apeguei-me ao objeto de pesquisa e, quando tive a oportunidade de tentar o ingresso no mestrado em educação, eu soube que era a hora de tornar a ideia do professor enquanto mediador transdisciplinar concreta e viável para a educação básica brasileira. Afinal, eu acredito que os professores são intelectuais importantes para a formação humana, social e planetária, pois são eles que influenciam, direta ou indiretamente, a existência dos indivíduos. A minha intenção não é criar uma sobrecarga para nós, professores, mas sim demonstrar que precisamos ser valorizados e reconhecidos como intelectuais e, principalmente, que precisamos ter a oportunidade de desenvolver os nossos trabalhos da melhor forma possível, dentro de um contexto de ataques obscurantistas e neoliberais à educação do país.

Sei que a educação brasileira, em especial a educação pública, sofre constantemente ataques com os projetos e/ou pautas mercadológicas que a perspectiva neoliberal impõe, os quais reduzem as escolas a um espaço de prestação de serviços e de busca por resultados, alinhados às demandas do mercado. Sob esse viés mercadológico, infelizmente, a formação integral, crítica, cultural e humanizadora dá lugar a uma lógica tecnicista, voltada para a preparação de mão de obra barata e para a responsabilização das próprias escolas pelos resultados, mascarando as desigualdades estruturais e a retirada do papel do Estado. Com isso, as políticas neoliberais não apenas enfraquecem a autonomia das instituições e da atuação dos professores, mas também contribuem para a desumanização da educação, comprometendo o direito dos estudantes ao desenvolvimento pleno e à emancipação intelectual.

Contudo, assim como Cora Coralina, acredito que o professor é uma luz para o mundo e, portanto, a sua atuação, mesmo que cercada por pedras (obstáculos), precisa plantar roseiras neste mundo, visto que ele agente transformador que promove esperanças. Não defendo que o professor seja o único agente importante nesta ruptura dos paradigmas neoliberais que assolam a educação. Mas acredito que ele seja, sim, um intelectual importante na luta e na resistência a tal configuração de mercadológica. Por isso, é importante uma reflexão acerca do tipo de mundo que, enquanto professores, queremos vivenciar. Queremos atuar em um mundo cercado pela intolerância, pela injustiça, pela desumanidade e pelo desrespeito com o planeta ou queremos ser agentes transformadores em um mundo humano, reflexivo, ético e com consciência planetária? Eu escolho a segunda opção e acredito no ideal freireano de que a educação é uma das vias para a transformação das pessoas e do mundo.

Em meio a essas inquietações, deparei-me com Edgar Morin, uma pessoa que exala, em sua existência e em suas obras, sensibilidade e força diante de um mundo que tenta nos enfraquecer. Ao conhecer as obras de Edgar Morin, ainda na graduação, em especial nas reuniões do DIDAKTIKÉ - Grupo de Estudos e Pesquisas em Didática e Questões Contemporâneas (dgp.cnpq.br/dgp/espelhogrupo/7805627761585698), percebi que é possível pensar, propor e agir de maneira crítica, humana, consciente e emancipatória. Encontrei, nesse intelectual francês, uma chama de esperança frente aos desafios do mundo contemporâneo e, inspirada em seus ideais (para muitos utópicos), abraçarei o desafio de pensar em como os professores podem fazer uma mediação transdisciplinar, ancorada nas produções dele e daqueles intelectuais que, assim como eu, acreditaram no potencial transformador da Epistemologia da Complexidade.

Posto isso, é relevante pontuar que, além de estar vinculada ao DIDAKTIKÉ - Grupo de Estudos e Pesquisas em Didática e Questões Contemporâneas, esta pesquisa possui vínculo com a Rede Internacional de Escolas Criativas (RIEC), que é um acordo de cooperação internacional, a qual é formada por professores, pesquisadores e demais profissionais da educação que prezam por uma educação criativa e transformadora, impulsionando as escolas para a valorização e o reconhecimento da criatividade e da humanidade na sua constituição. Logo, como professora intelectual e pesquisadora, buscarei apresentar a vocês tessituras para um processo de ensino-aprendizagem mais humano e menos individualista, mais globalizado e menos reducionista, tendo como fios condutores desta jornada a transdisciplinaridade e o pensamento complexo.

Para alçar esse voo rumo a uma metamorfose necessária na prática pedagógica, esta dissertação está organizada em quatro grandes seções. Na primeira, serão apresentados os caminhos metodológicos seguidos para tecer esta pesquisa de caráter qualitativo, a qual será realizada mediante uma revisão conceitual da literatura de obras selecionadas de Edgar Morin e da análise de atuações de escolas criativas que usufruem da transdisciplinaridade em suas práxis educativas. Trata-se, logo, de uma pesquisa acadêmica que, ainda do mestrado, produz um conhecimento teórico-prático, visto que promove uma relação direta entre a análise das práticas e/ou práxis de escolas criativas brasileiras e a fundamentação teórica ancorada em Edgar Morin.

Na segunda seção, por sua vez, mostrarei, a partir da análise das obras de Edgar Morin (2000; 2003a; 2003b; 2003c; 2005; 2015; 2016; 2019; 2020), o quanto a busca por uma educação complexa e transdisciplinar, embora pareça uma rota com encruzilhadas no contexto educacional vigente, é uma via para um ensino que vise o respeito à humanidade e a ética

planetária. A terceira seção desta pesquisa, por outro lado, apresentará a análise de relatos de experiência de ensino transdisciplinar, os quais apresentam-se como uma práxis complexa e transdisciplinar, concretizando as ideias de Edgar Morin.

Por fim, a última seção desta dissertação buscará firmar o conceito de mediação transdisciplinar, reconhecendo o professor como intelectual importante para o processo de ensino-aprendizagem da educação básica. Além disso, buscarei elucidar caminhos para que a mediação transdisciplinar ocorra de maneira alinhada aos pensamentos de Edgar Morin, ainda que em um contexto político educacional que negligencie a autonomia docente e as potencialidades discentes, o qual assola a realidade da educação brasileira. Portanto, esta pesquisa de dissertação pretende lançar luz a uma importante reflexão, defendendo uma educação básica crítica, humana e emancipatória, tanto para os estudantes, quanto para os professores que nela estão envolvidos.

CAMINHOS METODOLÓGICOS

O presente capítulo visa apresentar a metodologia e as bases epistemológicas que sustentam esta pesquisa, a qual tem por objeto de estudo a ‘mediação didática’ e guia-se por um problema investigativo composto por dois questionamentos articulados: O que caracteriza uma mediação didática transdisciplinar? Como os professores da educação básica, enquanto profissionais intelectuais, podem ser mediadores transdisciplinares, favorecendo um processo de ensino-aprendizagem complexo, crítico e humanizador, em um cenário de ataques neoliberais que assolam a atuação docente e as aprendizagens discentes no Brasil?

Esta pesquisa tem por objetivo desenvolver o conceito de ‘mediação didática transdisciplinar’, alicerçando-se nas pesquisas e trabalhos de Edgar Morin e, de forma específica, analisar como essa mediação aparece em relatos de escolas brasileiras reconhecidas pela Rede Internacional de Escolas Criativas (RIEC). É uma pesquisa bibliográfica, com abordagem qualitativa, ancorada na análise das obras selecionadas de Edgar Morin, na análise de obras selecionadas de pesquisadores(as) que se fundamentam na no Pensamento Complexo e na análise dos relatos de experiências e práxis de escolas criativas que adotam a perspectiva transdisciplinar, buscando desenvolver uma reflexão e uma nova forma de olhar para os processos de ensino-aprendizagem da educação básica e sobre os professores que são intelectuais importantes para o constructo de uma sociedade mais humana, crítica e emancipatória.

Convém ressaltar, ademais, que entendemos que há uma inseparabilidade entre a realidade pesquisada (objeto) e o sujeito pesquisador, o que faz com que apoiemos o desenvolvimento desta pesquisa em uma epistemologia que percebe, defende e caracteriza a realidade como dinâmica, relacional, não-linear e, principalmente, complexa. Além disso, acreditamos que pensar o conhecimento científico em correlação com a realidade e com o pesquisador é importante, em especial em pesquisas atreladas à educação, já que as pesquisas educacionais produzem tensionamentos entre o saber científico, o mundo e os seres humanos (Moraes, 2023), a atuação da educação na sociedade e a responsabilidade social da escola, fatores que tornam a pesquisa mais próxima das pessoas e de seus questionamentos.

Sendo assim, fundamentando-se na Epistemologia da Complexidade, cujo autor é Edgar Morin, apresentaremos uma pesquisa de cunho qualitativo na qual faremos uma revisão da literatura de obras selecionadas de Edgar Morin acerca dos conceitos de Complexidade, de Transdisciplinaridade e de Mediação Didática, a fim de elaborarmos um novo conceito: Mediação Transdisciplinar. Para isso, torna-se importante elucidarmos, primeiramente, como o pensamento complexo será o fio condutor desta dissertação.

De acordo com Edgar Morin (2005, p. 5), “é complexo o que não pode se resumir numa palavra-chave, o que não pode ser reduzido a uma lei nem a uma ideia simples”. Por isso, pensar a mediação transdisciplinar exige uma complexidade e uma transcendência, pois a docência e a realidade educacional têm como característica o dinamismo, a imprevisibilidade, a multidimensionalidade e as relações entre sujeitos e processos de ensino-aprendizagens. Diante disso, a presente pesquisa de dissertação aposta na complexidade para buscar e defender uma realidade educacional situada, contextualizada e global, onde estudantes e professores possam ser agentes transformadores de suas realidades, de sua cultura e de si mesmos.

Uma pesquisa que se fundamenta na Complexidade é uma pesquisa que busca alinhar-se aos seguintes princípios-operadores do pensar complexo: o princípio sistêmico-organizacional, o princípio hologramático, o princípio retroativo, o princípio recursivo, o princípio dialógico, o princípio auto-eco-organizador, o princípio da reintrodução do sujeito cognoscente no processo de construção do conhecimento, o princípio ecológico da ação, o princípio da enação e o princípio ético (Moraes, 2023). Tais princípios-operadores são importantes porque demonstram que o mundo e o sujeito - no caso da pesquisa científica, o objeto e o pesquisador - emergem juntos (Morin, 2005), trata-se de um processo de interações e interdependência.

Conforme apresenta Maria Cândida Moraes (2023), em sua obra “Epistemologia da Complexidade e Pesquisa Educacional”, o *Princípio Sistêmico-Organizacional* mostra que

precisamos compreender os fenômenos como sistemas complexos, nos quais há uma interconexão e/ou interdependência dos elementos que o constituem, fazendo com que a sua organização e/ou funcionamento seja fruto das interações que eles produzem. *O Princípio Hologramático*, por sua vez, entende que não apenas o todo está nas partes, mas também as partes estão no todo, o que promove uma ideia de que os indivíduos e/ou fenômenos influenciam e são influenciados pelos processos que os atravessam. Ao falar sobre o *Princípio Retroativo*, Moraes (2023) pondera que a causa e o efeito não são lineares e unidirecionais dentro de um sistema, mostrando que ações geram consequências, e essas influenciam novas ações.

Semelhante a essa ideia, temos o *Princípio Recursivo*, que defende que os fenômenos são produtos e produtores de si mesmos, ou seja, eles moldam e são moldados por si. O *Princípio Dialógico*, complementarmente, reconhece a coexistência e a interação de lógicas diferentes e, por vezes, antagônicas dentro de um mesmo fenômeno, buscando não eliminar as divergências, mas sim promover novas ideias e/ou compreensões a partir delas. A partir dessas ideias, Moraes (2023) mostra que o *Princípio Auto-eco-organizador* visa enfatizar que os fenômenos, e os sistemas que os constituem, são capazes de promoverem a própria organização, mantendo as suas interações com o ambiente e mostrando que são sistemas vivos e autônomos.

Ademais, com o *Princípio da Reintrodução do Sujeito Cognoscente no Processo de Construção do Conhecimento*, a ideia da inseparabilidade do sujeito e do conhecimento é rompida, visto que esse princípio defende que os fenômenos acontecem mediante a relação direta entre o sujeito e o conhecimento, o qual influencia a construção da realidade daquele fenômeno. Por isso, o *Princípio Ecológico da Ação* demonstra que os fenômenos são constituídos por ações que não são isoladas, e sim que interagem com o ambiente, modificando-o e sendo modificadas por ele.

Com efeito, Moraes (2023) apresenta que o *Princípio da Enação* comprova a complexidade dos fenômenos, já que ele enfatiza que o conhecimento não é uma representação passiva de um mundo que está externo ao saber, mas sim uma interação ativa dos organismos com os ambientes em que estão. Por fim, o *Princípio Ético* aponta para a necessidade do respeito, da ética e da integridade para a construção e/ou existência dos fenômenos, haja vista que as ações e os saberes que os constituem passam por diversas relações que afetam o corpo social e, por isso, precisam se orientar por uma ética complexa e humana.

Embora não seja tarefa fácil realizar pesquisa mediante as orientações desses princípios, é importante encararmos os desafios de fazer pesquisas mais humanizadas e contextualizadas, costurando sentidos que transcendam as paredes do universo acadêmico. Afinal, enquanto

pesquisadores, somos produtores e produtos de nossas investigações, pois não estamos desvinculados da realidade que pesquisamos. A Epistemologia da Complexidade reconhece que “a ciência do homem não possui um princípio que enraíze o fenômeno humano no universo natural, nem um método apto a apreender a extrema complexidade que o distinga de qualquer outro fenômeno natural conhecido” (Morin, 2005, p.17).

Destarte, ao ancoramos esta dissertação no pensamento complexo, buscamos uma unidade entre teoria e prática, entre pesquisa e realidade, para que consigamos apreender as complexidades envoltas nos atos de mediar os processos de ensino-aprendizagem e, principalmente, para que eles sejam contextualizados, situados, globais e complexos (Morin, 2005; Suanno, 2022). Assim como Edgar Morin (2005), acreditamos que o pensamento complexo poderá ajudar a civilização do conhecimento e, por isso, essa pesquisa não nega e/ou questiona outras perspectivas teórico-metodológicas, mas sim tensiona-as, para que haja, nos meios científicos, procedimentos flexíveis e dinâmicos que consigam reconhecer e respeitar a natureza variável, circular, relacional e intersubjetiva das pesquisas em ciências humanas (Moraes, 2023). Portanto, para nós,

a um primeiro olhar, a complexidade é um tecido (*complexus*: o que é tecido junto) de constituintes heterogêneas inseparavelmente associadas: ela coloca o paradoxo do uno e do múltiplo. Num segundo momento, a complexidade é efetivamente o tecido de acontecimentos, ações, integradas, retroagidos, determinadas, acasos, que constituem nosso mundo fenomênico. Mas então a complexidade se apresenta com os traços inquietantes do emaranhado, do inextricável, da desordem, da ambiguidade, da incerteza (Morin, 2005, p. 13)

Pensar complexo requer transcender a ideia de que a complexidade está atrelada à desordem e/ou a algo difícil. Pensar complexo diz respeito a uma postura que, enquanto pesquisadores, assumimos diante do mundo, a qual faz com que percebamos a realidade não com um olhar simplificador e descontextualizado, mas sim com um olhar global e relacional, onde todos transformam e são transformados. Desse modo, concebemos a pesquisa como um processo que elabora e entrelaça vias e tessituras, com o fito de ampliar os caminhos para a apreensão dos conhecimentos, reconhecendo que eles não estão dados em sua completude, visto que

o pensamento complexo aspira ao conhecimento multidimensional. Mas ele sabe desde o começo que o conhecimento completo é impossível: um dos axiomas da complexidade é a impossibilidade, mesmo em teoria, de uma onisciência. Ele faz suas as palavras de Adorno: “A totalidade é a não-verdade”. Ele implica o reconhecimento de um princípio de incompletude e de incerteza. Mas traz também em seu princípio o reconhecimento dos laços entre as entidades que nosso pensamento deve necessariamente distinguir, mas não isolar umas das outras.” (Morin, 2005, p.6-7)

A intenção desta epistemologia não é deixar o conhecimento científico difícil, mas sim sensibilizar os pesquisadores da importância de um pensamento que una o complexo e o simples, promovendo uma relação dialógica entre eles, a fim de possibilitar uma visão multidimensional dos processos envolvidos no ato da pesquisa e, principalmente, da relação entre objeto e pesquisador, religando conhecimentos e reconhecendo a incompletude científica deles (Morin, 2005; 2020). É importante considerar que “a complexidade não é um fundamento. É um princípio regulador que não perde de vista a realidade do tecido fenomênico no qual estamos e que constitui nosso mundo” (Morin, 2015, p.105), portanto pensar complexo requer entender que os seres humanos são seres culturais, biofísicos, históricos, sociais e complexos, a fim de não fragmentar os conhecimentos e de não afastar o pesquisador de seu objeto pesquisado (Morin, 2020).

Pensando nisso, para tecermos esta dissertação, utilizaremos um método insurgente que busca traduzir a complexidade da realidade pesquisada e que reconheça a presença e/ou participação humana durante o processo de investigação, aproximando-as e entrelaçando-as com o fito de construir conexões entre a racionalidade, as paixões do pesquisador e as emergências do mundo pesquisado (Morin, 2020). Afinal, acreditamos que “o amor deve ser instaurado em uma relação indissociável e complexa com o princípio da racionalidade. Deve ser um componente dessa nova racionalidade” (Morin, 2020, p.107).

Considerado pelo próprio autor, Edgar Morin, um Método Antimétodo, buscaremos com esse método tecer um estudo aberto que entenda a relação intrínseca entre o racional e o irracional, entre o completo e o incerto, com vistas a entender que a racionalidade presente nesta pesquisa científica requer a compreensão da complexidade envolta nos processos de ensino-aprendizagem, nas atuações docentes e, em especial, no contexto da educação básica brasileira (Morin, 2020).

Com o Método Antimétodo, consideramos que, durante a caminhada investigativa, pode haver desvios, bifurcações e mudanças de rotas que refletem a característica adaptativa e evolutiva do conhecimento e, por isso, precisam de um método que apoie-se em procedimentos dinâmicos e flexíveis que reconheçam a incerteza, a não-linearidade e a multidimensionalidade do nosso objeto de pesquisa e de sua relação com e no mundo pesquisado (Moraes, 2023). Trata-se de um método apoiado na Epistemologia da Complexidade e que, por isso, busca a apreensão das tessituras complexas existentes nos conhecimentos e em suas interações com o pesquisador e com o mundo, a fim de “produzir um conhecimento pertinente, significativo, contextualizado, religado, a partir de uma realidade multidimensional, complexa e incerta” (Moraes, 2023, p.26).

Com efeito, entendendo que esta dissertação visa entrelaçar a Epistemologia da Complexidade, o Método Antimétodo, os processos de mediação docente e a realidade educacional brasileira, apoiamos as nossas pesquisas em uma metodologia que abraçasse e possibilitasse essas interrelações, pois acreditamos que

a metodologia inclui simultaneamente a teoria da abordagem (o método), os instrumentos de operacionalização do conhecimento (as técnicas) e a criatividade do pesquisador (sua experiência, sua capacidade pessoal e sua sensibilidade). A metodologia ocupa um lugar central no interior das teorias e está referida a elas (Minayo, 2007, p.14).

Além disso, ressaltamos que, nesta dissertação, a pesquisa é compreendida como um diálogo entre teoria e prática, entre o campo científico e a realidade, o qual possibilita uma interação o pensamento e ação, constituintes de quaisquer ciências, e favorece reflexões a partir de referências teóricas que reconheçam as relações humanas e, por conseguinte, os contextos sócio-histórico-culturais como partícipes desta elaboração investigativa (Minayo, 2007). Tendo em vista tais questões, a presente dissertação é de tipo qualitativo, visto que

trabalha com o universo dos significados, dos motivos, das aspirações, das crenças, dos valores e das atitudes. Esse conjunto de fenômenos humanos é entendido aqui como parte da realidade social, pois o ser humano se distingue não só por agir, mas por pensar sobre o que faz e por interpretar suas ações dentro e a partir da realidade vivida e partilhada com seus semelhantes (Minayo, 2007, p. 21).

Diante disso, ao vincular-se a estudos que se deparam, direta ou indiretamente, com fenômenos humanos, a abordagem qualitativa não apenas se preocupa com as quantificações, mas também com os interesses e os significados que os dados levantados possuem para a pesquisa realizada. Isso se faz presente neste trabalho, haja vista que propomos uma reflexão acerca de uma realidade multifacetada e complexa, chamada docência, e de seus reflexos no meio educacional brasileiro, o que não basta ser quantificado, pois a apreensão deste fenômeno requer um olhar cauteloso, subjetivo, relacional, flexível e que considere as diferentes dimensões envolvidas na sua existência. A presente dissertação versa sobre um fator essencialmente humano - a mediação -, por isso necessita de uma abordagem que compreenda a realidade social e humana dos processos pesquisados.

Contudo, entender a constituição diversa e multidimensional do objeto pesquisado não se reduz apenas à escolha da abordagem, uma vez que consideramos importante a apreensão dos conhecimentos que já foram construídos e/ou instigados acerca dos objetos investigados, ou seja, acerca da mediação didática e da transdisciplinaridade. Sendo assim, fizemos uma revisão conceitual de literatura, com vistas a conhecer e a entender como os conceitos têm sido

trabalhados e investigados na literatura educacional brasileira. Logo, esta dissertação é feita a partir da revisão conceitual de literatura, de tipo qualitativo, a qual utiliza-se dos traçados do Método Antimétodo e das linhas da Epistemologia da Complexidade para ser tecida.

A Metodologia da pesquisa

Metodologicamente, desenvolveremos uma revisão conceitual de literatura, em especial, nas obras e/ou nos estudos de Edgar Morin, para fomentar o nosso aporte epistemológico e aproximar as nossas descobertas acerca da Epistemologia da Complexidade. Para realizar essa revisão conceitual, utilizaremos um modo de leitura contemporâneo e tecnológico, no qual é possível realizarmos pesquisas, leituras e análises de maneira mais dinâmica. Essa abordagem permite uma leitura mais ativa, marcada pela identificação de elementos centrais do texto e pela imersão nas representações que ele suscita (Toschi e Anderi, 2010).

Desse modo, a leitura das obras centrais e complementares será realizada mediante as telas, ou seja, utilizaremos, além de obras físicas, obras digitalizadas e/ou virtuais, para que consigamos fazer uma leitura vertical, buscando e analisando os conceitos-chave para esta pesquisa. Por esse motivo, acreditamos que fazer uma leitura é mais que decifrar os códigos linguísticos, visto que ler é tecer relações e/ou conexões entre os aspectos linguísticos, os saberes e as interpretações do leitor e as intencionalidades dos autores das obras (Koch e Elias, 2020). Trata-se, portanto, de uma atividade altamente complexa e interacional. Afinal,

Falar de texto é falar de sentido, ou melhor, de sentidos. Ainda mais quando levamos em conta que esse sentido é construído na relação que se estabelece entre o autor, o texto e o leitor. Isso significa dizer que, para essa atividade, concorre uma série de conhecimentos provenientes de uma intrincada relação envolvendo aqueles três elementos (Koch e Elias, 2020, p. 19).

Sabemos da quantidade de sentidos que podem ser atribuídos às obras que serão nossos objetos de análise, por isso, buscamos nelas os conceitos que constituirão essa dissertação, a fim de fazermos uma revisão conceitual de literatura e promovermos interações transdisciplinares, complexas e críticas com o material a ser pesquisado. Ademais, é importante salientarmos que entendemos por revisão conceitual de literatura o processo em que nós, enquanto leitores e/ou pesquisadores, produzimos uma relação entre ação e prática, entre a teoria e o real, de maneira organizada e intencional, a fim de favorecer ações/pensamentos

transformadores para a realidade pesquisada. Tal relação ocorre quando, ao buscarmos e estudarmos um determinado conceito, conseguimos associá-lo ao produto que estamos elaborando nesta pesquisa.

Sendo assim, com o fito de fazermos uma análise pertinente e contextualizada com o nosso propósito, na tabela a seguir, são apresentadas as incidências dos conceitos-chave desta dissertação, a saber, Complexidade, Complexo, Transdisciplinar e/ou Transdisciplinaridade e Mediação, que foram encontrados nas nove obras referidas, excluindo-se títulos, subtítulos, notas de rodapé e informações pré-textuais desses livros, as quais foram utilizadas para a análise e a revisão conceitual da literatura proposta. A quantificação de tais conceitos, conforme apresentada na Tabela 1, serviu como um primeiro passo estratégico para a revisão conceitual de literatura subsequente, porque a incidência observada desses termos nas obras selecionadas de Edgar Morin não apenas validou a escolha do referencial teórico, mas também forneceu um caminho inicial da relevância e da centralidade de cada conceito dentro da tessitura desta investigação.

Tabela 1 - Incidência dos conceitos Complexidade, Complexo, Transdisciplinar e/ou Transdisciplinaridade e Mediação nas obras de Edgar Morin

OBRA, AUTOR e ANO	Qntd. da palavra COMPLEXIDADE	Qntd. da palavra COMPLEXO	Qntd. da palavra TRANSDISCIPLINAR TRANSDISCIPLINARIDADE	Qntd. da palavra MEDIAÇÃO
“Introdução ao pensamento complexo” (Edgar Morin, 2005)	178	42	3	1
“A aventura de O Método e para uma racionalidade aberta” (Edgar Morin, 2020)	36	24	2	2
“Os sete saberes necessários à educação do futuro” (Edgar Morin, 2000)	38	39	0	0
“Cabeça bem-feita: repensar a reforma, reformar o pensamento” (Edgar Morin, 2003)	37	27	11	0
“Ensinar a viver: manifesto para mudar a educação” (Edgar Morin, 2015)	30	30	7	0
“Educar na era planetária: o pensamento complexo como Método de aprendizagem no erro e na incerteza humana” (Emílio-Roger Ciurana e Raúl Domingo Motta, 2003)	76	72	1	0
“Terra-pátria” (Edgar Morin e Anne-Brigitte Kern, 2003)	24	30	0	0
“Reinventar a educação: abrir caminhos para a metamorfose da humanidade” (Edgar Morin e Carlos Jesús Delgado Díaz, 2016)	24	33	12	0
“Fraternidade: para resistir à crueldade do mundo” (Edgar Morin, 2019)	1	2	1	0

Fonte: Elaborada por Silva (2025).

Nessas obras, fizemos a busca dos conceitos mencionados a partir do uso dos descritores “Complexidade”, “Complexo”, “Transdisciplinar”, “Transdisciplinaridade” e “Mediação”, a

fim de conseguir a incidência dos conceitos nas obras e, principalmente, de auxiliar na compreensão deles. Para chegarmos a esses números, realizamos uma leitura horizontal, ou melhor, uma leitura dinâmica nas obras de Edgar Morin, buscando escanear os conceitos citados (Toschi e Anderi, 2010). Os dados encontrados com essa busca foram organizados em quadros, nos quais foram colocados, especificamente, os trechos/parágrafos/citações que continham os conceitos pesquisados. Nesses quadros, transcrevemos não somente as partes que mencionaram os conceitos, mas também o nome das obras, os autores, a editora e o ano de publicação da obra analisada.

Após a leitura dinâmica e a organização dos quadros com os trechos que falavam sobre “Complexidade”, “Mediação”, “Complexo”, “Transdisciplinar” e “Transdisciplinaridade”, realizamos uma leitura verticalizada, a qual possibilitou uma análise mais cuidadosa de cada conceito. A partir dessa análise, ou melhor, dessa revisão conceitual de literatura, procuramos estabelecer pontes entre os pensamentos de Edgar Morin e a atuação dos professores da educação básica brasileira, lançando luz sobre as discussões acerca de uma mediação transdisciplinar e transformadora. Logo, foi realizado um trabalho cauteloso em relação aos estudos de Morin (2000; 2003a; 2003b; 2003c; 2005; 2015; 2016; 2019; 2020), visando não só a compreensão de suas descobertas, mas também a proposição de uma nova reflexão acerca do processo de ensino-aprendizagem.

Escolhemos fazer uma revisão conceitual da literatura de Edgar Morin porque, assim como exposto por Koch e Elias (2022), entendemos que a leitura é concebida como uma atividade interativa e multifacetada, na qual se dá a produção de sentidos. Sendo assim, apoiamos esta dissertação na concepção interacional, e dialógica, que os textos carregam, reconhecendo as obras de Edgar Morin (2000; 2003a; 2003b; 2003c; 2005; 2015; 2016; 2019; 2020) como textos instigadores e propulsores de uma reforma que leva não só à mudança no contexto educacional, mas sim na percepção sobre a vida humana.

Posto isso, apoiando-nos na concepção de que os sujeitos, em especial os pesquisadores, são “atores/construtores sociais, sujeitos ativos que - dialogicamente - se constroem e são construídos no texto” (Koch e Elias, 2022, p. 10), observamos que o termo “mediação” tratado por Morin, nas obras em que o termo aparece, não diz respeito ao conceito que estamos analisando. Embora o autor Edgar Morin não utilize do conceito “mediação” no âmbito da ação docente, ele defende, ao longo de suas obras, que o professor é um profissional importante para a formação dos estudantes e que o ensino contribui para a reforma e a complexificação do pensamento. Por isso, acreditamos ser importante ancorarmos a nossa pesquisa em sua epistemologia, visto que desenvolver uma Mediação Transdisciplinar é um desafio que se

constitui complexo, multidimensional, dinâmico, contextualizado e globalizado (Morin, 2000; 2003; 2005; 2015; 2020), características que evidenciam a complexidade entrelaçada nos processos de ensino-aprendizagem.

Complementarmente às obras de Edgar Morin, pesquisaremos autores que atuam mais diretamente com os conceitos de transdisciplinaridade e de mediação, mas que se fundamentam no Pensamento Complexo, apresentados na tabela a seguir, os quais também servirão de base para que possamos tecer esta dissertação.

Tabela 2 - Obras selecionadas de pesquisadores(as) que se fundamentam no Pensamento Complexo de Edgar Morin.

Autor (es)	Obra e/ou Capítulo de livros	Tipo de obra	Editora	Ano
Basarab Nicolescu	O Manifesto da Transdisciplinaridade	Livro	Triom	2008
Maria Cândida Moraes	Epistemologia da Complexidade e a Pesquisa Educacional	Livro	CEP Edgar Morin	2023
Maria Cândida Moraes	Ecologia de Saberes	Livro	Prolíbera	2008
Marilza Vanessa Rosa Suanno	Didática Complexa e Transdisciplinar	Capítulo de Livro	Cortez	2023
Edgar Morin, Basarab Nicolescu e Lima de Freitas	Carta da Transdisciplinaridade	Carta	-	1994

Fonte: Elaborada pela autora.

Guiando-nos por esses autores e essas obras, buscamos, com esta dissertação, desenvolver o conceito de Mediação Transdisciplinar, a partir da compreensão e complexificação do conceito de Mediação didática e de Transdisciplinaridade, bem como diante de suas relações com a Epistemologia da Complexidade, entendendo o professor da educação básica como um intelectual importante para um processo de ensino-aprendizagem que preze pela complexidade, globalidade e contextualização dos saberes. Com efeito, ao investigarmos essa teia de inter-relações entre professores, estudantes, aprendizagens e mundo, defendemos a importância de uma escola que veja os seus estudantes e os seus professores como sujeitos partícipes e em relação com e no mundo em que vivem e, por isso, sujeitos complexos que

podem ter as suas aprendizagens potencializadas mediante a multidimensionalidade, o dinamismo e a complexidade dos processos de ensinar e aprender.

Ao entender e defender o papel mediador do professor da educação básica no processo educativo, queremos, aqui, propor que esse papel ganhe um novo sentido ao entrelaçar a Mediação Didática e a Transdisciplinaridade, a fim de fazer emergir a característica de mediador transdisciplinar para os professores. Contudo, sabemos que há desafios grandes que assolam a realidade escolar e as atuações docentes, como a falta de infraestrutura, a desvalorização e a crescente onda de ataques neoliberais à educação. Por isso, esta dissertação busca refletir como os professores da educação básica, enquanto profissionais intelectuais, podem ser mediadores didáticos transdisciplinares, favorecendo um processo de ensino-aprendizagem complexo, crítico e humanizador, em um cenário de ataques neoliberais que assolam a atuação docente e as aprendizagens discentes no Brasil.

POR UMA EDUCAÇÃO TRANSDISCIPLINAR, COMPLEXA, HUMANA E PLANETÁRIA

Assim como a vida, os processos de ensino-aprendizagem são marcados por fatores, como os contextos sociais, cognitivos, culturais e emocionais dos estudantes, que podem se tornar encruzilhadas para a promoção de uma aprendizagem crítica, humanista e emancipatória, quando não recebem a atenção necessária. Tais fatores, direta e indiretamente, impactam a relação entre os estudantes, os professores e o conhecimento, por isso acreditamos que é interessante que os professores, enquanto intelectuais mediadores, possam ajudar os estudantes a caminharem por uma estrada contínua, formativa e complexa ao longo da busca pelo conhecimento.

Sendo assim, nesta seção, buscaremos apresentar, a partir da revisão e da análise das obras de Edgar Morin, o conceito de Transdisciplinaridade como uma via para um processo de ensino-aprendizagem que considere os contextos e as necessidades individuais dos estudantes, em prol de uma educação mais humana. Além disso, pensaremos como a educação pode se tornar uma estrada complexa, contextualizada e transdisciplinar, a partir de uma atuação docente que consiga ensinar não apenas os saberes disciplinares, mas sim, e principalmente, ensinar sobre a vida. Afinal, como defende Morin (2003c), precisamos de uma educação que preze pela cabeça bem-feita, e não pela cabeça bem-cheia dos alunos.

Antes de tomarmos essas direções, é relevante entendermos que, mesmo que a transdisciplinaridade seja uma potencial aliada para a construção de processos de ensino-

aprendizagem na educação básica, o modelo de ensino compartimentado em disciplinas atravessa as gerações da educação e instiga a ideia de que os saberes precisam ser separados para que sejam compreendidos. No entanto, quando separamos saberes, deixamos de lado a riqueza que pode haver nas interações entre eles e nas descobertas que vão além deles, as quais poderiam ser interessantes para a constituição e o desenvolvimento dos seres humanos.

Nós, seres humanos, somos constituídos pelos aspectos biológicos, cognitivos, sociais, culturais e históricos, os quais nos tornam seres complexos e, por isso, produtores de diversas relações no e com o mundo em que vivemos. Logo, a rigidez lógica que perpassa muitos moldes de educação, ainda hoje, não permite que os sujeitos aprendizes potencializem as suas aprendizagens, já que ela prioriza e defende que o conhecimento precisa ser compartimentado em disciplinas para que haja a aprendizagem.

Nesta dissertação, não negamos a existência das disciplinas, mas propomos a superação dos limites impostos por elas. Isto é, acreditamos que o processo de ensino-aprendizagem pode, por meio da organização inter, multi e transdisciplinar dos conhecimentos, proporcionar aprendizagens mais significativas para os estudantes do que um ensino pautado na lógica meramente disciplinar. Não se trata, aqui, de negar a existência das diferentes áreas do conhecimento, tais como as Linguagens, as Artes, as Ciências Exatas e as Biológicas. Trata-se apenas de apresentar uma forma de pensar e/ou de conceber o processo de ensino-aprendizagem mais dialógica, orgânica, contextualizada e complexa.

Contudo, não falamos aqui da multidisciplinaridade ou da pluridisciplinaridade, as quais buscam a justaposição entre duas ou mais disciplinas, valorizando as especificidades de cada área, em prol de alcançar uma temática comum, sem um sistema de cooperação entre as disciplinas. Também não falamos apenas da interdisciplinaridade, que busca um intercâmbio teórico, ou melhor, uma relação entre disciplinas, de modo cooperativo e coordenado, para fomentar a compreensão acerca de determinado assunto (Fazenda, 1979; Suanno, 2022). Embora a multidisciplinaridade e a interdisciplinaridade sejam processos pertinentes para o processo de ensino-aprendizagem, uma vez que elas, ainda que com suas limitações, são válvulas para superar a rigidez lógica do pensamento, a qual prescreve que o conhecimento deve dar-se mediante a disciplinaridade e a separação das áreas, esta dissertação busca ir além dessas categorias. Isso ocorre porque acreditamos que

[...] em nosso atual sistema educacional, é praticamente inexistente a prática interdisciplinar, tanto no campo do ensino quanto no da pesquisa. O que existe, e assim mesmo numa escala reduzida, são encontros pluridisciplinares. E estes são muito mais frutos de uma imaginação criadora e combinatória, sabendo manejar conceitos e métodos diversos, dando origem a combinações imprevistas, do que algo instituído.

Mesmo assim, tais encontros se realizam como práticas individuais. (Japiassu, 1994, p.2)

Além disso, em virtude da falta de estudos e/ou de orientações teórico-pedagógicas para quem busca um ensino interdisciplinar, o que ocorre com esse modo de organização do conhecimento é uma falsa sensação de união entre as disciplinas, já que elas, ainda que trabalhem voltadas para alguma temática comum e que busquem a interação entre áreas, acabam evidenciando a divisão dos saberes, pois cada professor trabalha com o seu próprio objeto de estudo, ou seja, os conhecimentos continuam encaixotados em disciplinas. Desse modo, assim como pondera Edgar Morin (2008), em sua obra *Ciência com Consciência*,

sabemos cada vez mais que as disciplinas se fecham e não se comunicam umas com as outras. Os fenômenos são cada vez mais fragmentados, e não se consegue conceber a sua unidade. É por isso que se diz cada vez mais: "Façamos interdisciplinaridade." Mas a interdisciplinaridade controla tanto as disciplinas como a ONU controla as nações. Cada disciplina pretende primeiro fazer reconhecer sua soberania territorial, e, à custa de algumas magras trocas, as fronteiras confirmam-se em vez de se desmoronar (Morin, 2008, p. 135)

Complementarmente, entendemos que Morin (2003), em sua obra *A cabeça bem-feita: repensar a reforma, reformar o pensamento*, foi feliz ao ponderar que

a interdisciplinaridade pode significar, pura e simplesmente, que diferentes disciplinas são colocadas em volta de uma mesma mesa, como diferentes nações se posicionam na ONU, sem fazerem nada além de afirmar, cada qual, seus próprios direitos nacionais e suas próprias soberanias em relação às invasões do vizinho. Mas interdisciplinaridade pode significar também troca e cooperação, o que faz com que a interdisciplinaridade possa vir a ser alguma coisa orgânica. A multidisciplinaridade constitui uma associação de disciplinas, por conta de um projeto ou de um objeto que lhes sejam comuns; as disciplinas ora são convocadas como técnicos especializados para resolver tal ou qual problema; ora, ao contrário, estão em completa interação para conceber esse objeto e esse projeto, como no exemplo da hominização (Morin, 2003, p.115)

Por conseguinte, pensamos que a ideia de disciplinar os saberes é limitadora e não permite que o processo de ensino-aprendizagem seja complexificado, visto que “os “óculos” de uma disciplina são totalmente impotentes para estudar os problemas em sua complexidade” (Japiassu, 1994). Professores e alunos poderiam buscar por aprendizagens mais contextualizadas e inter-relacionadas, a fim de potencializarem os seus saberes e as suas compreensões sobre e com o mundo em que vivem. Diminuir os conhecimentos aos planos de ensino, às grades curriculares e à divisão de horários reduz as chances de os estudantes vivenciarem um aprendizado que entrelace as suas vivências e/ou experiências, os

conhecimentos científicos e os saberes sócio-histórico-culturais, ou seja, um aprendizado que transcende os conteúdos prescritos nos livros didáticos.

O conceito de Transdisciplinaridade e as tessituras do aprendizado

Nesta dissertação, buscamos ir além do ensino que une disciplinas em volta de um tema. Aqui, pensamos em um processo de ensino-aprendizagem apoiado no pensamento complexo e na transdisciplinaridade. Entendemos que a transdisciplinaridade é uma forma de organização do conhecimento que transcende a interdisciplinaridade e a multidisciplinaridade, a fim de buscar a coexistência entre os saberes. “Como abordagem “científica” que pretende ser, mas como abordagem cultural e social que é, o Transdisciplinar diz respeito ao que está entre as disciplinas, através delas e além de cada uma” (Japiassu, 2016, p.03). Trata-se de um modo de pensar, alicerçado na Epistemologia da Complexidade, em que há a busca pela superação da separação entre os seres humanos e o mundo que os rodeia.

Compartilhamos da ideia de Morin (2005), pois acreditamos que o pensamento transdisciplinar é, de certa forma, indisciplinar. Isso se dá porque, assim como exposto na obra *Reinventar a educação: abrir caminhos para a metamorfose* (Morin e Días, 2016), o pensamento transdisciplinar prioriza a superação da rigidez lógica e a reforma do ensino, instigando uma racionalidade mais aberta, sistêmica e dialógica, a partir de novas maneiras de construir relações e compreensões com o conhecimento.

Trata-se, de qualquer forma, de compreender as relações, as redes de relações, de reinterpretar a causalidade para compreender as retroações e as curvas geradoras, de superar a rigidez lógica e considerar os processos de auto-organização, o pensamento sistêmico, a dialógica que enfrenta as dicotomias e os isolamentos. De fomentar a atitude para contextualizar e globalizar, e desdobrar as capacidades a fim de propor e resolver problemas. De alcançar o pleno emprego da inteligência e uma nova atitude para organizar os conhecimentos em formas inter, multi e transdisciplinares (Morin e Días, 2016, p.69-70).

Acreditamos que essa forma de organização do conhecimento pode ajudar a complexificar as aprendizagens dos estudantes, já que ela introduz um olhar policompetente e multidisciplinar para os saberes, valorizando os conhecimentos científicos, bem como os conhecimentos culturais, sociais e históricos que interpelam o mundo dos sujeitos aprendizes. Essa forma de pensar o processo de ensino-aprendizagem é importante porque compreende a multiplicidade e a complexidade que formam o ser humano. Conforme aponta Morin (2015), em *Ensinar a Viver: manifesto para mudar a educação*, o ser humano é marcado por uma

profunda multiplicidade interior, sendo constituído por diferentes dimensões que se manifestam de formas diversas ao longo de sua existência, variando conforme os contextos, as emoções e as relações que vivencia (Morin, 2015). Logo, é necessário humanizarmos o processo de ensino e acolhermos as constelações de pensamentos que constituem os estudantes e os docentes envolvidos na aprendizagem.

Embora a educação brasileira vivencie uma lógica utilitarista e mercadológica do conhecimento, a qual, ao reduzir o trabalho docente a tarefas padronizadas, centradas em resultados e métricas de desempenho, fragiliza a relação dos professores com os objetos de estudo e com os alunos, é possível insurgir nesse cenário desafiador. Nesse modelo neoliberalista, o professor deixa de atuar como mediador crítico e intelectual da prática pedagógica, passando a cumprir prescrições externas que esvaziam a criatividade, a autonomia e o diálogo formativo. Como afirma Saviani (2020), o neoliberalismo converte a escola em um espaço de treinamento para as competências e as habilidades consideradas úteis pelo mercado, desfigurando sua função humanizadora, e isso compromete a construção de vínculos pedagógicos significativos e limita o acesso dos estudantes a experiências cognitivas, culturais e sensíveis essenciais ao desenvolvimento integral.

A transdisciplinaridade é, para nós, uma luz frente ao obscurantismo desses ataques neoliberais que assolam a educação, pois ela permite que estudantes e professores sejam sujeitos ativos em seus processos de ensino-aprendizagem, os quais serão pensados de uma forma mais contextualizada e dialogada com a realidade em que estão situados. O pensamento transdisciplinar não busca o rompimento das áreas de conhecimento e/ou a negação das disciplinas, mas propõe que haja uma complementaridade a elas. Assim como apresentado na *Carta da Transdisciplinaridade* (1994),

a transdisciplinaridade é complementar à abordagem disciplinar; ela faz emergir novos dados a partir da confrontação das disciplinas que os articulam entre si; oferece-nos uma nova visão da natureza da realidade. A transdisciplinaridade não procura a mestria de várias disciplinas, mas a abertura de todas as disciplinas ao que as une e as ultrapassa (Freitas, Morin e Nicolescu, 1994, p.1)

Por isso, nesta dissertação, defendemos que “uma educação autêntica não pode privilegiar a abstração no conhecimento. Ela deve ensinar a contextualizar, concretizar e globalizar” (Freitas, Morin e Nicolescu, 1994, p.3), e a transdisciplinaridade é uma forma de organização do conhecimento que favorece essas atitudes que contribuem para a complexificação do processo de ensino-aprendizagem. Portanto, em consonância com a

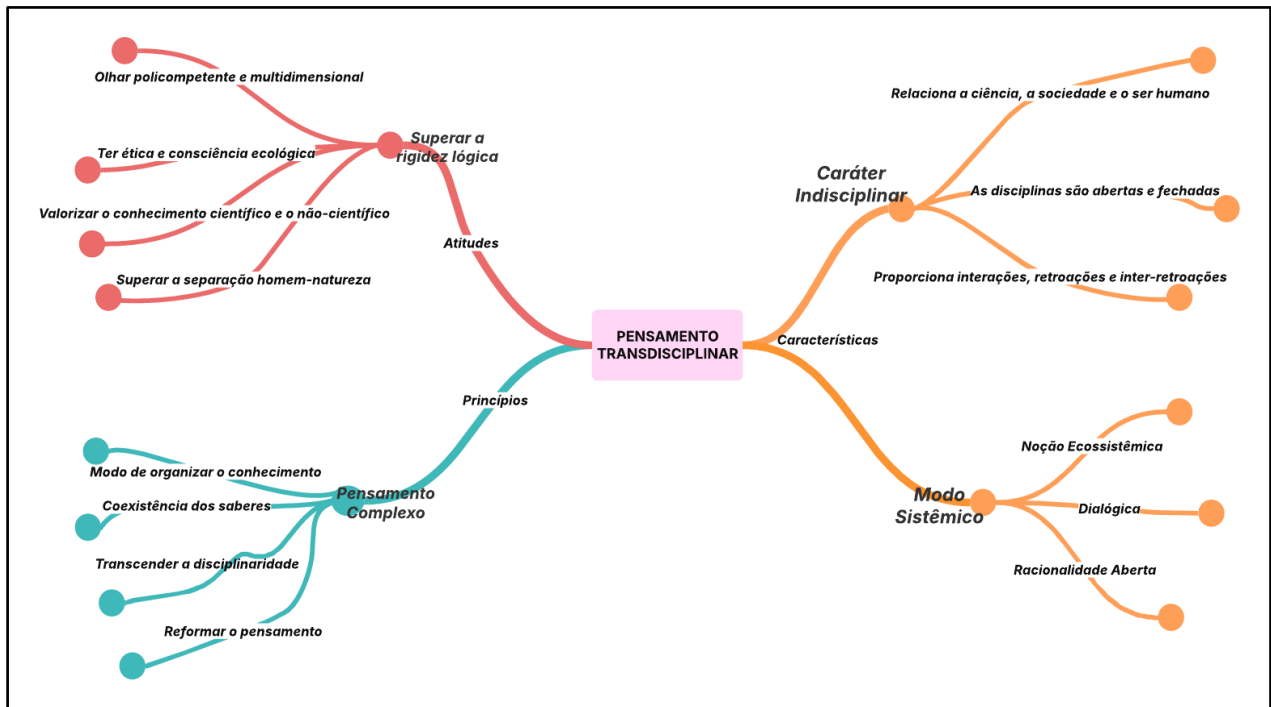
abordagem feita por Morin (2003), na obra *A cabeça bem-feita: repensar a reforma, reformar o pensamento*, entendemos que

o importante não é apenas a idéia (*sic*) de inter- e de transdisciplinaridade. Devemos “ecologizar” as disciplinas, isto é, levar em conta tudo que lhes é contextual, inclusive as condições culturais e sociais, ou seja, ver em que meio elas nascem, levantam problemas, ficam esclerosadas e transformam-se. É necessário também o “metadisciplinar”; o termo “meta” significando ultrapassar e conservar. Não se pode demolir o que as disciplinas criaram; não se pode romper todo o fechamento: há o problema da disciplina, o problema da ciência, bem como o problema da vida; é preciso que uma disciplina seja, ao mesmo tempo, aberta e fechada (Morin, 2003, p.115).

Nesse sentido, é importante considerar que a transdisciplinaridade, enquanto forma de organização do conhecimento, não se reduz a uma abordagem estritamente metodológica (Morin e Díaz, 2016). A transdisciplinaridade pode ser entendida como uma forma de se relacionar com o mundo e com os processos educativos, pois se apoia em uma racionalidade aberta a novas formas de compreender as ideias de definição e objetividade (Freitas, Morin e Nicolescu, 1994). Isso requer um pensamento que não reduza os conhecimentos a perspectivas rígidas, mas que valorize a complexidade constitutiva dos sujeitos e dos saberes que produzem. Assim, trata-se de uma maneira de conceber e viver a existência, configurando-se como uma mudança necessária para a educação.

Sabemos que a Transdisciplinaridade é uma concepção que tem ganhado, a passos lentos, espaço nos cenários educacionais e, por isso, acreditamos ser importante apresentar de maneira mais detalhada esse conceito, com o fito de tornar possível a tessitura de processos de ensino-aprendizagem alinhados com os princípios e as atitudes que envolvem o pensamento transdisciplinar. Para isso, apresentamos a seguir um mapa conceitual com base nos estudos e/ou nas análises das obras do Edgar Morin (2000; 2003a; 2003b; 2003c; 2005; 2015; 2016; 2019; 2020), as quais trazem o conceito de transdisciplinaridade.

Figura 1 - Mapa conceitual sobre o Pensamento Transdisciplinar



Fonte: Elaborado por Silva (2025).

Para alcançar tais princípios e atitudes, é preciso não só um olhar transdisciplinar, mas também um pensamento complexo, pois juntos eles contribuem para uma metamorfose necessária nos processos de ensino-aprendizagem, a fim de que os alunos alcancem voos mais contextualizados, abertos, ecossistêmicos e dialógicos. Por isso, nesta dissertação, embasamos as nossas análises e as nossas proposições nas obras de Edgar Morin (2000; 2003a; 2003b; 2003c; 2005; 2015; 2016; 2019; 2020) intelectual responsável por criar a Epistemologia da Complexidade, a qual busca o rompimento das fragmentações e a complexificação dos conhecimentos. Para nós, ter a complexidade como fio condutor no momento de tecer proposições para uma mediação transdisciplinar é importante, porque

educar com base no pensamento complexo deve ajudar-nos a sair do estado de desarticulação e fragmentação do saber contemporâneo e de um pensamento social e político, cujas abordagens simplificadora produziram um efeito demasiado conhecido e sofrido pela humanidade (Morin, Ciurana e Motta, 2003, p.38-39).

A complexidade defendida por Morin (2005) não deve ser confundida com dificuldade, visto que ela é uma nova forma de conceber o mundo e os saberes. Trata-se de reconhecer e

superar a concepção simplista e fragmentada que tem cercado o conhecimento em prol de um pensamento mais dialógico, contextualizado e que reconheça a incompletude e a multidimensionalidade dos conhecimentos. Nessa perspectiva, nesta pesquisa de dissertação, defendemos “um pensamento que una e contextualize; um pensamento complexo que reconheça e assuma o desafio da complexidade, que não é outra coisa senão o desafio de compreender o que está entretecido, a trama de que formamos parte” (Morin e Díaz, 2016, p.78).

Acreditamos que somente por meio da reforma do pensamento proposta pela Epistemologia da Complexidade conseguiremos articular os diferentes saberes das disciplinas, aspirando um conhecimento multidimensional que saiba reconhecer o ser humano como sujeito que produz, reproduz e participa ativamente do processo de ensino-aprendizagem. Buscamos, com efeito, romper com a falsa ideia de neutralidade do processo educacional, aquela que prega apenas a cientificidade como única verdade, com o fito de reconhecer e valorizar a importância das esferas sociais, históricas e políticas que também constituem os estudantes e os professores. Afinal,

se como destacamos antes, a complexidade educativa é complexidade cognoscitiva, política e cidadã, não podemos achar que a educação seja um dispositivo supostamente neutro. As vias para sua reinvenção também não são neutras, posto que devem abraçar suas dimensões cognoscitiva, política e cidadã (Morin e Díaz, 2016, p.66-67).

Precisamos de um processo educativo que consiga transcender a disciplinaridade para que, buscando as dimensões humanas dos estudantes e dos professores, consigamos mudar a nossa concepção acerca dos conhecimentos. Nesta dissertação, concordamos com o proposto por Edgar Morin (2019), em sua obra *Fraternidade: para resistir à crueldade do mundo*, que

para mudar de via, seria necessário previamente mudar nossa maneira de conhecer e pensar — redutora, disjuntiva, compartimentada — para um modo de pensamento complexo que religa, capaz de apreender os fenômenos em sua diversidade e, ao mesmo tempo, em sua unidade e também em sua contextualidade (Morin, 2019, p.41).

A transdisciplinaridade, desse modo, é uma das locomotivas para sairmos de um ensino fragmentado rumo a um ensino contextualizado. Pensar e, sobretudo, agir de maneira transdisciplinar é superar visões unidimensionais, romper com o dualismo e com o reducionismo que perpassam as ciências, unir a razão e a emoção, transcender a linearidade do pensamento e, principalmente, lutar por um conhecimento que ligue os seres humanos à natureza, respeitando a diversidade, a temporalidade e a identidade dos indivíduos, em prol de

um ensino globalizado e complexo (Suanno, 2023b). Logo, uma educação transdisciplinar, ou melhor, um professor mediador com vistas para a transdisciplinaridade, tem por objetivo produzir verdadeiras metamorfoses e mudanças no estilo de vida dos indivíduos.

Dito isso, nesta dissertação, defendemos a importância de um trabalho educativo que pense naquilo que está entre, através e além das disciplinas. Trata-se de pensar uma educação que seja capaz de

Situar-se a um nível transdisciplinar, que permite ao mesmo tempo conceber a unidade da ciência e a diferenciação das ciências, não apenas segundo a natureza material de seu objeto, mas também segundo os tipos e as complexidades dos fenômenos de associação/organização (Morin, 2005, p.20).

Buscando ampliar a percepção sobre a humanidade e sobre o mundo em que vivemos, Edgar Morin, por meio de um pensamento complexo e transdisciplinar, nos convida a ensinar aos estudantes aquilo que vai além das fronteiras disciplinares e que se encontra com a sensibilidade da existência de cada ser, o ato de viver. Assim como apresentado na obra *Ensinar a Viver: manifesto para mudar a educação* (Morin, 2015), queremos pôr em ação uma nova forma de perceber e/ou vivenciar a educação, de modo a religar, expandir, contextualizar e humanizar os diferentes conhecimentos dos quais temos acesso na sociedade, para podermos “conduzir à descoberta dos modos sistêmico, hologramático, dialógico, do conhecimento complexo” (Morin, 2015, p.124).

Sob essa ótica, colocamo-nos no desafio de pensar o conceito de mediação por vias complexas e transdisciplinares, reconhecendo os saberes não-científicos no que é científico e compreendendo a importância de reconhecer o ser humano durante o processo de ensino-aprendizagem (Morin, 2005). Contudo, sabemos que esse processo não é fácil, pois exige uma reforma não só de conduta, mas também uma reforma do pensamento. Isso ocorre porque, assim como pondera Morin (2003), em sua obra *A cabeça bem-feita: repensar a reforma, reformar o pensamento*, “é preciso substituir um pensamento que isola e separa por um pensamento que distingue e une. “É preciso substituir um pensamento disjuntivo e redutor por um pensamento do complexo, no sentido originário do termo *complexus*: o que é tecido junto” (Morin, 2003, p.89). Com isso, teremos um pensamento que contextualiza, complexifica e liga os conhecimentos, ao mesmo tempo em que enfrenta e/ou tensiona a incompletude e a incerteza deles, tornando-se aberto, circular e não-linear, conforme a Epistemologia da Complexidade (Morin, 2005; Moraes, 2023) propõe. Diante dessas perspectivas, conseguiremos uma educação básica que religue conhecimentos, práticas, culturas e experiências, articulando razão, emoção

e corporeidade, juntamente com a subjetividade humana, a fim de promovermos uma ecologia de saberes e um processo de ensino-aprendizagem complexo e transformador (Suanno, 2023b; 2022).

Os conceitos de mediação e suas implicações na aprendizagem

A partir das obras de Edgar Morin, exploraremos, nesta dissertação de mestrado, o conceito de mediação e a sua relação com um processo de ensino-aprendizagem que preze pelo pensamento complexo e transdisciplinar, para pensarmos como o professor enquanto profissional intelectual pode ser proponente de pensamentos mais dialógicos, críticos, humanizadores e hologramáticos. Entretanto, é importante salientarmos que, ainda que Edgar Morin mencione o termo mediação em apenas duas das obras analisadas - a saber *Introdução ao Pensamento Complexo* (Morin, 2005) e *A aventura de O Método e para uma racionalidade aberta* (Morin, 2020) -, consideramos, para a realização desta pesquisa, outras formas de compreender o conceito de mediação, nas quais o autor, mesmo não trazendo a palavra em questão, evidencia o princípio, a atitude e/ou a característica da ação de mediar.

A esse respeito, por exemplo, entendemos que, na obra *A cabeça bem-feita: repensar a reforma, reformar o pensamento* (Morin, 2003), o intelectual apresenta um dos princípios da mediação docente ao ponderar que é preciso buscar um processo de ensino-aprendizagem que entenda que “uma educação para uma cabeça bem-feita, que acabe com a disjunção entre as duas culturas, daria capacidade para se responder aos formidáveis desafios da globalidade e da complexidade na vida quotidiana, social, política, nacional e mundial” (Morin, 2003, p.33). Logo, esta dissertação caminhará em busca das tessituras necessárias para construir o conceito de mediação transdisciplinar.

Todavia, antes de adentrarmos em nossa proposição conceitual, é importante salientarmos que o conceito de mediação, no campo educacional, constitui-se como um dos eixos mais explorados e revisitados pelas teorias pedagógicas contemporâneas. Ainda que haja, a partir de diferentes teóricos, olhares específicos para o termo, optamos por enfatizar quatro compreensões fundamentais que são dialógicas e complementares uma a outra: a mediação cognitiva (Lenoir, 2011), a mediação didática (Libâneo, 2012a; D’Ávila, 2012), a mediação didático-tecnológica (Toschi, 2015) e a dupla mediação (Toschi, 2020). Tais categorias contribuem para a tessitura de um processo de ensino-aprendizagem que reconhece a relação dialética dos sujeitos com os conhecimentos científicos e não científicos, bem como com as

instâncias sociais, culturais e tecnológicas que condicionam e ressignificam a escola contemporânea.

Como os seres humanos são dialéticos, eles se relacionam não só com o objeto de ensino apresentado a eles, mas também com os vários elementos que constituem e complexificam os processos de ensinar e aprender, como as esferas culturais e sociais, e isso modifica também o caráter do processo de mediação (Silva, 2023). Para Yves Lenoir (2011), os seres humanos são seres de práxis, uma vez que se constroem e se transformam em meio a idealizações e relações sociais, históricas e dialéticas que moldam sua ação no mundo. Assim, o aprendizado não se constitui como uma relação imediata entre o sujeito e o conhecimento, mas como um processo mediado, marcado por diferentes interferências que influenciam a forma como a realidade é compreendida (Lenoir, 2011). Essas interferências, tanto externas quanto internas, atuam na elaboração das concepções dos estudantes, configurando a presença de uma mediação cognitiva ao longo do processo educativo.

Além disso, essa perspectiva sustenta a ideia de que a mediação cognitiva emerge como condição inerente ao processo de apropriação dos saberes, pois a interpretação da realidade é atravessada tanto por aspectos externos quanto, principalmente, pelos mecanismos internos que regulam a formação de significados e sentidos. O conceito de mediação cognitiva coloca, no centro da construção das aprendizagens, os pensamentos e os tensionamentos dos indivíduos aprendizes, já que as criações cognitivas deles podem gerar impactos no produto final da aprendizagem. Isto é,

A mediação cognitiva forma o sistema de regulação objetivo que intervém como modalidade de determinação de uma estrutura exteriorizada, objetivada, é o processo de aprendizagem em sua relação com o objeto do saber estabelecido pelo aluno. Assim, a mediação não pode ser apreendida somente como simples modalidade de análise ou de manipulação do objeto (Lenoir, 2011, p.26).

Trata-se, então, de não olharmos apenas para a manipulação do objeto de ensino de maneira isolada/descontextualizada do universo subjetivo de cada aluno, pois as apreensões cognitivo-individuais influenciam a dinâmica da aprendizagem. Contudo, não podemos dizer que a mediação do processo de aprender ocorre apenas no âmbito individual do estudante, haja vista que ela também se faz no meio coletivo, quando as diferentes concepções acerca do objeto observado se juntam. Com isso, faz-se necessária uma mediação externa que consiga conciliar as percepções individuais e criar níveis de ajuda para que o coletivo de alunos aprenda sobre aquele objeto, uma mediação que tenha uma função social interventiva, que busque trazer sentido aos objetos de ensino e torná-los desejáveis aos sujeitos aprendentes (Lenoir, 2011).

Por conseguinte, Lenoir (2011) indica que a aprendizagem é também um fenômeno coletivo, uma vez que os significados emergem e se negociam no encontro entre diferentes visões de mundo. É nesse ponto que a mediação externa - operada, sobretudo, pelo professor - torna-se imprescindível, pois cria condições de ajuda, orienta percursos, elabora pontes entre conhecimentos prévios e novos conceitos, e cria coerência entre os diversos modos de atribuição de sentido. Sendo assim, a mediação cognitiva se articula profundamente com a mediação didática, que lhe confere direcionalidade, forma e intencionalidade pedagógica. Afinal, de acordo com José Carlos Libâneo (2012a), a aprendizagem é uma atividade orientada que visa à apropriação de conceitos e ao desenvolvimento de processos cognitivos superiores; portanto, ela necessariamente requer uma intervenção externa.

Para Libâneo e D'Ávila (2012), essa intervenção caracteriza-se como mediação didática, uma vez que a relação do sujeito com o saber se constrói a partir de duas dimensões mediadoras: a cognitiva e a didática (D'Ávila, 2012). Desse modo, a mediação didática assume o papel de organizar e configurar o objeto de aprendizagem, tornando-o mais significativo, desejável e acessível aos estudantes. Assim como defendido por Libâneo (2012), acreditamos que a aprendizagem é uma atividade que tem a intencionalidade de gerar a apropriação de conceitos e de instrumentos ligados aos processos cognitivos, porém essas ações necessitam de uma intervenção externa, ou seja, de uma mediação, para que seja possível realizá-las (Libâneo, 2012). Desse modo,

A mediação cognitiva pressupõe uma mediação de caráter externo, a mediação didática. A relação com o saber é, portanto, duplamente mediatizada: uma mediação de ordem cognitiva e uma outra de natureza didática. A mediação cognitiva se constitui a partir do desejo de aprender. A mediação didática como sistema de regulação (que organiza e concede forma) na determinação de uma estrutura exterior e como modalidade de ação que procura tornar este objeto desejável ao sujeito. É, pois, na mediação da mediação que a ação didática ganha corpo e se constitui como um meio de intervenção de natureza didática (D'Ávila, 2012, p. 63).

Essa perspectiva mostra a importância do professor como mediador entre o aluno e os conhecimentos e/ou saberes, conforme defende Libâneo (2012), ao afirmar que o docente intervém intencionalmente nos processos mentais dos estudantes, mobilizando capacidades cognitivas, ampliando repertórios, lapidando percepções e articulando saberes. A mediação didática, então, não se restringe a técnicas de ensino, mas envolve uma compreensão profunda do desenvolvimento humano, das condições socioeducacionais e das particularidades cognitivas que atravessam cada turma. Desse modo, consideramos que a mediação didática se aproxima e se complementa da mediação cognitiva definida por Lenoir (2011), pois ambas

reconhecem que a aprendizagem é um movimento dialético entre o interno e o externo, entre o sujeito e o mundo, entre a singularidade e a coletividade.

Entretanto, a mediação didática possui uma característica particular: ela é intencionalmente organizada pelo professor. Por isso, ela se torna um elemento indispensável para a práxis pedagógica, compreendida como ação consciente, criativa e transformadora do docente. Nesse contexto, compreende-se que o professor atua como mediador entre o estudante e os objetos de conhecimento, enquanto os alunos constroem com esses objetos uma relação de natureza cognitiva, marcada pela produção de significados e sentidos (Libâneo, 2012). Além disso, é fundamental reconhecer que, na relação entre professor, aluno e objeto de conhecimento, torna-se necessário ampliar as compreensões que os estudantes constroem sobre o mundo e os saberes, bem como potencializar suas capacidades cognitivas, com vistas a uma formação integral. Afinal,

a atividade pedagógica somente é pedagógica se ela mobiliza as ações mentais dos sujeitos, visando à ampliação de suas capacidades cognitivas e à formação de sua personalidade global. Essa formação de ações mentais ou novos usos de uma ação mental requer, por parte dos alunos, uma atividade de estudo e, por parte dos professores, uma mediação didática, precisamente a intervenção intencional na formação de processos mentais do aluno (Libâneo, 2012, p. 43).

Com efeito, em virtude do seu caráter mediador, o professor é um intelectual importante para as relações entre os alunos e os objetos de aprendizagem, uma vez que o docente ele é responsável por produzir níveis de ajuda na associação entre os objetivos de aprendizagem, o objeto de estudo e o conteúdo a ser ensinado e/ou aprendidos. Compreendemos, além disso, que o professor também auxilia nas relações dos estudantes com os fatores externos ao ambiente escolar, e isso faz com que os aspectos sociais, históricos e culturais impactem os processos de ensino-aprendizagem, tornando-o alvo de condições temporais e atemporais que cercam a sociedade.

Assim, julgamos pertinente discutir, neste trabalho, o conceito de mediação didático-tecnológica, considerando que as Tecnologias da Informação e Comunicação podem potencializar a mediação didática realizada pelo professor, seja em contextos presenciais, seja em modalidades a distância (D'Ávila, 2012). Sob essa perspectiva, os professores são convidados a pensar práticas pedagógicas que integrem, de modo intencional, as ferramentas tecnológicas como meios para favorecer a aprendizagem e aproximar a escola das realidades vivenciadas pelos alunos.

Tal postura mediadora é significativa porque as tecnologias, quando empregadas de forma planejada e consciente, promovem maior autonomia ao estudante, permitindo-lhe

percursos próprios de aprendizagem e possibilitando distintas formas de mediação no contexto educativo (Toschi e Silva, 2015). Além disso, pensar a mediação didático-pedagógica contribui para qualificar a intervenção docente, visto que os recursos tecnológicos, por estarem próximos da vivência dos alunos, podem tornar os objetos de ensino mais atraentes. No entanto, pensar esse tipo de mediação não diz respeito apenas a pensar em colocar os aparelhos tecnológicos à disposição dos alunos, visto que há três níveis diferentes para que a mediação didático-tecnológica ocorra.

O primeiro, como foi mencionado, diz respeito às relações entre aluno e tecnologias. O segundo, por sua vez, acontece quando há a mediação docente em relação ao uso dos equipamentos e das ferramentas físicas e/ou digitais, como os computadores, os celulares e os programas que estão disponíveis nesses equipamentos. A terceira forma de mediação tecnológica - que teve a sua execução potencializada na pandemia da Covid-19 - é a relação entre os Ambiente Virtuais de Aprendizagens (AVAs) e os alunos, a qual é auxiliada pelos docentes (Silva, 2023, p.27).

Consequentemente, conforme aponta Toschi (2015), as tecnologias não apenas ampliam os modos de acesso à informação, mas também reconfiguram o papel do professor quando este compreende que as ferramentas digitais podem interfacear e potencializar sua mediação didática. Porém, embora as Tecnologias da Informação e Comunicação (TICs) sejam relevantes no cenário educacional, é preciso, para Toschi (2020), ir além da compreensão instrumental das tecnologias. A autora introduz, por isso, a noção de dupla mediação, destacando que o ato educativo, na contemporaneidade, é sempre atravessado por duas esferas simultâneas: a mediação humana (docente, social, cultural) e a mediação tecnológica (sistemas, plataformas, algoritmos).

Em sua perspectiva, as tecnologias não apenas apoiam práticas pedagógicas, mas influenciam modos de ver, agir e aprender, criando condições de possibilidade que podem tanto ampliar quanto restringir oportunidades. É nessa mesma análise que Toschi (2020) problematiza o impacto das tecnologias na educação brasileira, discutindo como os dispositivos digitais acabam reforçando desigualdades sociais quando o acesso não é democrático, quando a formação docente é insuficiente ou quando políticas públicas deixam de enfrentar as assimetrias históricas do país. Tal leitura de mundo é fundamental porque evidencia que a mediação tecnológica, ou melhor, que a dupla mediação, não pode ser pensada de maneira acrítica e descontextualizada. As tecnologias, por mais importantes que sejam, quando inseridas em contextos marcados por desigualdade estrutural, podem desafiar a educação, isto é, fragmentá-la, torná-la desigual, dispersa e desarticulada de sua função social, pois os acessos

aos dispositivos digitais, bem como a compreensão dos professores em relação aos aparatos tecnológicos, por exemplo, não são equitativos para todos os alunos.

Ao articular essas quatro mediações, compreendemos que o processo de ensino-aprendizagem se configura como uma prática complexa, que envolve temporalidades, subjetividades, condições socioespaciais, estruturas tecnológicas e práticas culturais. Destarte, torna-se insuficiente pensar a mediação apenas como intervenção pontual, visto que ela precisa ser assumida como um princípio orientador da práxis pedagógica, em consonância com as demandas do século XXI e com as transformações que reconfiguram o papel da escola e dos professores. À vista disso, consideramos pertinente propor que a mediação seja compreendida de maneira complexa e transdisciplinar, na medida em que ultrapassa fronteiras disciplinares, metodológicas e epistemológicas, a fim de oferecer aos docentes novas formas de pensar suas intencionalidades e intervenções.

A transdisciplinaridade permite que a mediação incorpore dimensões humanas, éticas, cognitivas, culturais e tecnológicas, aproximando-se das ideias de Edgar Morin sobre a necessidade de integrar saberes para lidar com a complexidade. Por isso, defendemos que a mediação didática transdisciplinar não substitui as mediações já existentes, mas nasce delas, reconhece-as e as amplia. A mediação didática transdisciplinar assume o desafio de articular as diferentes dimensões da mediação contemporânea, oferecendo ao professor uma perspectiva mais abrangente, crítica e integrada sobre sua função mediadora. Trata-se de compreender a docência como prática intelectual e complexa, capaz de integrar conhecimentos, tecnologias, subjetividades e realidades sociais.

Portanto, situamos a mediação didática transdisciplinar como uma resposta necessária aos desafios que emergem da sala de aula, da sociedade e das tecnologias digitais. Ela busca superar visões fragmentadas de ensino, propondo uma ação pedagógica que reconhece a complexidade e que pode contribuir para a construção de práticas que envolvam o contexto e a humanização dos estudantes, bem como que sejam mais dialógicas e emancipadoras. É desse movimento, que nasce da análise das obras de Edgar Morin e da práxis de escolas criativas, que emergirá nossa proposição teórica.

Os pilares propostos por Edgar Morin para caminharmos rumo à educação transdisciplinar no futuro

Sabendo da necessidade de pensarmos uma atuação docente, para o ensino básico, que esteja alinhada aos princípios da transdisciplinaridade e da complexidade, acreditamos que seja

relevante ponderarmos os pilares propostos por Edgar Morin (2000), em sua obra *Os sete saberes necessários à educação do futuro*, para alcançarmos uma educação do futuro. Por isso, nesta subseção, apresentaremos os setes saberes apontados por Morin, relacionando-os com a atuação do professor, com o fito de refletirmos sobre os impactos de um processo de ensino-aprendizagem complexo, crítico, emancipatório e humano para a sociedade. Afinal,

o Pensamento Complexo amplia a concepção de homem ao assumir a relação trinitária entre indivíduo, sociedade e espécie. Edgar Morin concebe o ser humano como ser histórico, social, mas também, ser bioantropológico, genético, cerebral, intelectual, afetivo, racional mitológico, imaginário, cultural, planetário, emocional e espiritual, enfim um ser enigmático. Concebe o ser humano como ser complexo, um sistema auto-eco-organizador, *homo sapiens-demens*, tecendo junto às singularidades sujeito (subjetividade, emoção, mente-cérebro) e diversidades do ser humano (culturais, sociais, identidade comum, cidadania) (Suanno, 2015, p. 117).

Sendo assim, Edgar Morin nos convida a pensar complexo e a promover uma metamorfose nas formas de pensar, compreender e de viver a nossa existência, mostrando-nos que somos seres múltiplos, o que faz com que a educação também seja multifacetada, e não unilateral. Ao superar os ideais dualistas e reducionistas que assolam âmbito educacional, a obra *Os sete saberes necessários à educação do futuro* (Morin, 2000) nos convida a, primeiramente, reconhecer que os conhecimentos não podem ser reduzidos ao falso ideário de certo e/ou errado, de bem e/ou mal - fatores que ele denomina cegueiras do conhecimento -, porque, quando entrelaçamos os saberes com os seres humanos, percebemos que o conhecimento humano está sujeito a erros, ilusões, modificações e implicações geradas pelo contexto em que são desenvolvidos, e que esses fatores não podem ser ignorados.

Em segundo lugar, Morin (2000) pondera que, para pensarmos em uma educação que verse pela complexidade, é necessário entender os princípios para um conhecimento pertinente. Isto é, é importante contextualizar o conhecimento, pois é fundamental estabelecer relações entre as partes e o todo, o local e o global, o individual e o coletivo, para que a informação não perca o seu significado. Dessa maneira, no que tange à educação, o autor nos convida a promover um pensamento complexo, capaz de articular diferentes dimensões da realidade e evitar a fragmentação e o dualismo que impedem a visão globalizada do processo de ensino-aprendizagem. Além disso, Edgar Morin defende que

A educação do futuro deverá ser o ensino primeiro e universal, centrado na condição humana. Estamos na era planetária; uma aventura comum conduz os seres humanos, onde quer que se encontrem. Estes devem reconhecer-se em sua humanidade comum e ao mesmo tempo reconhecer a diversidade cultural inerente a tudo que é humano (Morin, 2000, p.47).

Posto isso, como terceiro saber, Morin (2000) nos instiga a ensinarmos a condição humana. Isso é importante porque somos seres biológicos, psíquicos, sociais, culturais, históricos e, portanto, complexos, o que faz com que a educação precise explorar essa multidimensionalidade e integrar os diferentes saberes, a fim de alcançar um conhecimento que consiga apreender o ser humano de maneira integral. Análogo a essa ideia, a obra *Os sete saberes necessários à educação do futuro* (Morin, 2000) também mostra que é preciso ensinarmos sobre a identidade terrena que constitui os seres humanos. Esse pilar é necessário porque, diante das mudanças climáticas, da perda de biodiversidade e de outros desafios ambientais que enfrentamos, é essencial desenvolver uma consciência acerca de uma cidadania terrena e/ou terrestre, para que possamos reconhecer a nossa responsabilidade em relação ao futuro do planeta que habitamos. Afinal,

O planeta exige um pensamento policêntrico capaz de apontar o universalismo, não abstrato, mas consciente da unidade/diversidade da condição humana; um pensamento policêntrico nutrido das culturas do mundo. Educar para este pensamento é a finalidade da educação do futuro, que deve trabalhar na era planetária, para a identidade e a consciência terrenas (Morin, 2000, p.64-65).

Ademais, falar em educação complexa e transdisciplinar requer o enfrentamento de incertezas que constituem os indivíduos. Por isso, é importante que haja, desde a educação básica, um preparo para lidar com a imprevisibilidade do futuro, para reconhecer que o mundo real é marcado pela incerteza e pela mudança constante. Reconhecendo que há encruzilhadas na caminhada da vida, Edgar Morin (2000) inspira-nos a aprender a navegar na dúvida, a desenvolver estratégias para lidar com o inesperado e a tomar decisões mesmo em contextos de informação incompleta.

As incertezas fazem parte dos indivíduos e do mundo em que estão inseridos, logo é necessário ensinarmos também a empatia e a compreensão mútua entre as pessoas. Para Edgar Morin (2000, p.101), “a compreensão do outro requer a consciência da complexidade humana”, por isso as pessoas devem aprender a lidar com as diferenças dos outros e com as suas complexidades. Com isso, precisamos promover uma educação que respeite e, sobretudo, transcenda a nossa visão de mundo com vistas a praticar a empatia e a compreensão de outras perspectivas distintas as nossas. Superando o relativismo e o etnocentrismo, Morin (2000) propõe que consigamos desenvolver o diálogo entre nossos pares, para que possamos ampliar e complexificar a nossa consciência sobre a existência humana.

Por fim, como último pilar para uma educação planetária, humanística e complexa, Edgar Morin (2000) apresenta uma importante reflexão acerca da ética humana. A esse respeito, o autor demonstra que a educação é uma via para desenvolver a consciência coletiva sobre a humanidade, a justiça, o respeito e/ou a luta pelos direitos humanos e a preocupação com as gerações futuras. Tal perspectiva busca reforçar a necessidade de uma ética da complexidade, na qual sejam consideradas as múltiplas dimensões das nossas ações e suas consequências em escala individual e global.

Tendo em vista esses fatores, Edgar Morin (2000) convida-nos a refletir sobre o tipo de educação que buscamos para o futuro, instigando-nos a promovermos ações que visam uma educação complexa, transdisciplinar e transformadora. Por conseguinte,

É necessário desenvolver a aptidão natural do espírito humano para situar todas essas informações em um contexto e um conjunto. É preciso ensinar os métodos que permitam estabelecer as relações mútuas e as influências recíprocas entre as partes e o todo em um mundo complexo” (Morin, 2000, p.14).

Diante da necessidade de desenvolvermos essa relação de coexistência entre os diversos saberes e os seres humanos, Edgar Morin instiga os professores a criarem processos de ensino-aprendizagem que favoreçam uma educação sobre e para a vida em que os estudantes estejam inseridos. Sendo assim, ainda que o autor não utilize a palavra mediação, ele enfatiza que o professor tem importância na formação do estudante, pois o docente é o intelectual responsável por pensar, planejar e mediar os processos de ensino-aprendizagens com vistas à reforma do pensamento.

Para isso, em suas obras, de forma especial em *Cabeça bem-feita: repensar a reforma, reformar o pensamento* (Morin, 2003c), em *Ensinar a Viver: manifesto para mudar a educação* (Morin, 2015) e em *Os sete saberes necessários à educação do futuro* (Morin, 2000), Edgar Morin nos desafia a fazermos um ensino básico em que se oportunize tempo e espaço para religar saberes, em que se ensine a viver, em que se forme a cabeça bem-feita, visando não só a aprendizagem de conhecimentos pertinentes, mas também, e principalmente, buscando pensarmos em vias para mudar o mundo.

Destarte, existem instituições educacionais que buscam, na atualidade, desenvolver um trabalho alinhado aos pressupostos estabelecidos por Edgar Morin, em especial no que tange à transdisciplinaridade. Tais realidades, que tornam a educação mais criativa e humanística, serão objeto de análise e/ou reflexão da próxima seção desta dissertação, para que possamos estabelecer uma relação mais concreta entre os aparatos teórico-epistemológicos e a realidade

educacional, visando a fundamentação da nossa proposição conceitual de professor mediador transdisciplinar.

EDUCAÇÃO BRASILEIRA EM DISPUTA: ENSINO TRANSDISCIPLINAR EM CONTRAPONTO AO ENSINO MERCADOLÓGICO E NEOLIBERAL

Sabemos que a educação brasileira vive, na contemporaneidade, um ataque a sua função social, especialmente nas escolas públicas, pois a busca por resultados e métricas dificultam o trabalho educativo transdisciplinar, complexo, crítico e emancipador. Ao impor às instituições de ensino um modelo regulatório baseado na lógica do mercado, o neoliberalismo subverte aquilo que, conforme estabelecem a Constituição de 1988 e a LDB (1996), deve constituir a finalidade essencial da educação: o desenvolvimento integral dos sujeitos.

Nesse contexto obscurantista, conforme Laval (2019), a escola passa a ser tratada como empresa, subordinada à racionalidade da eficiência e da produtividade, o que resulta na substituição da formação crítica e cultural por treinamentos voltados ao desempenho mensurável. Essa dinâmica, ao reduzir o espaço educativo à lógica economicista, impede que a escola cumpra seu papel de socialização dos saberes científicos, filosóficos e artísticos, fundamentais para a emancipação humana, conforme defende Saviani (2020). Logo, a atuação docente é fortemente afetada, pois Barroso (2006) adverte que os mecanismos de regulação (tanto nacionais quanto transnacionais) interferem diretamente na autonomia docente, tornando o professor mais vulnerável às prescrições curriculares e metodológicas impostas por agentes distantes da realidade escolar.

Nessa lógica neoliberal, as práticas pedagógicas deixam de ser orientadas pelos contextos sociais, culturais e afetivos dos estudantes e passam a responder prioritariamente a indicadores numéricos, comprometendo a qualidade formativa da educação básica, fazendo com que a mediação didática também sofra profundas consequências. A organização do planejamento, que deveria considerar a complexidade da realidade dos alunos, o diálogo entre saberes e a diversidade cultural, passa a priorizar o cumprimento de metas, o adestramento para avaliações e o seguimento rígido de competências prescritas. Como afirma Libâneo (2018), essa “qualidade restrita” gera uma pedagogia voltada à uniformização dos processos educativos, ignorando a pluralidade e a singularidade das experiências formativas. O professor, assim sendo, perde espaço para articular práticas contextualizadas, investigativas e criativas, porque

o tempo pedagógico é consumido por tarefas burocráticas e treinamentos para provas externas, esvaziando a dimensão crítica e humana do ensino.

As avaliações externas, nesse contexto, tornam-se dispositivos centrais de controle, já que, para Draibe (2001), a eficácia passa a ser medida por resultados, e não pelos processos formativos. Isso significa que a aprendizagem é reduzida ao que é quantificável, e as escolas, pressionadas pelos índices, reorganizam seus currículos e práticas em função da obtenção de melhor desempenho estatístico. Com isso, áreas como artes, filosofia, sociologia e educação física (essenciais ao desenvolvimento cognitivo, cultural e, principalmente, sensível dos estudantes) são marginalizadas. Tal movimento reforça, conforme aponta Frigotto (1989), o caráter produtivista da escola capitalista, que prioriza habilidades instrumentais em detrimento da formação humana integral.

Essas tendências, indubitavelmente, contrariam a perspectiva do pensamento complexo defendida por Edgar Morin, para quem a educação deve articular diferentes dimensões do saber, integrando o sensível, o cultural, o ético e o intelectual, de modo a formar sujeitos que podem compreender e transformar o mundo em sua multidimensionalidade. Enquanto a transdisciplinaridade moriniana busca religar saberes, o paradigma neoliberal promove a hiperfragmentação curricular e o tecnicismo, minando a possibilidade de uma formação crítica, criativa e humanizadora. Logo, o paradigma neoliberal se contrapõe frontalmente a uma educação emancipadora, crítica, criativa e integral, visto que, enquanto as políticas de mercado buscam padronizar, controlar e mensurar o processo educativo, os princípios da educação emancipadora e crítica reivindicam uma escola que forme sujeitos pensantes, questionadores, criativos e transformadores desta sociedade.

Relatos de escolas brasileiras que vivenciam um ensino transdisciplinar

A presente seção apresentará uma análise de relatos de escolas brasileiras que, mesmo inseridas em um contexto marcado por ataques obscurantistas, pelo cenário meritocrático e métrico, pelas pressões geradas pelo ideário neoliberal e pelo caráter mercadológico imposto à educação do país, conseguem insurgir e vivenciar um processo de ensino-aprendizagem crítico, complexo e transdisciplinar. São instituições que, embora submetidas às regulamentações e às normativas que regem a educação nacional, encontram brechas para transgredir, (re)significar e (re)construir saberes, conhecimentos e práticas pedagógicas, com o propósito de promover uma formação integral e crítica tanto dos estudantes quanto da comunidade que, direta ou indiretamente, participa de seus projetos educativos.

Para identificar tais experiências e entrelaçá-las ao percurso investigativo desta dissertação, foi utilizado o prelo do livro *Escolas Criativas de Referência: Rede Internacional de Escolas Criativas – RIEC* (Torre, Zwierewicz e Suanno, 2025), organizado por Saturnino de la Torre, Marlene Zwierewicz e Marilza Suanno, cujo lançamento está previsto para o primeiro semestre de 2026. Nesta obra, são apresentados quatorze relatos de escolas criativas situadas no Brasil e na Espanha, entretanto, para fins desta pesquisa, analisamos apenas os capítulos referentes às instituições brasileiras, com um recorte específico para aquelas que atuam na educação infantil e no ensino fundamental, tanto anos iniciais quanto anos finais. Importa destacar que os capítulos foram escritos pelas próprias equipes pedagógicas das escolas, o que garante autenticidade aos relatos e evidencia que as interpretações aqui apresentadas têm como base a leitura analítica de suas narrativas.

Com o objetivo de organizar essas informações e evidenciar, de maneira relacional, as singularidades e convergências entre as instituições, apresentamos a seguir um quadro com as escolas que, reconhecidas pela RIEC, desenvolvem práticas transdisciplinares, criativas e críticas. A partir dele, buscamos explicitar os elementos que justificam sua inserção nesta seção, sobretudo no que se refere à intencionalidade educativa, à organicidade das práticas pedagógicas e ao compromisso com uma educação transformadora. O quadro, portanto, sintetiza as principais características institucionais - localização, etapas atendidas e orientações pedagógicas - que fundamentam a escolha dessas escolas como objeto de análise.

Quadro 1 – Escolas criativas brasileiras que promovem um ensino transdisciplinar.

NOME DA INSTITUIÇÃO DE ENSINO	CIDADE E ESTADO	ETAPA DO ENSINO	TIPO DE ENSINO
Escola Casa Verde	Aparecida de Goiânia (Goiás)	Educação Infantil e Ensino Fundamental-Anos Iniciais	Educação crítica, sustentável, criativa e transdisciplinar.
Escola Pluricultural Odé Kayodê	Cidade de Goiás (Goiás)	Ensino Fundamental-Anos Iniciais	Educação crítica, transdisciplinar, ancestral e criativa.
Escola Aldeia	Goiânia (Goiás)	Educação Infantil e Ensino Fundamental-Anos Iniciais	Educação crítica, sustentável e transdisciplinar.

Escola Vila	Fortaleza (Ceará)	Educação Infantil e Ensino Fundamental-Anos Iniciais	Educação transdisciplinar, ecossistêmica e criativa.
Colégio Eureca	São Luís (Maranhão)	Educação Infantil e Ensino Fundamental-Anos Iniciais e Anos Finais	Educação transdisciplinar, crítica e sustentável.
Escola Municipal Visconde de Taunay	Blumenau (Santa Catarina)	Educação Infantil e Ensino Fundamental-Anos Iniciais e Anos Finais	Educação transdisciplinar, crítica, criativa e sustentável.
Escola Reunida Professora Targina Boaventura da Costa	Paulo Lopes (Santa Catarina)	Ensino Fundamental-Anos Iniciais	Educação transdisciplinar, criativa e lúdica.
Escola Municipal Professor Didio Augusto	União da Vitória (Paraná)	Educação Infantil e Ensino Fundamental-Anos Iniciais	Educação transdisciplinar e criativa.

Fonte: Elaborado por Silva (2025).

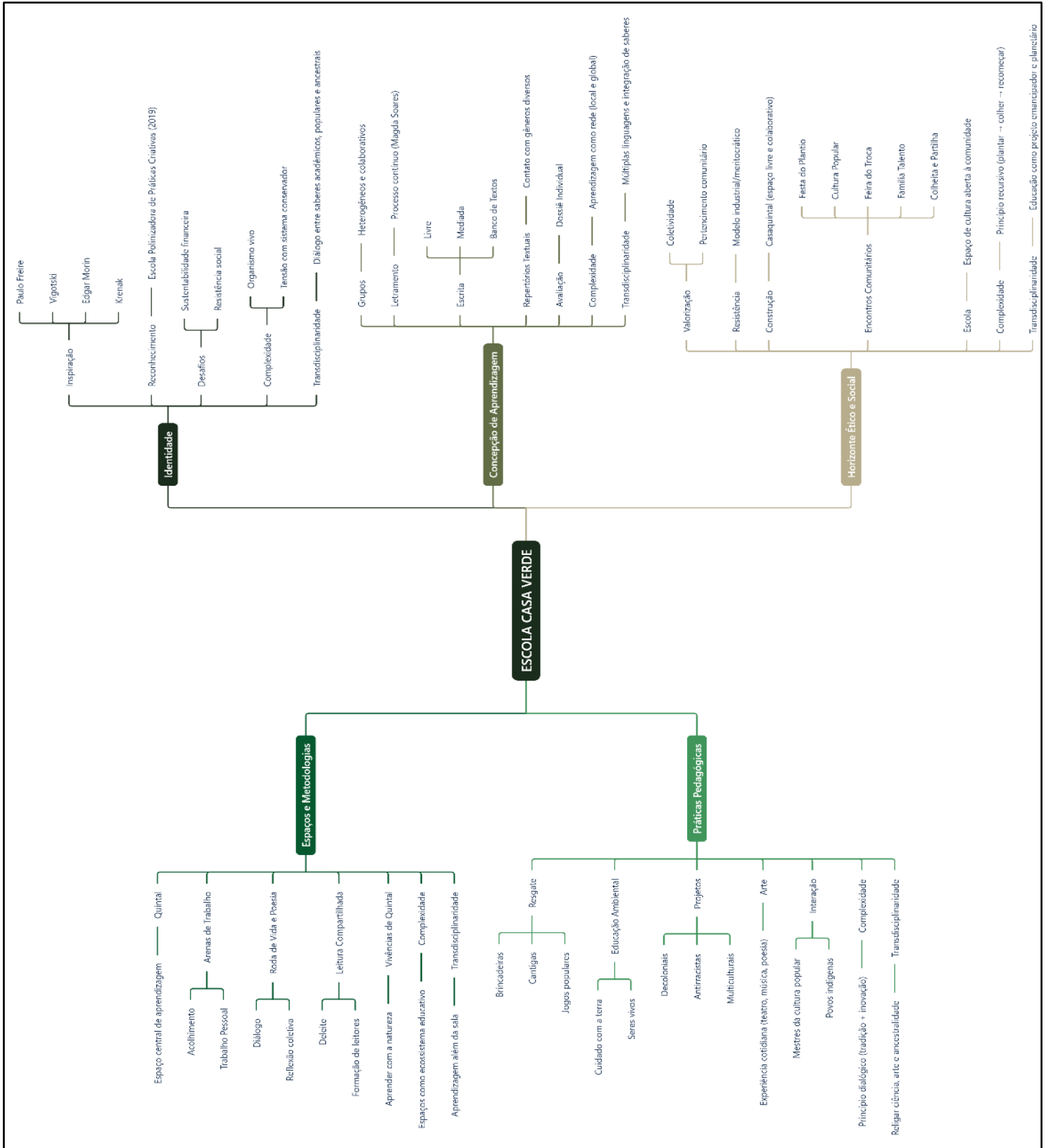
Considerando as escolas destacadas no quadro, elaboramos um mapa mental para cada instituição, com o intuito de didatizar e sistematizar as descobertas oriundas da leitura dos capítulos. Esses mapas não têm a finalidade de representar as escolas em sua totalidade, mas de organizar visualmente as informações presentes nos relatos, evidenciando como cada instituição constrói suas identidades, compreende a aprendizagem, estrutura suas práticas pedagógicas e explora seus espaços e metodologias. Desse modo, os mapas mentais funcionam como ferramentas analíticas que permitem visualizar relações, tensões e convergências entre os elementos que constituem essas experiências de ensino transdisciplinar.

Ao observar tais instituições, percebemos que elas rompem, de maneira intencional e assumida, com os pressupostos do ideário neoliberal que permeia a educação brasileira, marcado pela padronização, pela meritocracia, pela redução curricular e pela lógica de resultados. Afinal, as escolas analisadas investem em práticas que valorizam a criatividade, a ancestralidade, a sustentabilidade, o lúdico, o coletivo e o diálogo entre saberes, reafirmando uma educação comprometida com a ética, a justiça social e o desenvolvimento integral. Assim, ao trazer estas experiências para o corpo da pesquisa, reforçamos que a educação básica, mesmo pressionada pelos mecanismos neoliberais de controle e de responsabilização, pode criar espaços de resistência, invenção e formação humanizadora, reafirmando que outros caminhos pedagógicos são possíveis, necessários e já estão em curso no Brasil.

A Escola Casa Verde situa-se em Aparecida de Goiânia (Goiás), no Jardim Imperial, em um terreno repleto de áreas verdes – pomar, horta, casa da árvore –, e adota uma pedagogia “de quintal”, isto é, uma pedagogia que acredita que a formação ocorre também fora da sala de aula tradicional. Segundo seu site institucional¹, ela oferece educação infantil e ensino fundamental, em regime matutino, vespertino, semi-integral e integral, com uma proposta centrada na natureza, sustentabilidade e na produção orgânica, para formar crianças criativas, conscientes, autônomas e emocionalmente inteligentes. É uma escola privada, certificada pela Rede Internacional de Escolas Criativas-RIEC, o que reforça seu perfil inovador, comunitário e voltado ao cultivo de valores ecológicos e éticos.

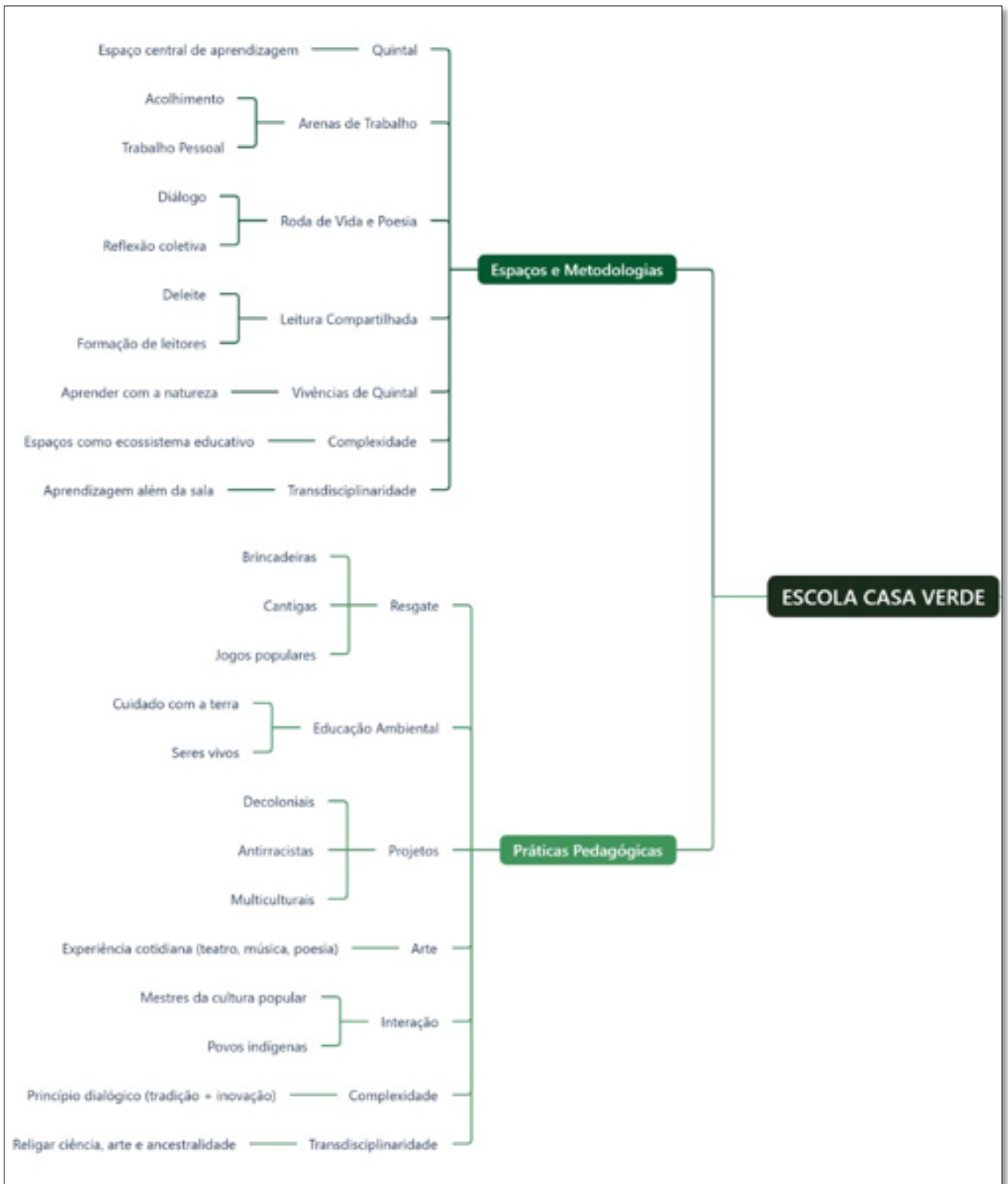
¹ Site da Escola Casa Verde: https://matricula.escolacasaverde.com.br/?utm_source=chatgpt.com

Figura 2 – Escola Casa Verde



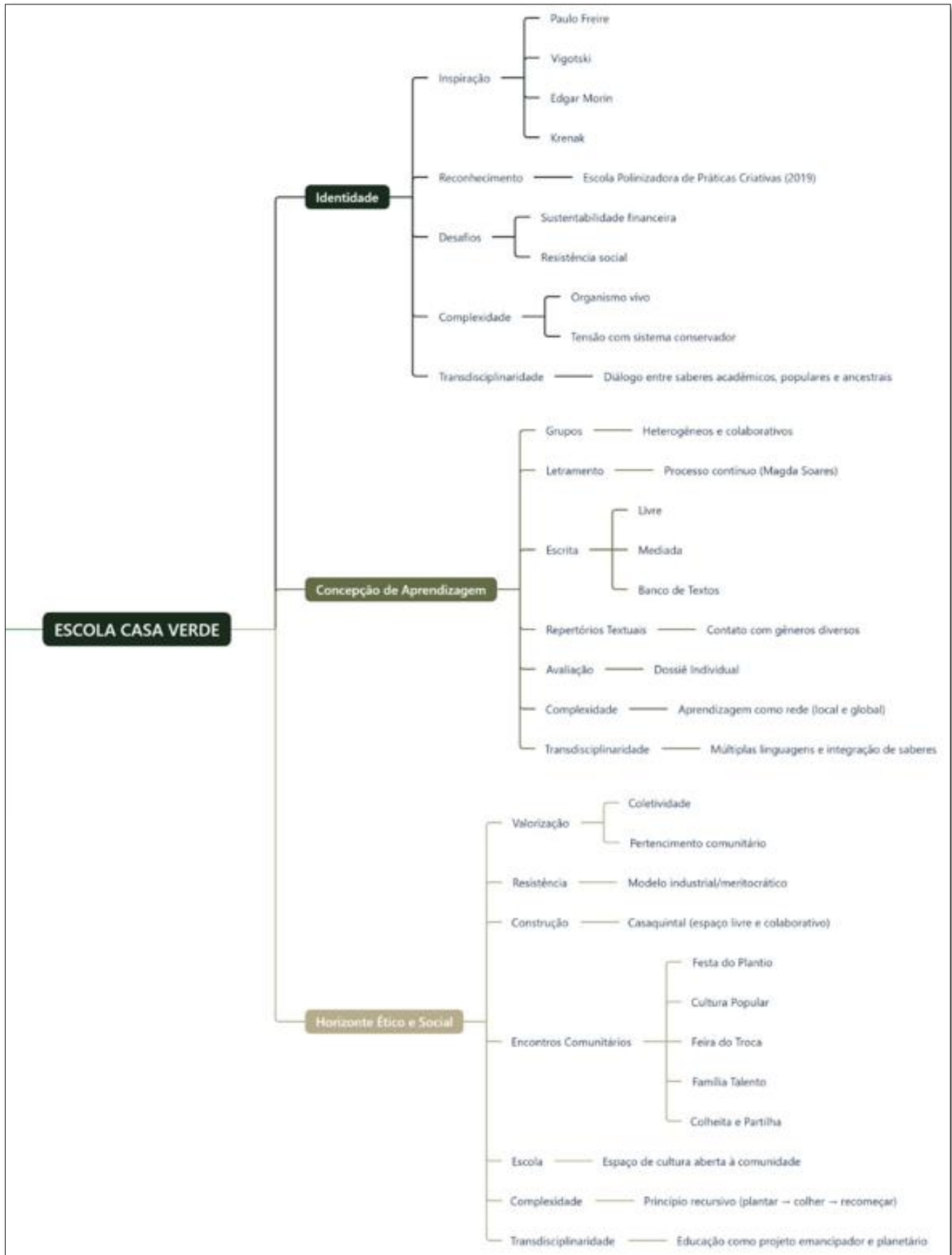
Fonte: Elaborado por Silva (2025).

Figura 2.1 – Escola Casa Verde (parte 1)



Fonte: Elaborado por Silva (2025).

Figura 2.2 – Escola Casa Verde (parte 2)



Fonte: Elaborado por Silva (2025).

Diante da leitura e da análise dos capítulos da obra mencionada, é possível inferir que a Escola Casa Verde tece os seus processos de ensino-aprendizagem, bem como a sua proposta pedagógica, a partir de um olhar transdisciplinar, buscando religar saberes e romper com a fragmentação do ensino disciplinar. Conforme mostram as autoras deste capítulo, as práticas dentro da escola valorizam o diálogo entre diferentes campos do conhecimento e experiências culturais, por meio de, por exemplo, jogos populares, da vivência com a terra e/ou a natureza e da troca de saberes entre os membros da escola, visto que o currículo se organiza em projetos críticos e colaborativos, com forte inspiração em Paulo Freire, Edgar Morin e Ailton Krenak, privilegiando temáticas decoloniais, antirracistas e multiculturais. Dessa forma, a escola adota uma pedagogia que integra ciência, arte, cultura e natureza, transformando o quintal em espaço de aprendizagem e promovendo a construção coletiva do conhecimento.

Essa instituição de ensino, ao articular sua rotina pedagógica em rodas de conversa, vivências de quintal, escrita livre e encontros culturais com as famílias, coloca em prática a complexidade e a transdisciplinaridade no processo educacional da educação básica. A diversidade de experiências, os agrupamentos heterogêneos e os projetos contínuos e entrelaçados revelam uma prática que não se limita à transmissão disciplinar de conteúdos, mas que busca formar sujeitos críticos, cooperativos e conscientes de sua interdependência com a comunidade e com o planeta. Assim, a Escola Casa Verde se apresenta como um organismo vivo, em constante diálogo com a comunidade, o território e os múltiplos saberes que atravessam o cotidiano escolar. Inspirada na perspectiva da complexidade de Edgar Morin, a escola rejeita a lógica linear e reducionista, compreendendo o conhecimento como uma teia em permanente construção e reconstrução. Essa concepção se evidencia na valorização das experiências comunitárias e culturais, como a Festa do Plantio, a Feira da Troca e os encontros com Mestres da Cultura Popular, que integram o horizonte ético e social da escola. Tais eventos não são atividades sem intencionalidade ou periféricas no âmbito da aprendizagem escolar, mas representam fatores centrais para a formação dos sujeitos, haja vista que promovem a ressignificação do ato de aprender como um gesto coletivo, situado e afetivo.

Nesse contexto, o espaço do quintal, por exemplo, ganha centralidade como ambiente de aprendizagem, no qual o aprender com a natureza passa a ser parte constitutiva do currículo. A escola rompe com a fragmentação entre sujeito e ambiente, articulando o cuidado com a terra, a educação ambiental e o conhecimento dos seres vivos em práticas que promovem a interconexão entre ciência, arte, espiritualidade e ancestralidade. Essa proposta se alinha diretamente com os princípios da Complexidade e da Transdisciplinaridade - propostos por Edgar Morin - de que é preciso religar saberes e superar a dicotomia entre natureza e cultura,

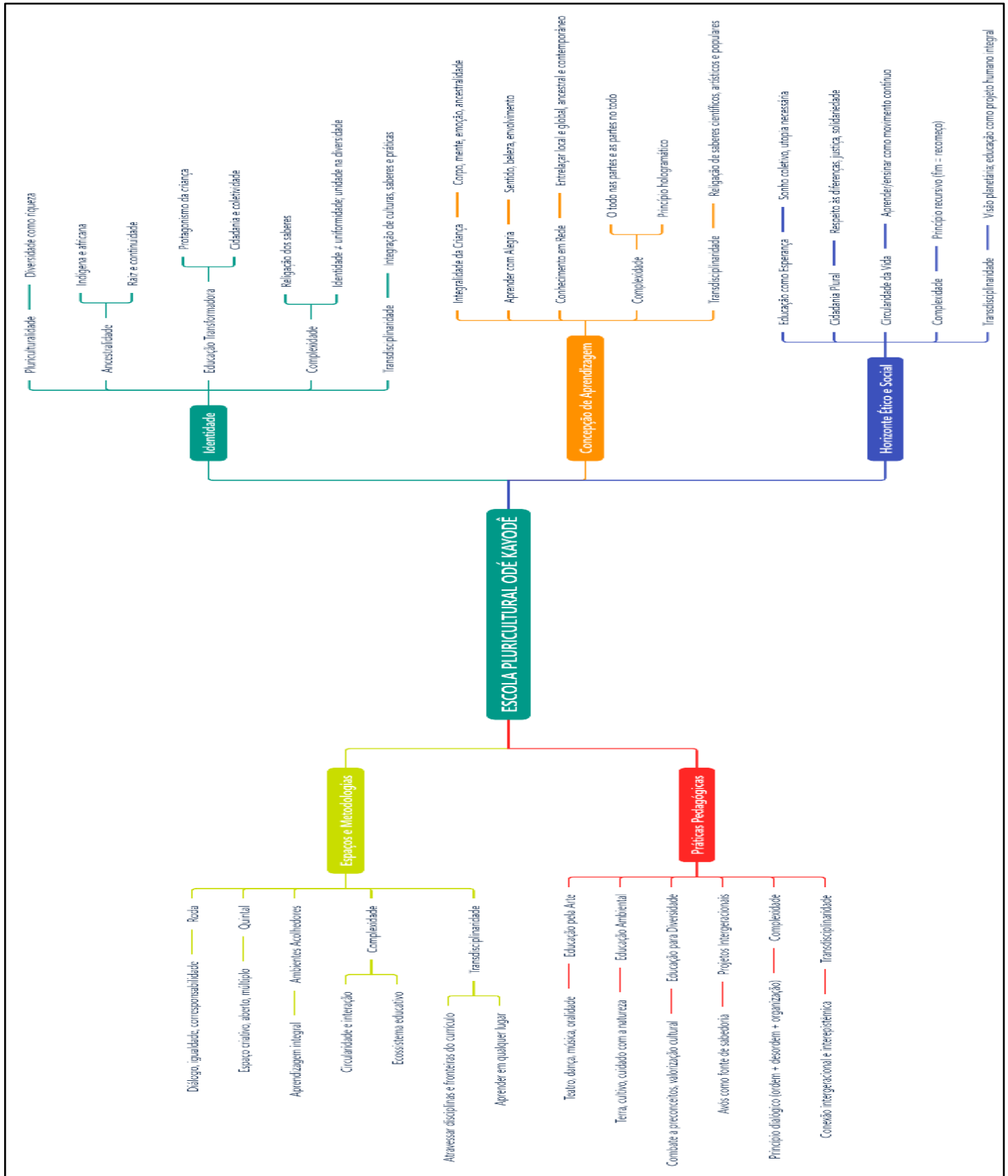
reconhecendo que o ser humano é parte de um todo complexo e interdependente. Assim, a Escola Casa Verde transforma o espaço escolar em um ecossistema educativo, que estimula a consciência planetária e o pertencimento ecológico.

Além disso, a organização curricular da escola privilegia práticas pedagógicas baseadas em projetos, rodas de conversa, leitura compartilhada e produção textual mediada, que emergem das vivências concretas e dos interesses dos estudantes. A escrita, por exemplo, é compreendida como prática social e está conectada a um banco de textos que circula entre os grupos, promovendo o contato com repertórios diversos e com diferentes gêneros discursivos. Esse movimento revela uma abordagem transdisciplinar, na medida em que perpassa fronteiras disciplinares e integra múltiplas linguagens, valorizando tanto os saberes acadêmicos quanto os populares e ancestrais. Trata-se, portanto, de um currículo vivo, que se constrói na escuta, na partilha e na reflexão coletiva.

Logo, a Escola Casa Verde se configura como um espaço de resistência e reinvenção do modo de fazer e/ou de pensar a escola, já que, mesmo enfrentando os desafios da sustentabilidade financeira e da tensão com o sistema conservador e obscurantista, ela não renuncia a seus princípios éticos e políticos. Nessa instituição de ensino, a transdisciplinaridade não é apenas uma metodologia, mas sim uma postura epistemológica que sustenta o projeto educativo como uma rede de relações solidárias, dialógicas e criativas. Rede essa que mostra que, mesmo diante das pressões do modelo conservador e da lógica meritocrática e neoliberal, é possível resistir e afirmar um projeto educativo transdisciplinar, no qual o aprender se dá pela coexistência de saberes e conhecimentos, pela partilha de experiências e pela valorização da vida em sua totalidade.

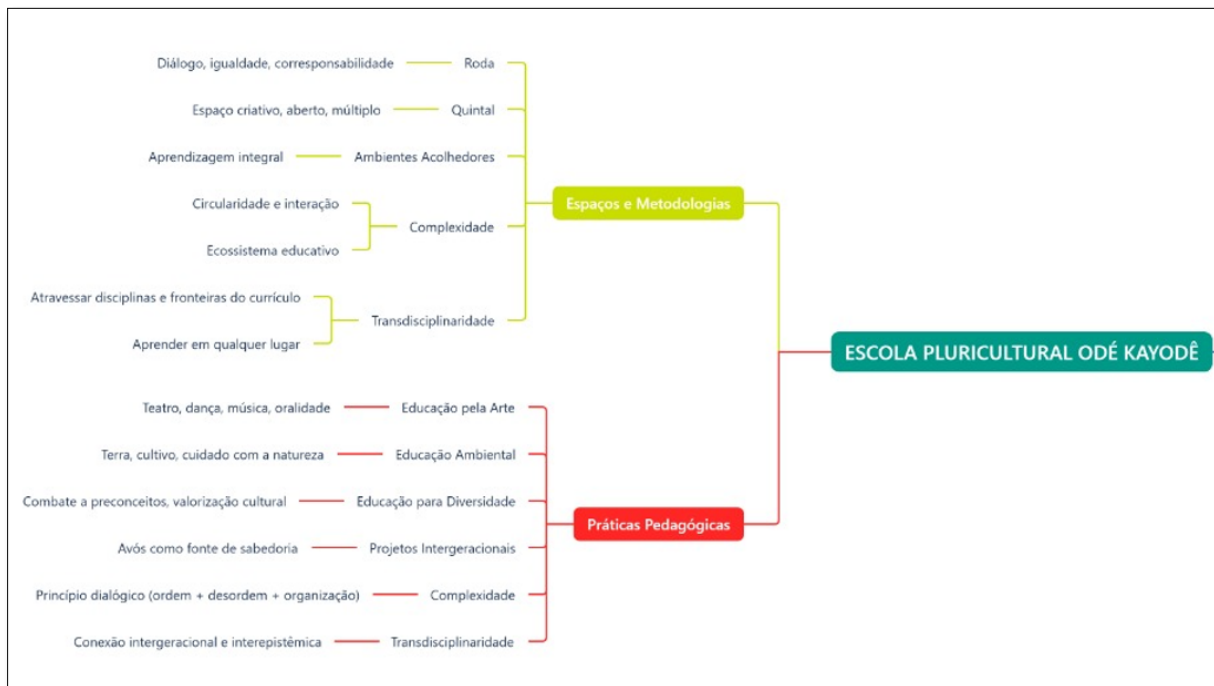
Por sua vez, a Escola Pluricultural Odé Kayodê está localizada no Centro da histórica Cidade de Goiás (Goiás) e é mantida pelo Espaço Cultural Vila Esperança, uma entidade comunitária sem fins lucrativos, que funciona com educação infantil (aproximadamente 4 e 5 anos) e ensino fundamental (1º ao 5º ano) no turno matutino, com atividades complementares à tarde. Apesar de atuar em uma cidade pequena, a escola tem reconhecimento importante por seu caráter plural, político e cultural: valoriza saberes afro-brasileiros, indígenas e ancestrais, e se apresenta como uma “caçadora de alegria” (“Odé Kayodê”, no iorubá), entendendo a educação como transformação social. A escola é privada/comunitária, ou seja, seu modelo de financiamento contempla doações, trabalho voluntário, empenho das famílias.

Figura 3 – Escola Pluricultural Odé Kayodê



Fonte: Elaborado por Silva (2025)

Figura 3.1 – Escola Pluricultural Odé Kayodê (parte 1)



Fonte: Elaborado por Silva (2025).

Figura 3.2 – Escola Pluricultural Odé Kayodê (parte 2)



Fonte: Elaborado por Silva (2025).

Tal contexto crítico, transdisciplinar e complexo também permeia a Escola Pluricultural Odé Kayodê, uma instituição na qual diversidade cultural, a ancestralidade e a aprendizagem integral se fazem presentes. Isso ocorre porque a escola propõe uma educação criativa, transdisciplinar, transformadora e decolonial, valorizando os saberes ancestrais e as diferentes etnias que compõem o povo brasileiro. A Odé Kayodê busca promover o protagonismo infantil, a aprendizagem coletiva e experiências integradas por meio da arte, do brincar, do contato com a natureza e das rodas de conversa.

A partir de propostas pedagógicas que valorizam a roda, como espaço central de diálogo, de inclusão e de corresponsabilidade, fundamentada em tradições africanas e indígenas, e de projetos intergeracionais, a escola conecta crianças, conhecimentos, saberes, família e comunidade. Essa instituição promove o respeito à diversidade, a educação patrimonial e o combate a preconceitos, integrando conteúdos curriculares a práticas culturais, sociais e estéticas. Em suma, a Odé Kayodê transforma o ensino em experiência viva, onde aprender e ensinar são atos interdependentes, e a educação se realiza como processo coletivo, criativo e poético, capaz de formar cidadãos críticos, solidários e conscientes, fatores que a fazem ser uma escola criativa, insurgente e transdisciplinar, em meio aos desafios na educação brasileira atual.

A Escola Pluricultural Odé Kayodê se estrutura, então, como um ecossistema educativo, no qual as relações entre corpo, mente, emoção e ancestralidade constituem a base da integralidade da criança. Tal visão e/ou proposta pedagógica vai ao encontro da proposta da complexidade de Edgar Morin, que entende o ser humano como um ser multidimensional e interdependente. Na Odé Kayodê, a aprendizagem acontece com alegria, beleza e envolvimento, reforçando o princípio de que ensinar e aprender não são atos mecânicos, mas sim processos afetivos, humanísticos, ancestrais e simbólicos. Nessa instituição, o conhecimento é concebido como uma rede viva que entrelaça o local e o global, o ancestral e o contemporâneo, de modo a promover uma formação que transcende os limites da razão fragmentada.

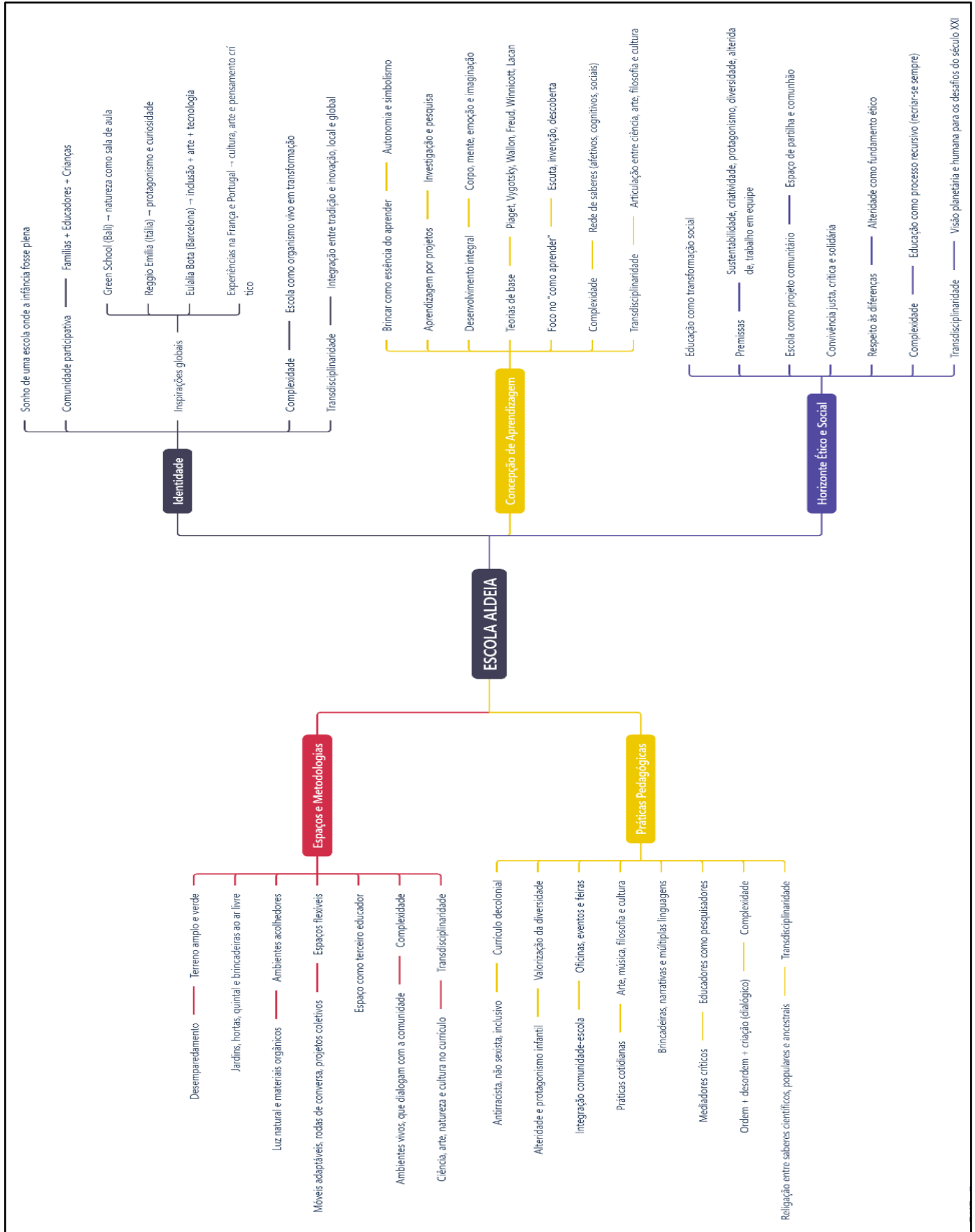
Por propor um processo de ensino-aprendizagem ancorado na arte, na oralidade, no cuidado com a terra e no diálogo entre gerações, a escola se destaca e se faz insurgente em meio aos sistemas negacionistas e neoliberais que consomem a educação brasileira. Afinal, a presença dos avós, por exemplo, como fonte de sabedoria nos projetos intergeracionais demonstra a valorização dos saberes tradicionais e da conexão interepistêmica entre diferentes formas de conhecer, o que vai de encontro com aquelas visões utilitaristas, conteudistas, mecanicistas e tecnicistas de educação. A abordagem utilizada pela Escola Pluricultural Odé

Kayodê rompe com a hierarquia dos saberes acadêmicos e legitima as experiências e narrativas de comunidades historicamente silenciadas, realizando uma verdadeira religação de saberes - conceito central da transdisciplinaridade -, ao integrar dimensões científicas, artísticas, espirituais e populares em um mesmo processo educativo.

Ao trazer propostas metodológicas que fazem o uso, por exemplo, dos espaços abertos, como o quintal e a roda, que funcionam como territórios de criação, acolhimento e partilha, a escola favorece o desenvolvimento da circularidade do conhecimento, da escuta ativa e da corresponsabilidade entre crianças e educadores. A aprendizagem, portanto, não está restrita à sala de aula, visto que ela ocorre em qualquer lugar onde haja troca significativa, intencional e afetuosa. Respondendo diretamente ao chamado de Edgar Morin, por uma educação que ensine a viver, e não que fique enchendo a cabeça dos estudantes com conteúdo rasos e sem relações com a vida, a Escola Pulricultural Odé Kayodê assume um horizonte ético e social profundamente comprometido com a justiça, a solidariedade, a complexidade, a transdisciplinaridade e a esperança por uma educação melhor. Essa escola demonstra que é possível, sim, cultivar uma pedagogia insurgente, que transforma o presente sem perder de vista a ancestralidade e o futuro planetário.

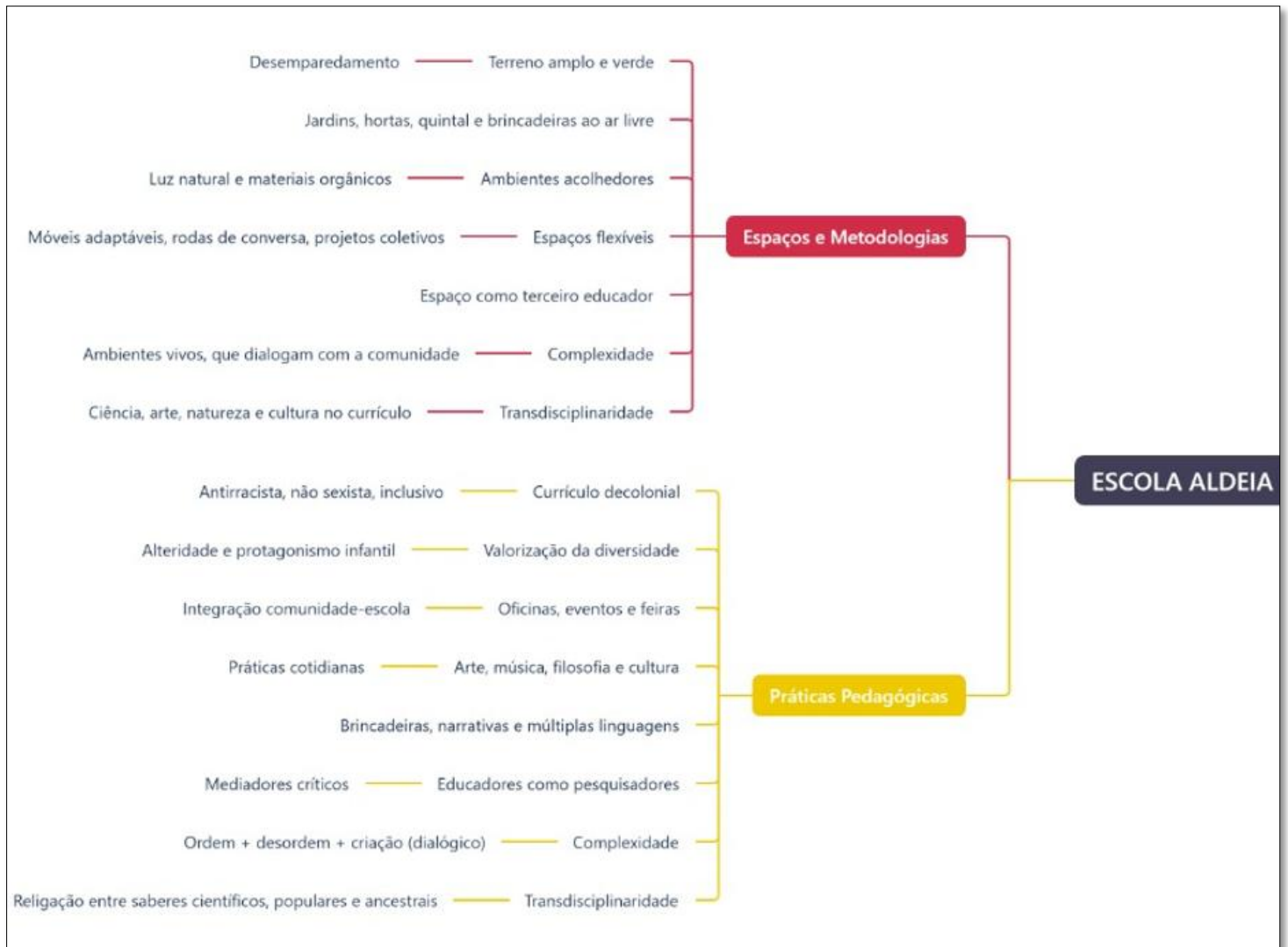
Já a Escola Aldeia está situada em Goiânia (Goiás), no setor Jardim América, e oferta educação infantil e ensino fundamental nos turnos matutino, vespertino e integral, com uma proposta autoral e transdisciplinar que preza pelas relações humanas, pela descoberta da criança como sujeito e por experiências como horta, música, pomar, coral e percussão. Trata-se de uma instituição privada, cuja sua pedagogia enfatiza a vida comunitária, a autonomia infantil e a construção de saberes em coletivo, sustentando uma identidade de “aldeia educativa” que abraça a criança integralmente.

Figura 4 – Escola Aldeia



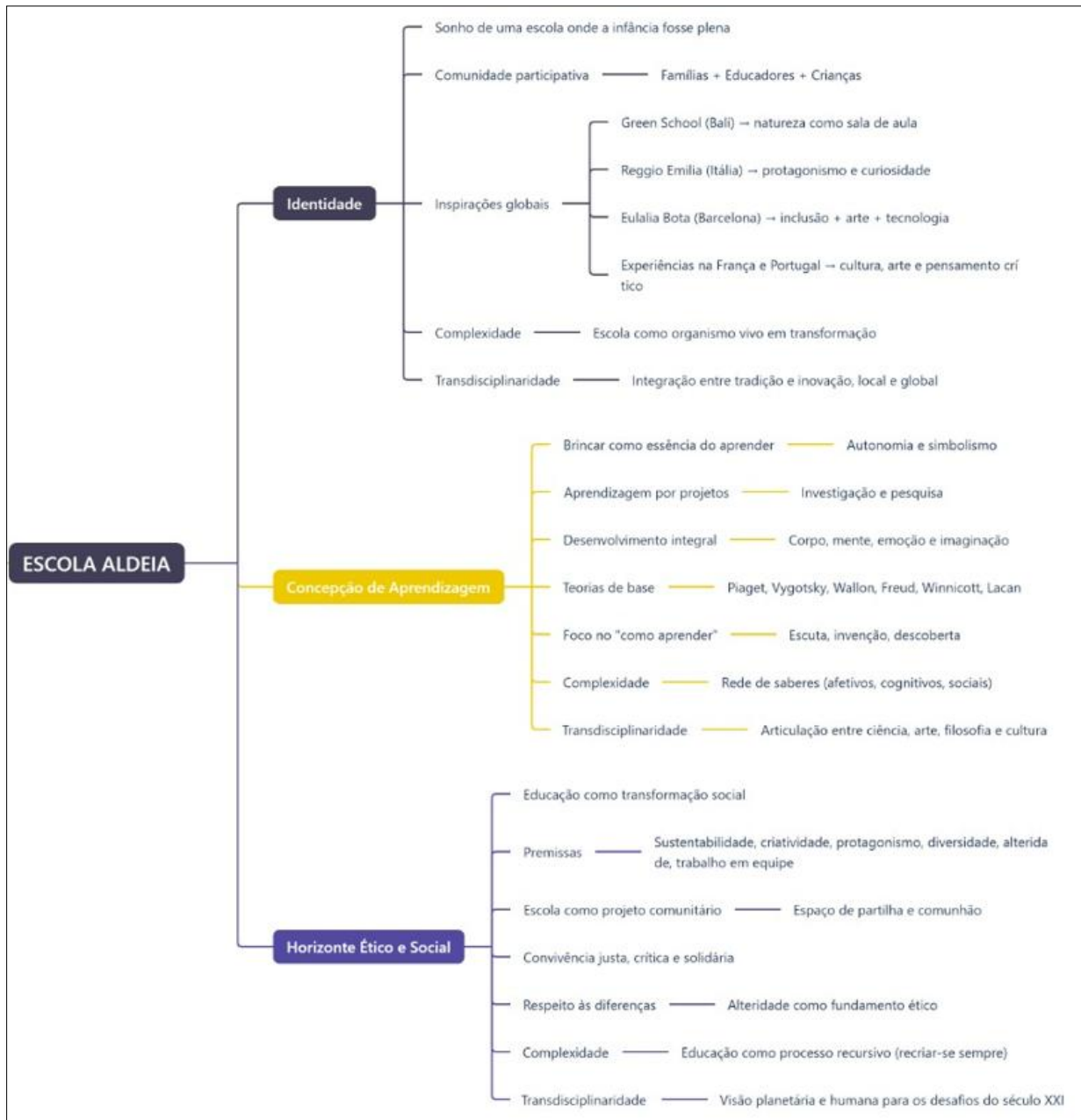
Fonte: Elaborado por Silva (2025).

Figura 4.1 – Escola Aldeia (Parte 1).



Fonte: Elaborado por Silva (2025).

Figura 4.2 – Escola Aldeia (Parte 2)



Fonte: Elaborado por Silva (2025).

Outra potente escola que foi relatada no livro em análise é a Escola Aldeia, uma instituição que visa possibilitar práticas potentes, críticas e inovadoras à realidade local, desenvolvendo um currículo transdisciplinar, baseado em projetos, no brincar como essência do aprendizado e na valorização da diversidade, criatividade e protagonismo infantil. Com um espaço físico constituído por jardins, ateliês e ambientes flexíveis, a escola estimula a autonomia, a interação, a transdisciplinaridade e o desenvolvimento integral das crianças, priorizando experiências afetivas, cognitivas e sociais, além de um currículo decolonial que promove inclusão, equidade e pensamento crítico. A escola funciona como uma comunidade

viva, em que pais, educadores e crianças colaboram ativamente, reforçando valores de alteridade, cooperação e sustentabilidade, o que faz da Aldeia um espaço de constante (re)construção de aprendizagens, de saberes, de conhecimentos e de humanização da educação.

A Escola Aldeia concebe o conhecimento como uma rede em constante transformação, a qual tece, em sintonia com o pensamento complexo de Edgar Morin, um saber que não pode ser compreendido de forma isolada, mas sim como uma teia interdependente de dimensões cognitivas, afetivas, culturais e sociais. Ao incorporar teorias de Piaget, Vygotsky, Wallon, Freud, Winnicott e Lacan, a escola opera uma rede de saberes que atravessa diferentes campos e linguagens, promovendo uma abordagem transdisciplinar que ultrapassa os limites das disciplinas convencionais. Durante os seus processos de ensino-aprendizagem, por intermédio da escuta, da invenção e da descoberta, ela rompe com os modelos de ensino bancário e/ou tecnicista e evidencia a valorização da autonomia, da investigação e da construção ativa do conhecimento pelas crianças.

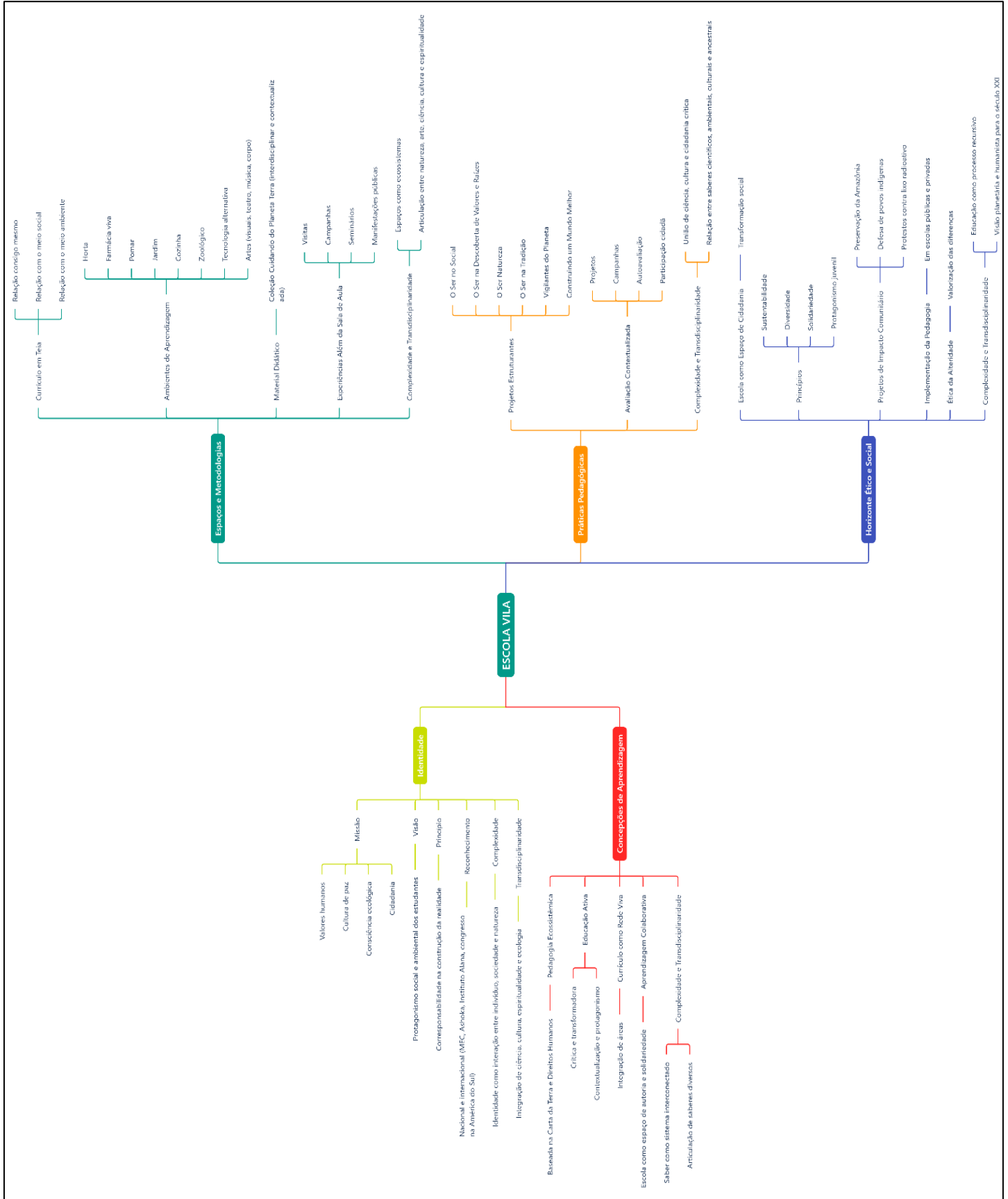
Os ambientes da escola, cuidadosamente planejados com elementos naturais, materiais orgânicos e espaços ao ar livre, não cumprem apenas uma função estética ou funcional, visto que eles são parte ativa das práticas pedagógicas. Isso mostra que a instituição entende o espaço como um componente ativo na produção de sentidos, de relações e de aprendizagens, fatores que, quando explorados a partir das rodas de conversa, dos projetos coletivos e das mediações docentes, estimulam uma dinâmica de ensino que preza pela circularidade, pela criatividade e pela complexificação do pensamento, desafiando a rigidez dos currículos fragmentados e lineares. Além disso, nas práticas pedagógicas, a presença da arte, da música, da filosofia e da cultura popular evidencia a ruptura com a cisão entre razão e sensibilidade, o que explicita o comportamento transdisciplinar da Escola Aldeia.

A transdisciplinaridade, nesse contexto, é compreendida como um gesto de religação entre diferentes saberes (científicos, ancestrais, populares e estéticos), o que dá à educação um caráter holístico, crítico, complexo e humano. Na Escola Aldeia, a inclusão de um currículo decolonial, não sexista e antirracista reforça o compromisso ético da escola com a diversidade e a justiça social, dimensões centrais para uma prática pedagógica que reconhece e valoriza a pluralidade das existências, das formas de ser e de conhecer. Logo, percebemos que a instituição percebe, sob a lente da complexidade, que o processo de ensino-aprendizagem pode ser um processo recursivo, em que fim e recomeço se entrelaçam continuamente, de modo que a ordem, a desordem e a criação coexistem como partes de um mesmo movimento de construção do saber. Na Escola Aldeia, a transdisciplinaridade não é apenas vista como uma estratégia

pedagógica, mas também como uma forma de resistência, ética e epistemológica, frente aos desafios que perpassam a educação, bem como a sociedade, no século atual.

Outra importante escola que foi analisada é a Escola Vila, localizada no bairro Fátima, em Fortaleza (Ceará), foi fundada em 1981 e tem forte identidade com uma pedagogia ecossistêmica e transdisciplinar. A instituição atende educação infantil e ensino fundamental, estruturando seu currículo em “teias de saberes”, nas quais cada turma escolhe um problema socioambiental para desenvolver projetos práticos e significativos, em laboratórios vivenciais e ateliês. A escola é privada, com um histórico de trabalho comunitário, pois promove ações sociais, formação de professores e doações para a comunidade, e é filiada a redes internacionais de escolas criativas e ecopedagógicas, sendo reconhecida por seu compromisso com cidadania planetária e participação.

Figura 5 – Escola Vila.



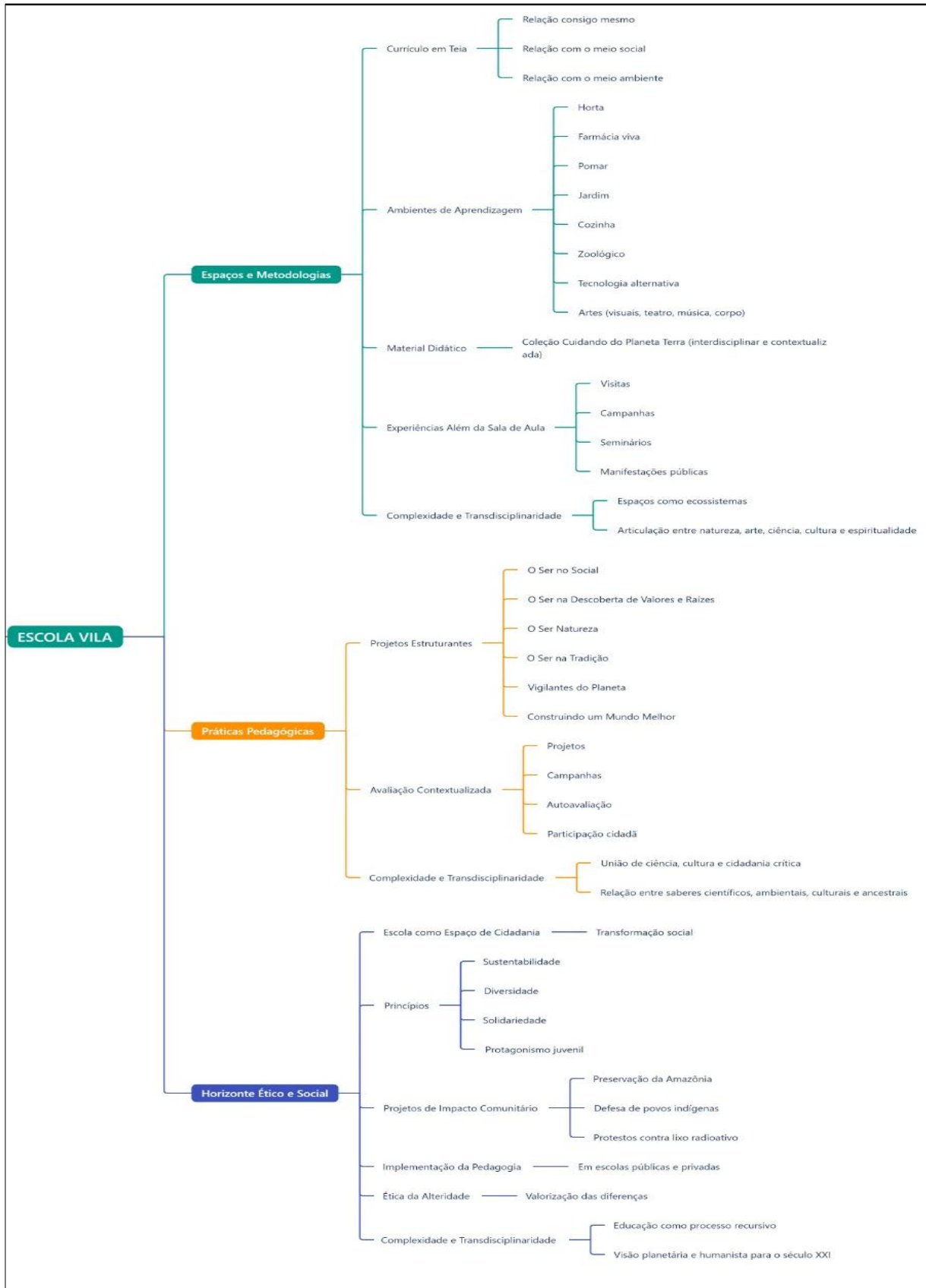
Fonte: Elaborado por Silva (2025).

Figura 5.1 – Escola Vila (parte 1).



Fonte: Elaborado por Silva (2025).

Figura 5.2 – Escola Vila (parte 2).



Fonte: Elaborado por Silva (2025).

A Escola Vila é também uma instituição de ensino potente, insurgente e, sobretudo, transdisciplinar, afinal, como a própria escola declara, eles possuem uma pedagogia ecossistêmica. Essa proposta pedagógica representa uma proposta educacional inovadora que integra aprendizagem, cidadania e consciência socioambiental de maneira profundamente transdisciplinar, baseada, de forma especial, nos saberes de Edgar Morin e na Carta da Transdisciplinaridade. Por isso, as suas práticas e vivências transcendem o ensino fragmentado por disciplinas, ao propor e utilizar a “Teia Curricular”² como instrumento que conecta o indivíduo consigo mesmo, com a sociedade e com o meio ambiente. Tal abordagem permite que os estudantes percebam as inter-relações entre saberes, experiências e contextos, desenvolvendo competências críticas e criativas em ambientes diversificados, como laboratórios de horta, ateliês artísticos, espaços de tecnologia e zonas de contato com a natureza.

Os diversos projetos pedagógicos da Escola Vila evidenciam a prática da transdisciplinaridade ao integrar conteúdos formais com ações concretas, comunitárias e ambientais. Projetos como “O Ser Natureza”, “O Ser no Social” e “Construindo um Mundo Melhor” promovem pesquisas, visitas, campanhas e apresentações culturais, estimulando a autonomia, a reflexão ética e a colaboração. Ao contextualizar o aprendizado e articular saberes de diferentes áreas em torno de problemas e experiências reais, a Pedagogia Ecossistêmica demonstra como a educação pode formar cidadãos críticos, participativos e capazes de atuar na construção de uma sociedade sustentável e inclusiva, evidenciando a centralidade da transdisciplinaridade como eixo metodológico, estético e ético.

O processo de ensino-aprendizagem, para a Escola Vila, não se limita a transmitir informações, mas sim em instigar uma compreensão complexa da realidade, considerando a indissociabilidade entre indivíduo, sociedade e natureza. Isso ocorre porque, ao se basear no pensamento complexo proposta por Edgar Morin, a instituição reconhece que o conhecimento não pode ser reduzido a partes isoladas, e sim que deve ser compreendido como um tecido interligado de saberes, valores e experiências. Nesse sentido, a escola promove uma educação que rompe com os reducionismos, visto que as suas ações pedagógicas articulam as dimensões cognitivas, emocionais, éticas e espirituais dos sujeitos envolvidos nessas práticas, o que ajuda na formação de sujeitos capazes de pensar de forma sistêmica e de agir de forma responsável diante dos desafios contemporâneos.

Em seus espaços de aprendizagem, a Escola Vila materializa a visão ecossistêmica ao integrar horta, fazenda viva, jardins, ateliês artísticos e até um zoológico, oferecendo múltiplas

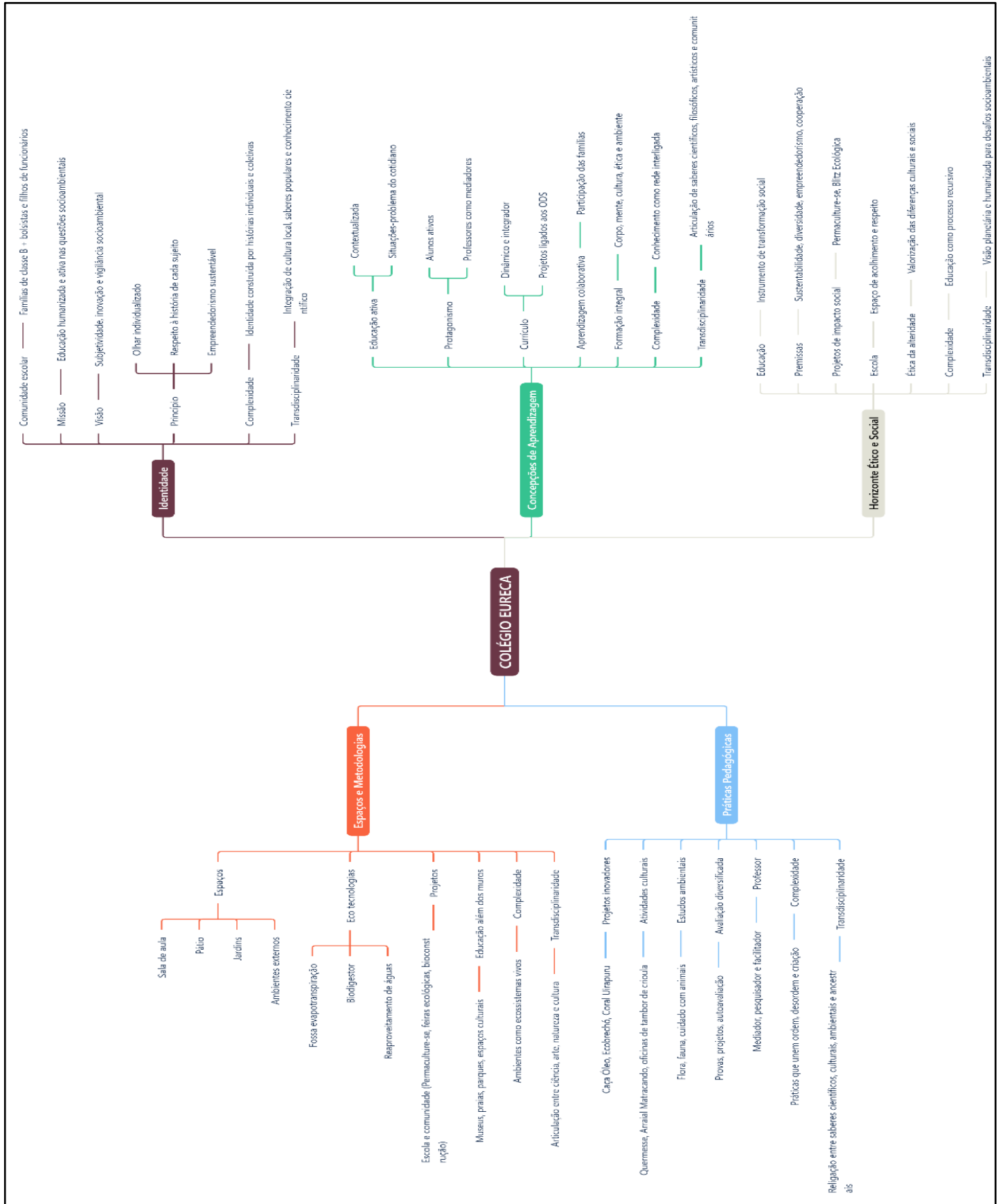
² Ver a Teia Curricular proposta pela instituição nos anexos.

possibilidades para que os estudantes vivenciem e/ou compartilhem as aprendizagens de maneira concreta e experiencial. Nesses ambientes, a natureza não é apenas cenário, uma vez que ela se torna parte ativa do processo de ensino-aprendizagem, ajudando a tecer e ampliar as relações entre os estudantes e o planeta em que vivem, o que fortalece a criação de uma consciência planetária dessas crianças. Logo, há uma aprendizagem que instiga os alunos a construir conexões entre os conteúdos, as práticas, os seres humanos, a natureza e a arte, formando-os conscientes de sua corresponsabilidade pelo cuidado com a vida no planeta.

Ademais, a Escola Vila possui um compromisso em transformar o aprendizado em ação social e comunitária, haja vista que as experiências, para além da sala de aula, como campanhas, seminários e manifestações públicas, não apenas ampliam o repertório cultural e crítico dos alunos, mas também promovem o protagonismo juvenil. Essa dimensão prática da pedagogia ecossistêmica evidencia que o conhecimento deve ser pertinente, ou seja, capaz de iluminar problemas reais e contribuir para a busca de soluções coletivas e solidárias. Sendo assim, a instituição, ao valorizar a diversidade, a natureza e a humanidade, incentiva o respeito às diferenças e a produção de pensamentos transgressores, críticos, humanizadores e complexos. Afinal, na Escola Vila, a transdisciplinaridade e a complexidade caminham juntas para articular ciência, arte, filosofia e meio ambiente, mostrando que o papel da escola é formar sujeitos integrais, conscientes, críticos e aptos a enfrentar as incertezas e as complexidades do século XXI, com sensibilidade, criatividade e responsabilidade planetária.

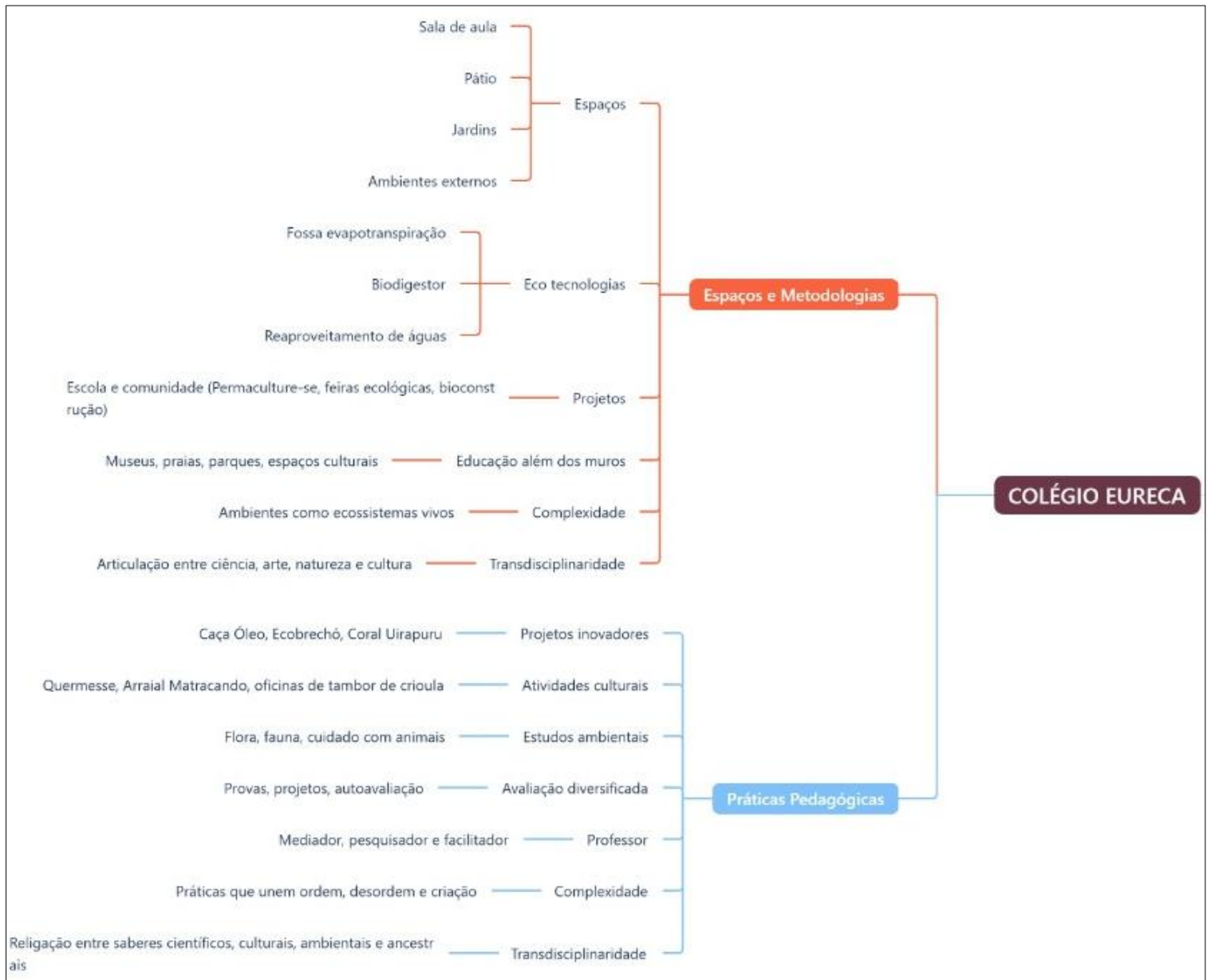
O Colégio Eureka, por sua vez, está situado em São Luís (Maranhão), no bairro Parque Aurora, é uma instituição de natureza privada e presta serviços de educação infantil e ensino fundamental. Essa instituição educacional apresenta uma abordagem pedagógica que visa não apenas a aquisição de conteúdo, mas a capacidade de aprender, pensar, conviver e resolver problemas, valorizando as individualidades e o desenvolvimento pleno dos aspectos cognitivos e intelectuais de seu corpo discente.

Figura 6 – Colégio Eureka



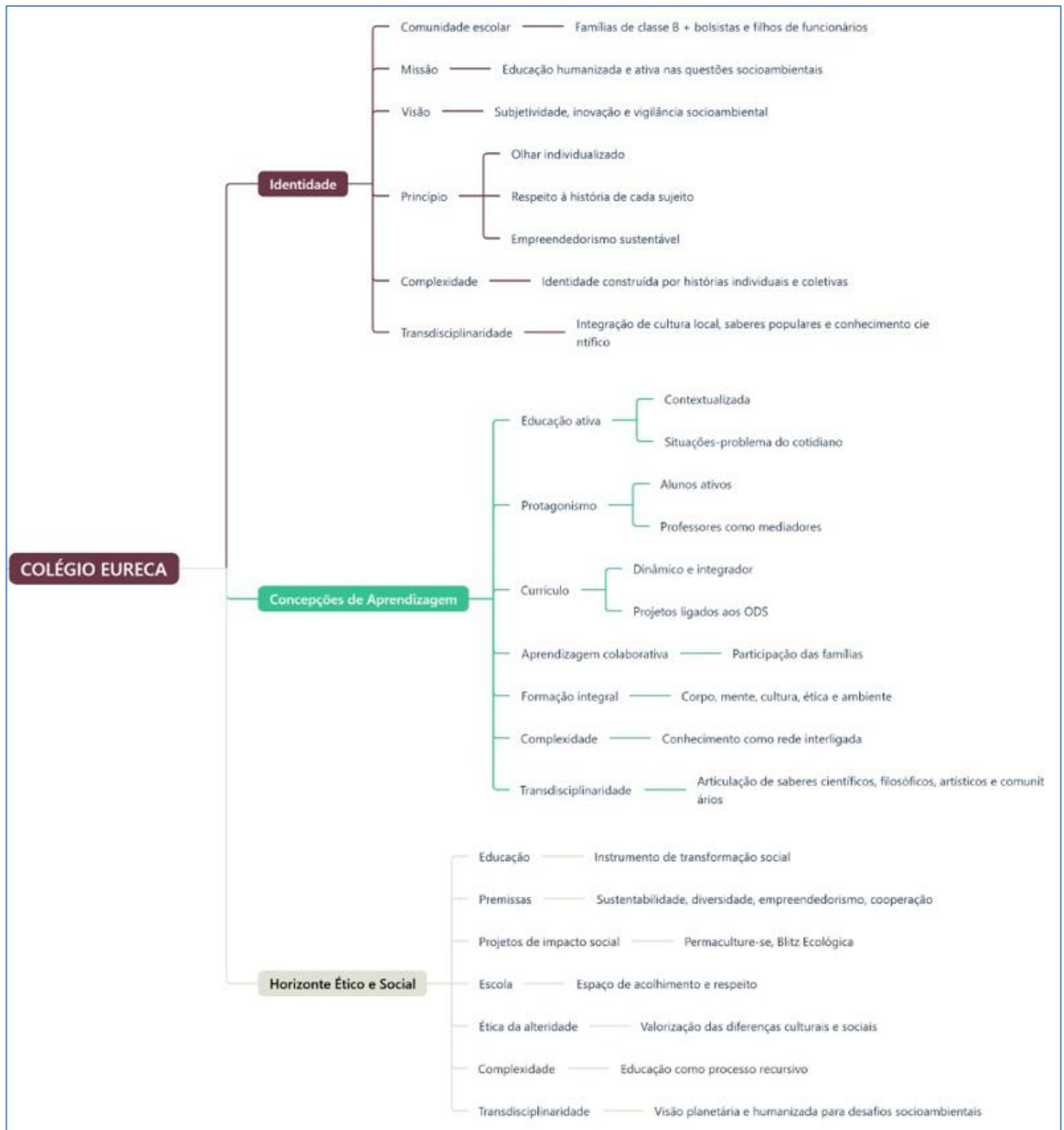
Fonte: Elaborado por Silva (2025).

Figura 6.1 – Colégio Eureka (parte 1)



Fonte: Elaborado por Silva (2025).

Figura 6.2 – Colégio Eureca (parte 2)



Fonte: Elaborado por Silva (2025).

O Colégio Eureca possui o seu projeto educativo, ou melhor, os seus processos de ensino-aprendizagem ancorados na transdisciplinaridade, articulando os conteúdos curriculares com a realidade social, cultural e ambiental em que os alunos estão inseridos. A instituição busca construir práticas educativas humanizadas que envolvam a comunidade escolar e ressignifiquem a aprendizagem por meio da Pedagogia Ecológica. A exemplo disso, os projetos ligados aos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável, como o “Caça Óleo”, “Ecobrechó” e “Carroceiros como agentes do meio ambiente”, instigam os estudantes a serem protagonistas na resolução de problemas complexos, promovendo a integração de conhecimentos científicos e de saberes populares, culturais e artísticos.

As práticas pedagógicas do Eureca valorizam a cultura local e brasileira, integrando teatro, música, dança e folclore aos conteúdos curriculares, como nas atividades do “Arraial Matracando” e do “Coral Uirapuru”. Além disso, experiências como a “Blitz Ecológica” e o projeto “Permaculture-se” estimulam a conexão dos alunos com o meio ambiente, ajudando na construção de uma consciência planetária e/ou ecológica. A perspectiva transdisciplinar na escola favorece a construção de aprendizagens significativas e colaborativas, ao mesmo tempo em que promove o desenvolvimento integral dos estudantes, envolvendo aspectos cognitivos, afetivos e sociais, vinculados à criticidade, à criatividade e à valorização da diversidade cultural.

No Colégio Eureca, os espaços de aprendizagem são pensados para além da sala de aula tradicional, tornando-se ambientes vivos e integradores. Jardins, pátios e áreas externas funcionam como laboratórios a céu aberto, nos quais alunos vivenciam de forma concreta conceitos de ciência, ecologia e cidadania. A esse respeito, percebemos que as ecotecnologias, como o biodigestor, a fossa de evapotranspiração e os sistemas de reaproveitamento de água, são incorporadas ao cotidiano escolar como instrumentos pedagógicos, permitindo que os estudantes compreendam, de maneira prática, os ciclos naturais e a importância da sustentabilidade. Esse olhar, ao propor que as escolas precisam ensinar a viver, aproxima a escola do pensamento complexo, já que as práticas do Eureca enfatizam a necessidade de reconectar o conhecimento às questões vitais da humanidade.

Além disso, as metodologias do Eureca se destacam por seu caráter transdisciplinar e globalizado. Isso ocorre porque a escola leva os alunos a museus, a praias, a parques e a espaços culturais para que eles possam explorar a realidade em múltiplas dimensões. Essa prática amplia o repertório sociocultural e convida os estudantes a estabelecer relações entre ciência, arte, natureza e cultura, fomentando uma visão transdisciplinar. Desse modo, o currículo se transforma em um fio condutor dinâmico, que não apenas transmite conteúdos, mas os

contextualiza em experiências significativas, permitindo que os alunos construam sentido para aquilo que aprendem e desenvolvam um pensamento complexo e conectado.

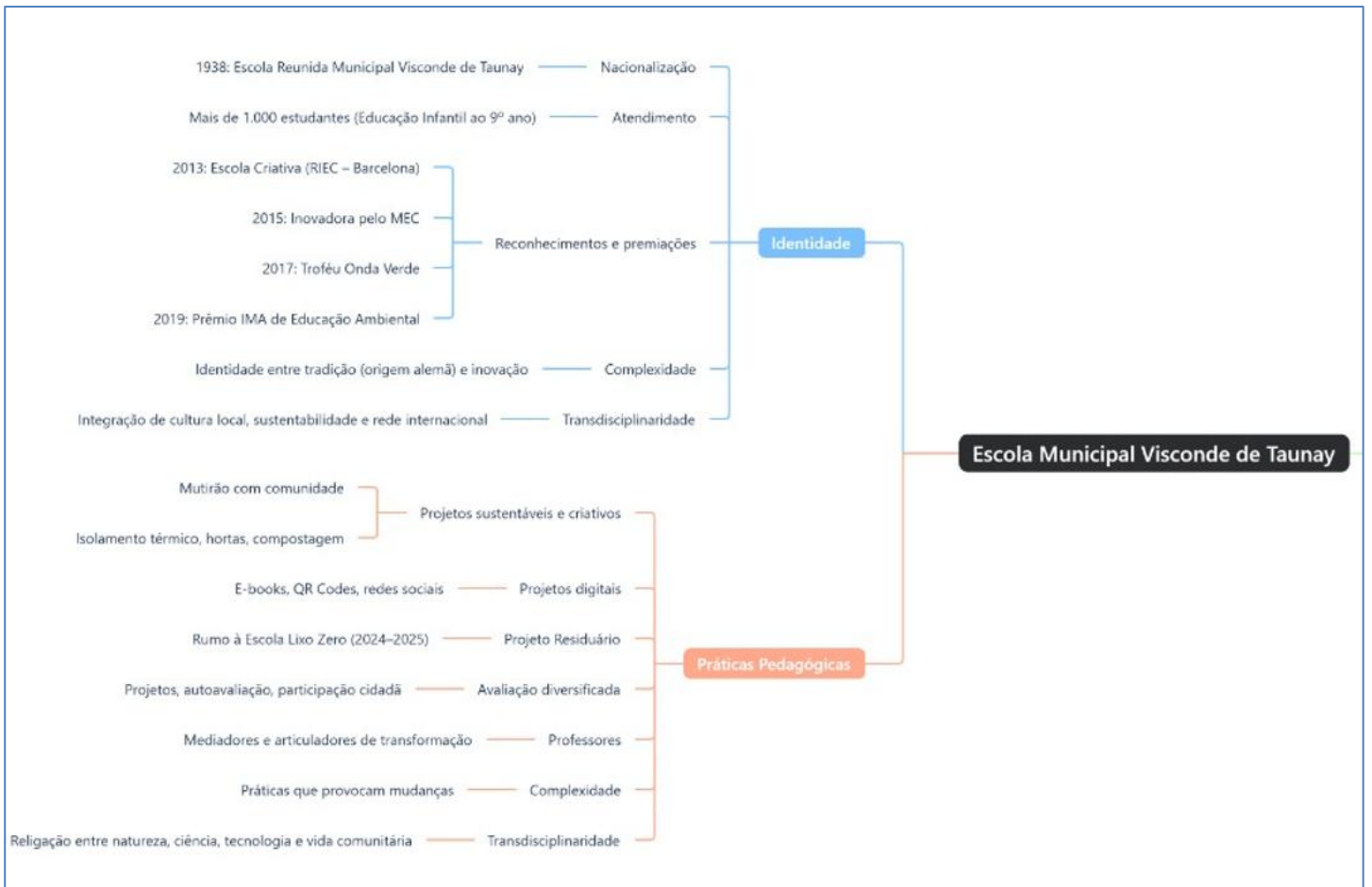
Outro ponto essencial é o papel ativo que professores e alunos assumem nesse processo. Ao entender o professor como um mediador didático e um pesquisador, que cria situações-problema que convidam os estudantes a investigar, dialogar e propor soluções para desafios reais, o Colégio Eureka favorece o protagonismo estudantil e estimula o desenvolvimento de competências como autonomia, cooperação, criticidade e criatividade. Mediante o seu olhar ético e social, essa instituição valoriza a alteridade e a diversidade, bem como coloca os seus alunos frente ao mundo vivo, mutante e complexo, promovendo o respeito às diferenças culturais e sociais. Portanto, a escola se assume como um espaço de acolhimento e transformação, no qual o processo de ensino-aprendizagem é compreendido como processo recursivo, ou seja, como um processo em que o sujeito se transforma ao transformar o mundo. Essa perspectiva amplia o alcance da educação para além do individual, assumindo uma visão, e isso ajuda a formar cidadãos engajados com e para a vida em sociedade.

Figura 7 – Escola Municipal Visconde de Taunay



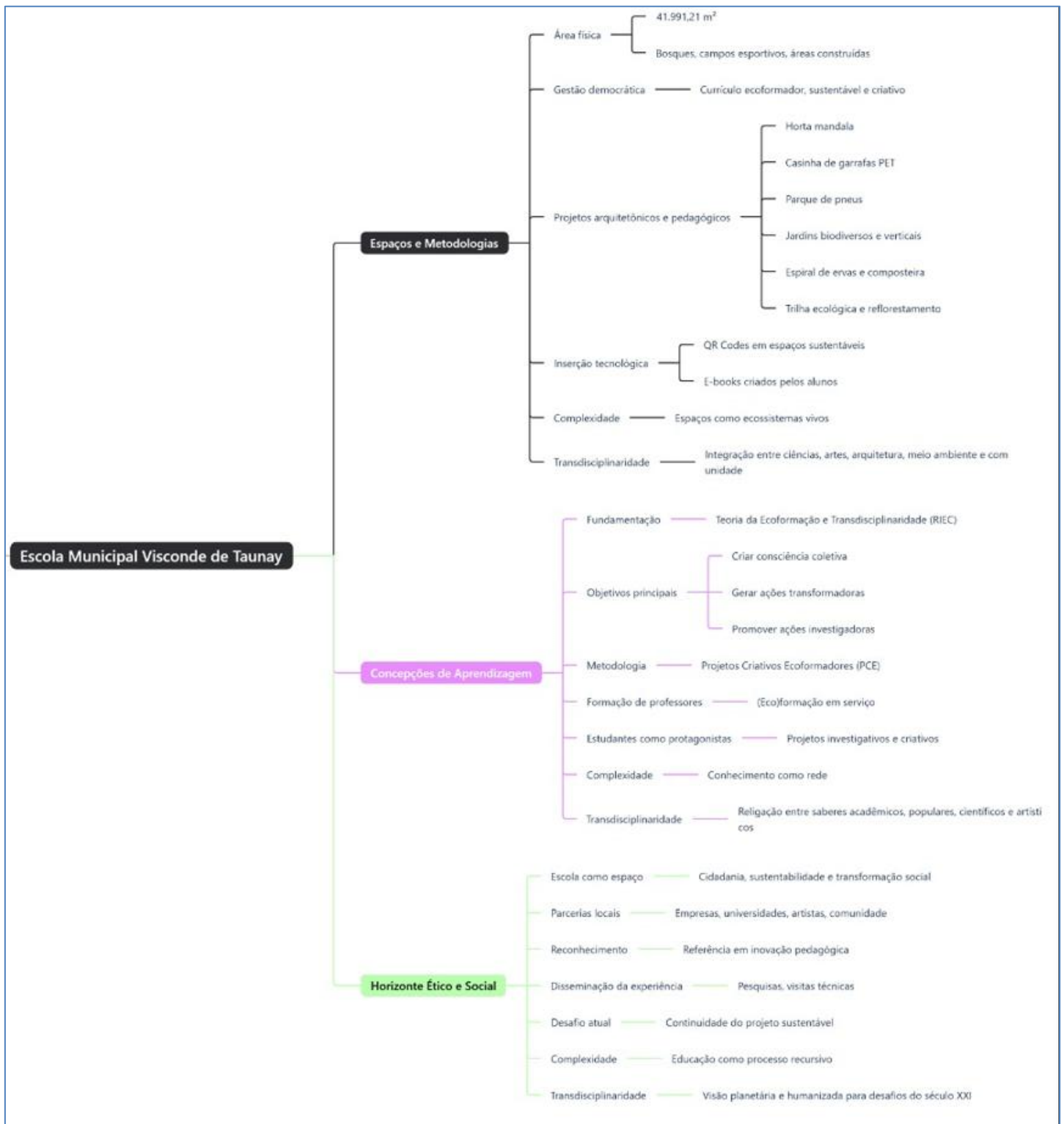
Fonte: Elaborado por Silva (2025).

Figura 7.1– Escola Municipal Visconde de Taunay (parte 1).



Fonte: Elaborado por Silva (2025).

Figura 7.2– Escola Municipal Visconde de Taunay (parte 2).



Fonte: Elaborado por Silva (2025).

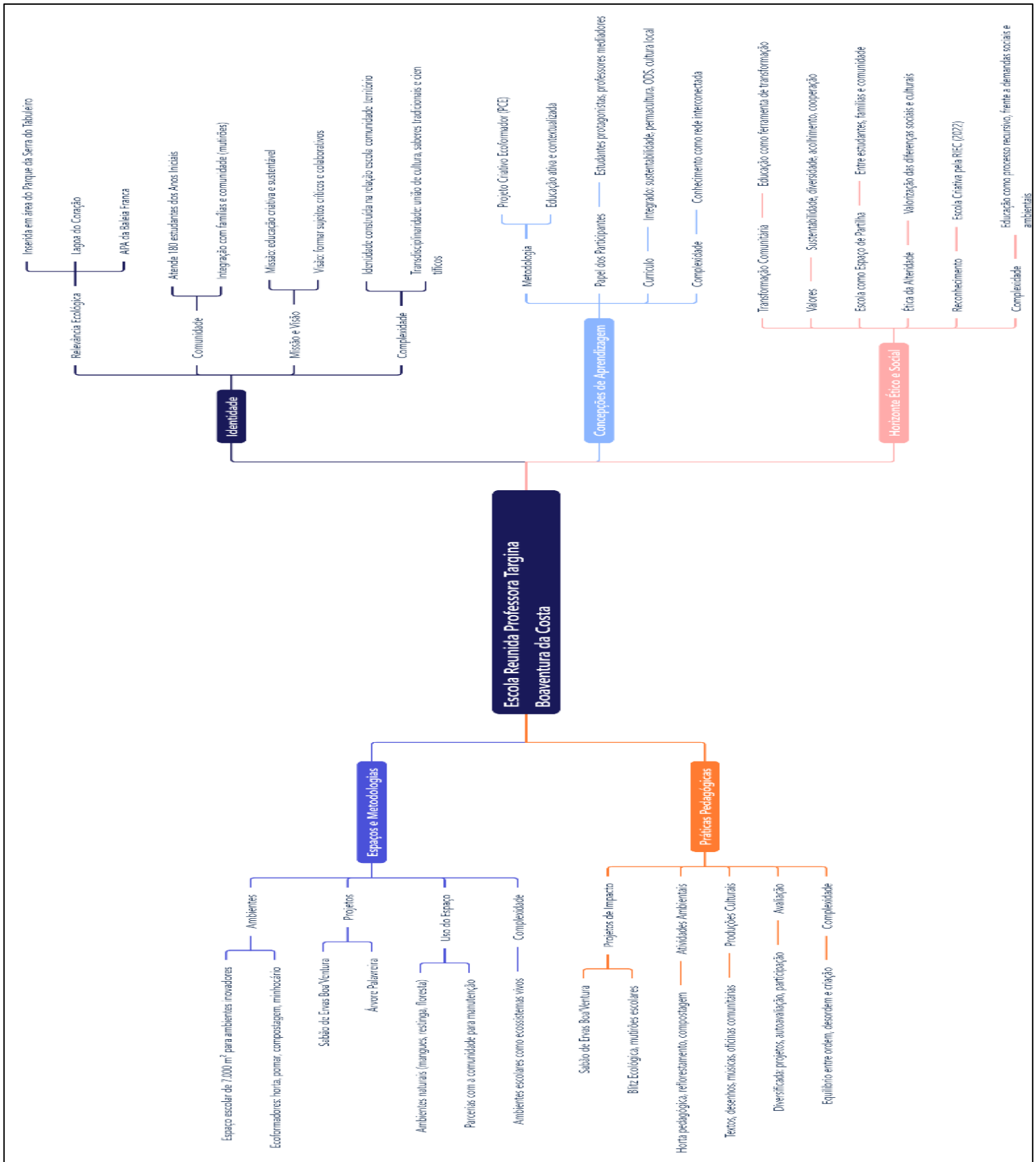
Outra importante escola que contribui para o desenvolvimento de práticas pedagógicas criativas, (eco)formativas e alinhadas à transdisciplinaridade é a Escola Básica Municipal Visconde de Taunay, localizada em Blumenau (Santa Catarina). É uma escola pública que atende a educação infantil e o ensino fundamental (anos finais e anos iniciais), integrando os conteúdos curriculares aos espaços físicos da escola, como bosques, hortas, jardins e áreas esportivas, promovendo ações criativas e investigativas, como a construção de hortas mandala, casas de garrafas PET e jardins verticais. Tais práticas são alguns dos reflexos das (eco)formações voltadas para os professores, as quais incentivam uma reflexão sobre as suas práxis pedagógicas e uma produção conhecimento colaborativo e religador.

Trata-se de uma escola onde as tecnologias digitais são incluídas nos processos de ensino-aprendizagem, a fim de engajar os estudantes, os professores e as famílias nas aprendizagens e na construção da consciência planetária. Afinal, iniciativas como o projeto “Residuário” e a meta de se tornar uma “Escola Lixo Zero” evidenciam o protagonismo estudantil e a participação coletiva em prol do zelo com a natureza e com o futuro do planeta. Diante de seus projetos e de suas ações, a escola organiza suas práticas pedagógicas de maneira transdisciplinar, planetária e crítica, consolidando-se como referência para aqueles que buscam insurgir e sustentabilizar as suas práxis pedagógicas.

A concepção de aprendizagem da Escola Visconde de Taunay é fundamentada na Teoria da Ecoformação e da Transdisciplinaridade, o que garante que cada projeto educativo seja pensado de forma integrada e relacional. Sob essa ótica, observamos que os “Projetos Criativos Ecoformadores” (PCE) funcionam como catalisadores de experiências significativas, em que os alunos são desafiados a investigar, criar e transformar a realidade em que vivem. Nesse contexto, o conhecimento é concebido como rede e construído de maneira colaborativa, articulando ciência, arte, cultura e saberes populares, e esse cenário auxilia a religação de saberes e permite que os estudantes entendem que o mundo é complexo, desenvolvendo competências para atuar de maneira ética, criativa e responsável.

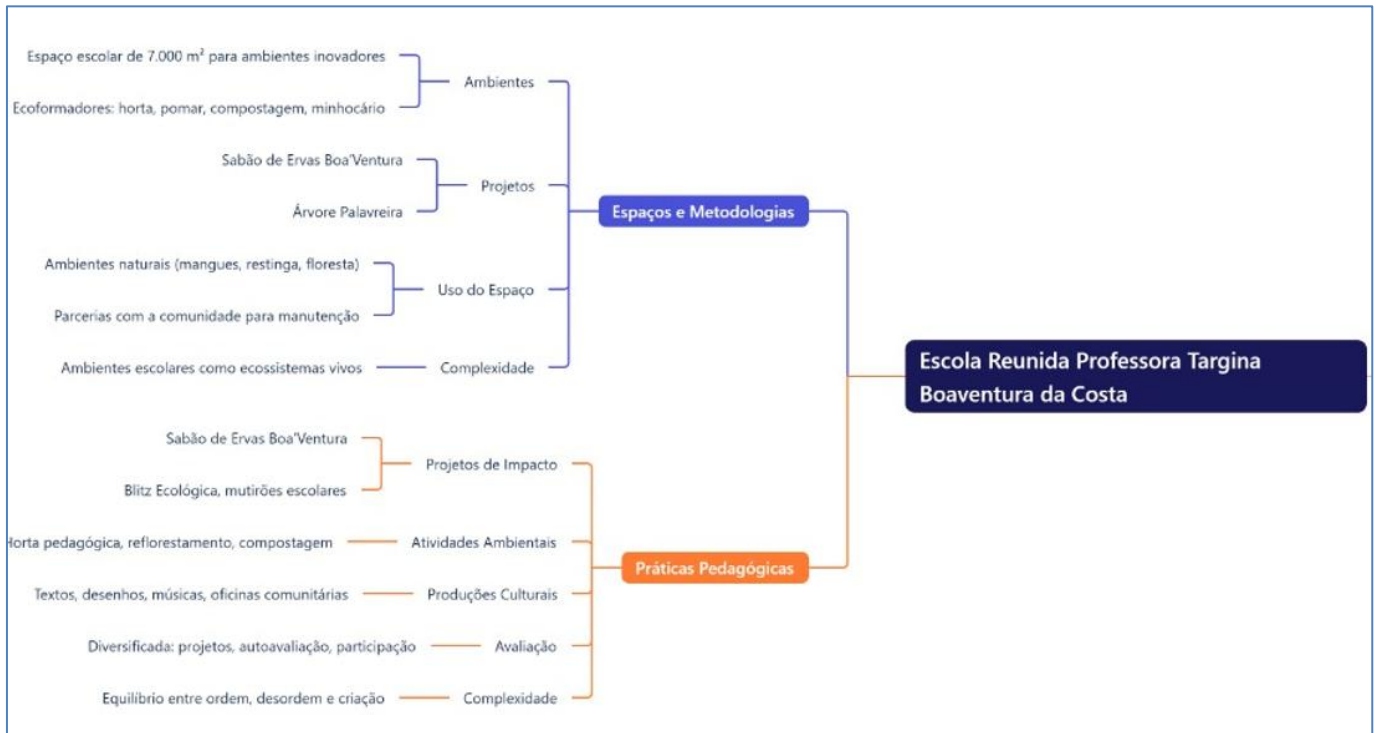
Ademais, é importante notar que a escola se destaque por seu cuidado em promover processos de ensino-aprendizagem que estejam atrelados à ética e à sociedade. Parcerias com empresas, universidades, artistas e lideranças locais potencializam a implementação de projetos de impacto social e fortalecem o vínculo entre escola e comunidade. Destarte, ao compreender a educação como um processo recursivo, a Escola Visconde de Taunay forma sujeitos que não apenas se transformam ao aprender, mas também transformam os espaços que habitam, reafirmando uma visão planetária e humanizadora frente aos ataques que circundam os sistemas educacionais públicos brasileiros.

Figura 8 - Escola Reunida Professora Targina Boaventura da Costa



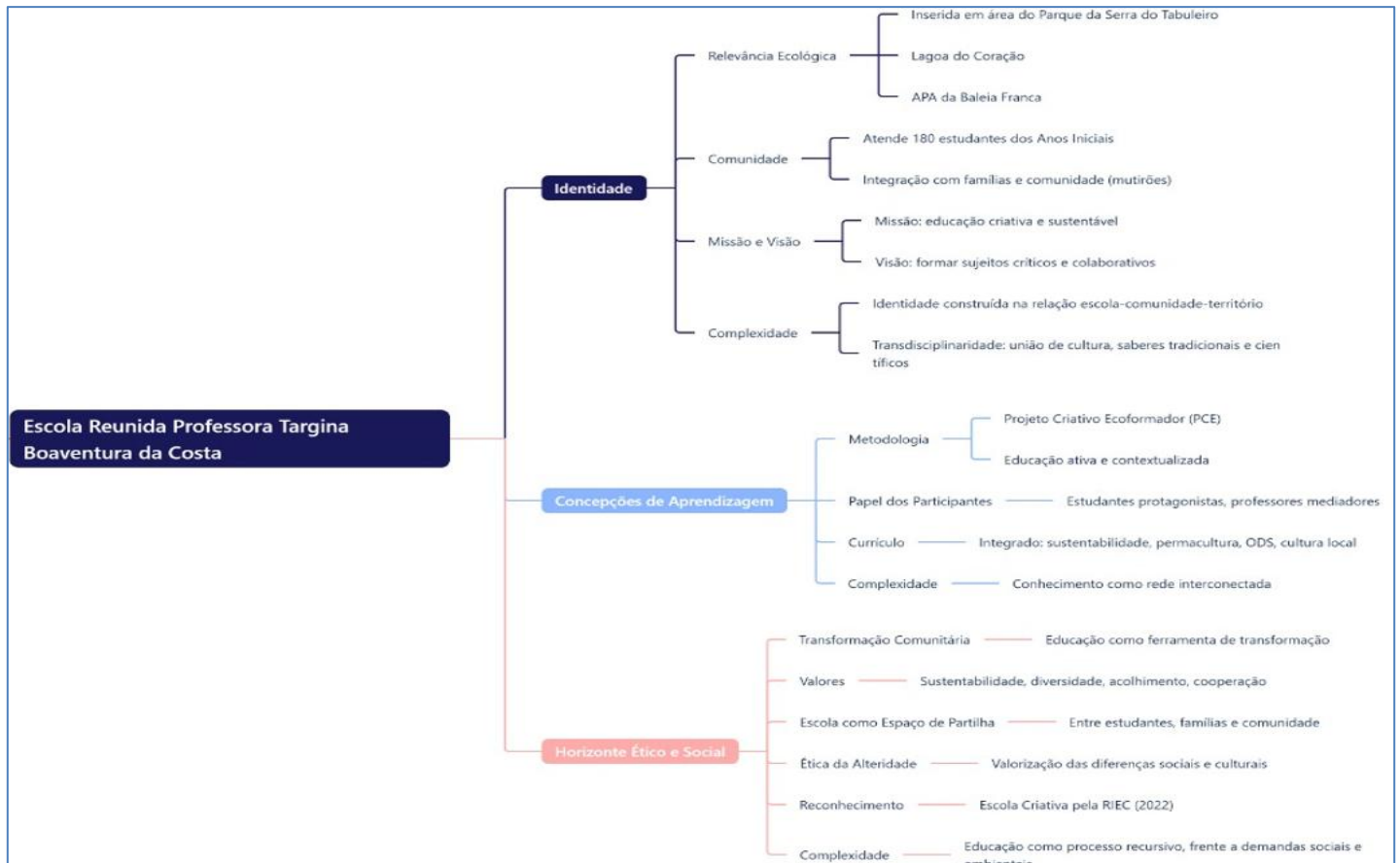
Fonte: Elaborado por Silva (2025).

Figura 8.1 - Escola Reunida Professora Targina Boaventura da Costa (parte 1).



Fonte: Elaborado por Silva (2025).

Figura 8.2 - Escola Reunida Professora Targina Boaventura da Costa (parte 2).



Fonte: Elaborado por Silva (2025).

A Escola Reunida Professora Targina Boaventura da Costa, localizada em Paulo Lopes (Santa Catarina), é uma instituição que oferece o ensino fundamental nos anos iniciais, com uma proposta pedagógica transdisciplinar, criativa e lúdica. Trata-se de uma escola pública que, atendendo a comunidade local rural ou semi-rural, é responsável por desenvolver um trabalho focado na educação ambiental e na ampliação da consciência crítica, comunitária e planetária. Essa escola tem promovido a integração entre comunidade, famílias e docentes por meio de mutirões e atividades colaborativas, ampliando a apropriação do espaço escolar como ambiente formador e estimulando o engajamento social e ambiental dos alunos.

Para que isso ocorra, a instituição faz o uso de ambientes (eco)formadores, como a horta pedagógica, a composteira, o minhocário, o pomar, a casa das abelhas e o Sabão de Ervas Boa' Ventura, os quais possibilitam aos estudantes experimentar, pesquisar e criar soluções para problemas reais da comunidade, desenvolvendo habilidades críticas, científicas e socioambientais. Ao propor práticas e vivências vinculadas com o contexto e com as necessidades dos espaços em que está localizada, a escola evidencia a sua perspectiva transdisciplinar e planetária, o que favorece a educação a partir da vida e para a vida, fortalecendo o senso de pertencimento, a sustentabilidade e a aprendizagem significativa.

A esse respeito, podemos observar que projetos como a 'Árvore Palavreira' e as produções culturais (textos, músicas, oficinas comunitárias) demonstram que o conhecimento não é fragmentado, porque ele se constrói na inter-relação entre arte, ciência, meio ambiente e vida comunitária. Esse processo amplia a formação integral dos estudantes, já que eles não apenas aprendem conteúdos escolares, mas também vivenciam práticas que fortalecem sua identidade cultural e sua responsabilidade social.

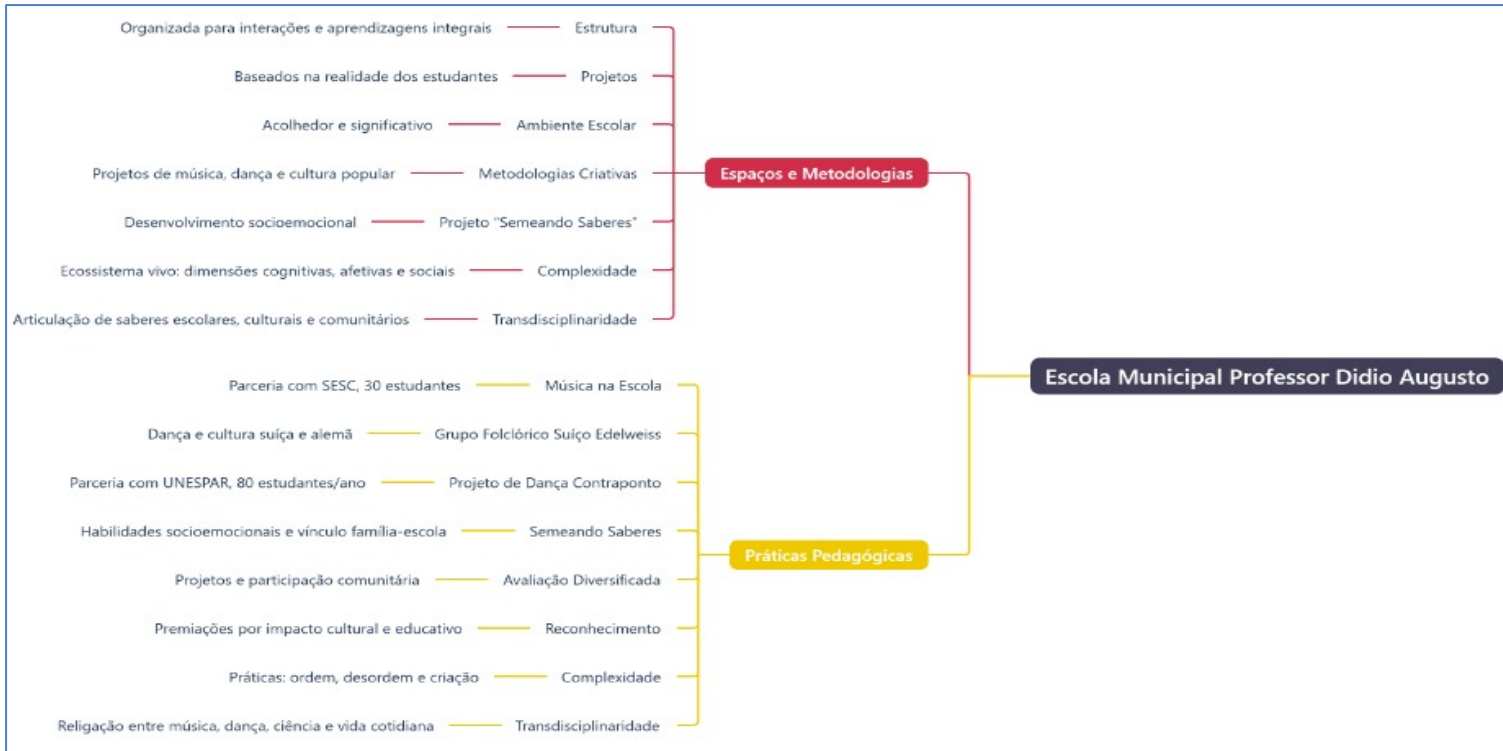
Com efeito, na Reunida Professora Targina Boaventura da Costa, os princípios da complexidade e da transdisciplinaridade se fazem presentes na forma como a escola entende a educação como rede interconectada, marcada pelo equilíbrio entre ordem, desordem e criação. Ademais, ao transformar seus espaços em ecossistemas vivos e ao promover parcerias para a manutenção de áreas naturais, a instituição reconhece que o conhecimento não é linear, mas sim fruto da interação constante entre sujeito, comunidade e território. Logo, nessa instituição, os processos de ensino-aprendizagem são processos recursivos e abertos, capazes de responder às demandas ambientais e sociais da comunidade na qual os alunos estão inseridos, enquanto cultiva a cooperação, a diversidade e o reconhecimento das diferenças culturais.

Figura 9 - Escola Municipal Professor Didio Augusto



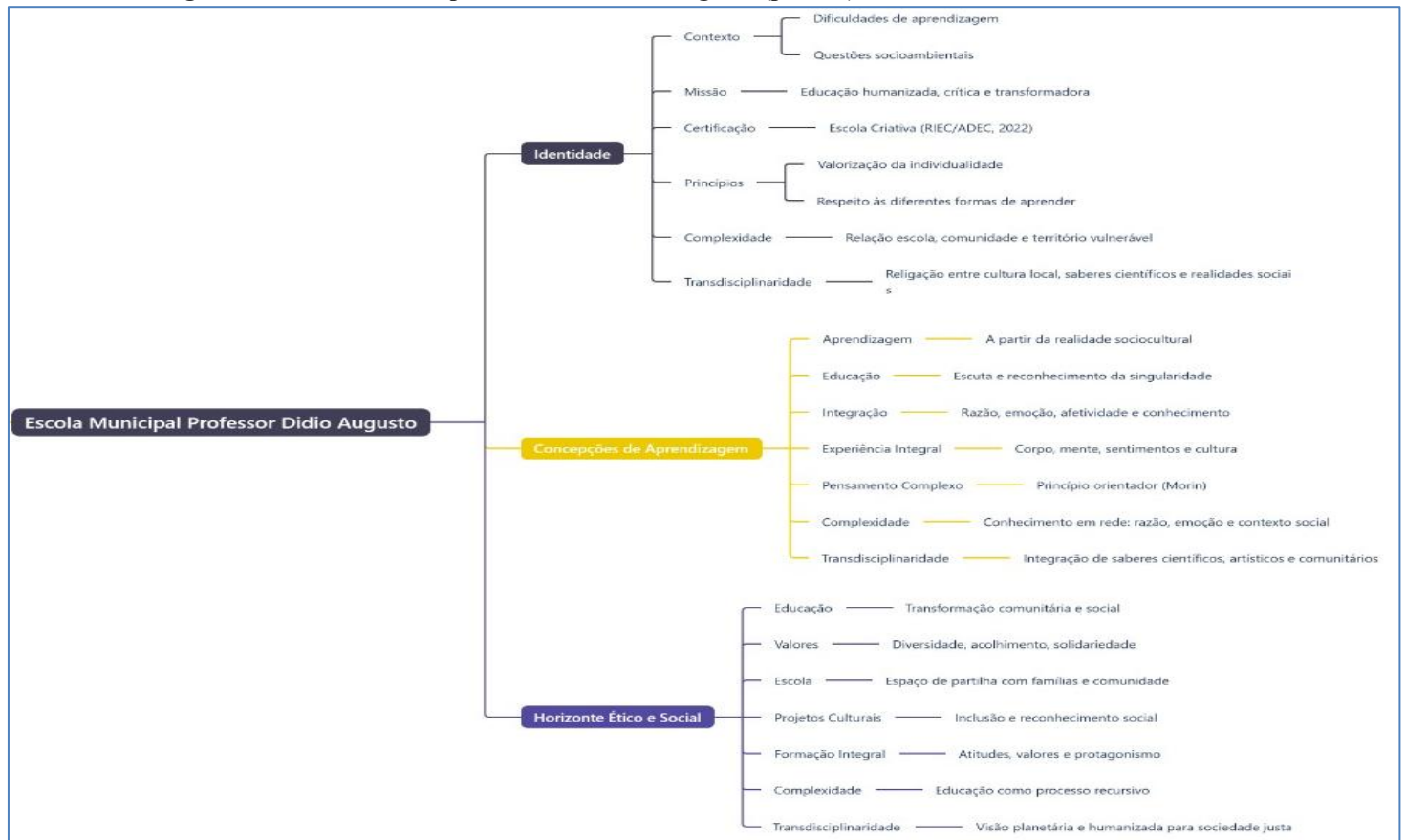
Fonte: Elaborado por Silva (2025).

Figura 9.1 - Escola Municipal Professor Didio Augusto (parte 1).



Fonte: Elaborado por Silva (2025).

Figura 9.2 - Escola Municipal Professor Didio Augusto (parte 2).



Fonte: Elaborado por Silva (2025).

No livro, há também um relato sobre a Escola Municipal Professor Didio Augusto, localizada em União da Vitória (Paraná), a qual é uma instituição pública que atende o ensino fundamental-anos iniciais e a educação infantil. Essa escola desenvolve processos de ensino-aprendizagem contextualizados e transdisciplinares, pois a realidade dos estudantes e importância da conexão entre currículo, contexto sociocultural e meio ambiente. Essa instituição implementa projetos que integram múltiplas áreas do conhecimento e promovem aprendizagens significativas, reconhecendo a individualidade de cada estudante e estimulando o pensamento complexo para compreender a realidade de forma holística, visto que os projetos propostos pela escola dialogam com a vida cotidiana e promovem habilidades socioemocionais, senso crítico e protagonismo juvenil.

A esse respeito, podemos mencionar projetos como “Música na Escola”, “Grupo Folclórico Suíço Edelweiss” e “Dança Contraponto”, os quais exemplificam a integração de disciplinas e saberes, envolvendo música, cultura e dança, além de articular parceiros da comunidade em que a escola está inserida. Posto isso, é evidente que a escola se fortalece como um espaço (eco)formador e criativo, no qual a participação de famílias e comunidade é central, e isso faz com que a instituição religue não apenas os conteúdos disciplinares, mas também a prática e a experiência em comunidade, estimulando uma formação transdisciplinar e contextual com a vida.

A Escola Municipal Professor Didio Augusto promove processos de ensino-aprendizagem interligados à complexidade e à transdisciplinaridade porque ela entende que a escola, tanto pública quanto privada, pode ser uma rede que articula razão, emoção, afetividade e conhecimento. Diante disso, a instituição promove experiências que envolvem corpo, mente, sentimentos e cultura, possibilitando que o estudante vivencie a aprendizagem de modo interconectado. Ao valorizar diferentes formas de aprender e ao respeitar a singularidade de cada sujeito, as práticas pedagógicas vivenciadas na escola rompem com a linearidade do ensino tradicional, assumindo uma postura recursiva na qual os processos de ensinar e de aprender são renovados diante dos diálogos e das coexistências entre escola, comunidade e território.

Sob essa ótica, percebemos também que a multidimensionalidade dos conhecimentos e dos saberes, bem como o caráter transdisciplinar deles, se concretizam na forma como a escola integra saberes científicos, artísticos e comunitários em seus projetos. O projeto “Semeando Saberes”, por exemplo, associa o desenvolvimento socioemocional à construção de vínculos familiares e sociais, o que demonstra que o conhecimento atravessa as dimensões cognitivas, afetivas e culturais da vida, tornando-o multidimensional. A partir dessa perspectiva, Escola Municipal Professor Didio Augusto não apenas transmite conteúdos, mas também favorece uma

formação integral e humanizada, na qual a educação se torna ferramenta de transformação social e de reconhecimento da diversidade, em sintonia com a visão planetária proposta por Edgar Morin.

Por isso, consoante ao apresentado, observamos que todas as escolas mencionadas, além de serem reconhecidas e certificadas pela Rede Internacional de Escolas Criativas (RIEC), buscam contextualizar e aproximar os estudantes de suas realidades, seja por meio dos espaços físicos, seja por meio de projetos educativos. Ademais, elas promovem projetos que estimulam a transdisciplinaridade e a criatividade, integrando conhecimento, saberes, cultura e sustentabilidade, bem como instigando a participação da comunidade e das famílias nas tessituras das aprendizagens. Tais fatores fazem com que elas sejam escolas brasileiras que não só buscam a transformação dos sujeitos, mas também se preocupam com as correlações entre pensar, agir e existir, por meio da reforma do pensamento e das práxis pedagógicas, o que permite que os sujeitos presentes em seus projetos se tornem críticos e tenham consciência planetária.

Diante dos relatos presentes na obra “Escolas Criativas de Referência: Rede Internacional de Escolas Criativas – RIEC” (Torre, Zwierewicz e Suanno, 2025), percebemos que, sim, é possível propor e fazer uma educação que preze pela transdisciplinaridade, pela complexidade e pela criticidade, ainda que haja políticas educacionais contrárias a esses pressupostos. Inspirados por essas esperanças que se concretizam na escola, propomos, nesta dissertação, uma reflexão sobre uma mediação didática que reconheça as particularidades, os contextos, as dimensões globais e as complexidades constitutivas dos processos de ensino-aprendizagem e dos sujeitos que os vivenciam. Por isso, acreditamos que a mediação didática transdisciplinar seja uma via para fazer com que mais instituições e mais docentes possam insurgir, transgredir e (re)inventar os espaços educativos e as práxis pedagógicas brasileiras.

MEDIAÇÃO DIDÁTICA TRANSDISCIPLINAR: UM OLHAR INSURGENTE E DESAFIADOR PARA O PROCESSO DE ENSINO-APRENDIZAGEM.

Nesta seção, será apresentado o conceito de mediação didática transdisciplinar, bem como princípios-estratégias que podem ajudar os docentes a colocarem tal processo em prática. Trata-se da parte primordial desta dissertação, pois queremos traçar, aqui, um conceito insurgente e transgressor que, se colocado em vigor no contexto educacional, pode promover

tessituras relevantes e impactantes para todo o processo de ensino-aprendizagem e para a formação integral dos seres humanos.

A princípio, é importante lembrar que o trabalho educativo é um processo de tessituras constantes, no qual professores e alunos trazem, compartilham, costumam e utilizam os conhecimentos e saberes produzidos individual e coletivamente. Os docentes ao planejar, executar e avaliar as suas práticas pedagógicas produzem mediações didáticas frequentemente. Afinal, sendo o processo de ensino-aprendizado uma construção individual e coletiva, que advém de experiências vividas na escola e fora dela, é importante que haja alguém para auxiliar os alunos a tecer as relações entre esses conhecimentos, saberes, emoções e experiências, ajudando a construção de um processo de ensino-aprendizagem mais consistente, crítico, reflexivo e planetário. Tal auxílio é realizado pelos professores, pois eles são os agentes responsáveis por criar níveis de ajuda, por meio da mediação didática, para que os estudantes possam compreender os conhecimentos e saberes propostos, relacionando-os com o mundo (Silva, 2023).

Pensar e produzir a mediação didática requer uma postura didático-pedagógica aberta, consciente, intencional e transdisciplinar, porque os professores irão intervir intencionalmente na formação, na ampliação e na complexificação dos processos mentais dos alunos (Libâneo, 2012), auxiliando-os nas tessituras do processo de ensino-aprendizagem. Para que essa mediação seja realizada é necessário entender a aula como um espaço eco-formador³, em que professores e alunos estão em formação contínua, mútua e relacional, por isso é importante a atuação do docente - enquanto profissional intelectual que possui formação, experiência e consciência de sua atividade profissional e pedagógica - na condução e na colaboração das tessituras realizadas ao longo das aprendizagens dos alunos.

Contudo, é importante lembrar que a mediação didática não se reduz ao ato de ministrar aulas, de passar atividades e de responder às perguntas dos alunos. Assim como pondera D'Ávila (2005), o professor é responsável por mediar as ideias dos estudantes e os objetos dos conhecimentos, fazendo escolhas importantes e decisivas para a aprendizagem dos alunos, como escolher qual ponto ressaltar ou ilustrar em uma explicação e ajudar a iluminar a apreensão sobre conteúdo. Acrescentamos às ideias da autora a responsabilidade de mediar, para além das relações com o conteúdo, as relações com as experiências, as emoções, as

³ Entendemos, nesta dissertação, que a **Ecoformação**, à luz da epistemologia da complexidade de Edgar Morin, pode ser compreendida como um processo formativo que reconhece o sujeito em permanente relação de interdependência consigo, com os outros, com a sociedade e com a natureza. Trata-se de uma formação que ultrapassa a dimensão exclusivamente cognitiva e técnica, integrando aspectos éticos, afetivos, culturais, sociais e ambientais, ao considerar que o sujeito se forma.

corporeidades e os saberes culturais dos alunos, afinal, o processo de ensino-aprendizagem é complexo e hologramático (Morin, 2000), pois há relações que ocorrem mutuamente durante a aprendizagem e elas não estão apenas no objeto de estudo, mas também nas partes que o constituem e que constituem os estudantes.

Sendo assim, a mediação didática precisa contribuir para a reforma do pensamento, para pensar complexo, para religar saberes, para valorizar uma razão sensível, para articular na formação humana, integrando sensibilidade, corporeidade, inteligência e criatividade. Para alcançar esses objetivos, a mediação didática alinha-se à Didática Complexa e Transdisciplinar, já que

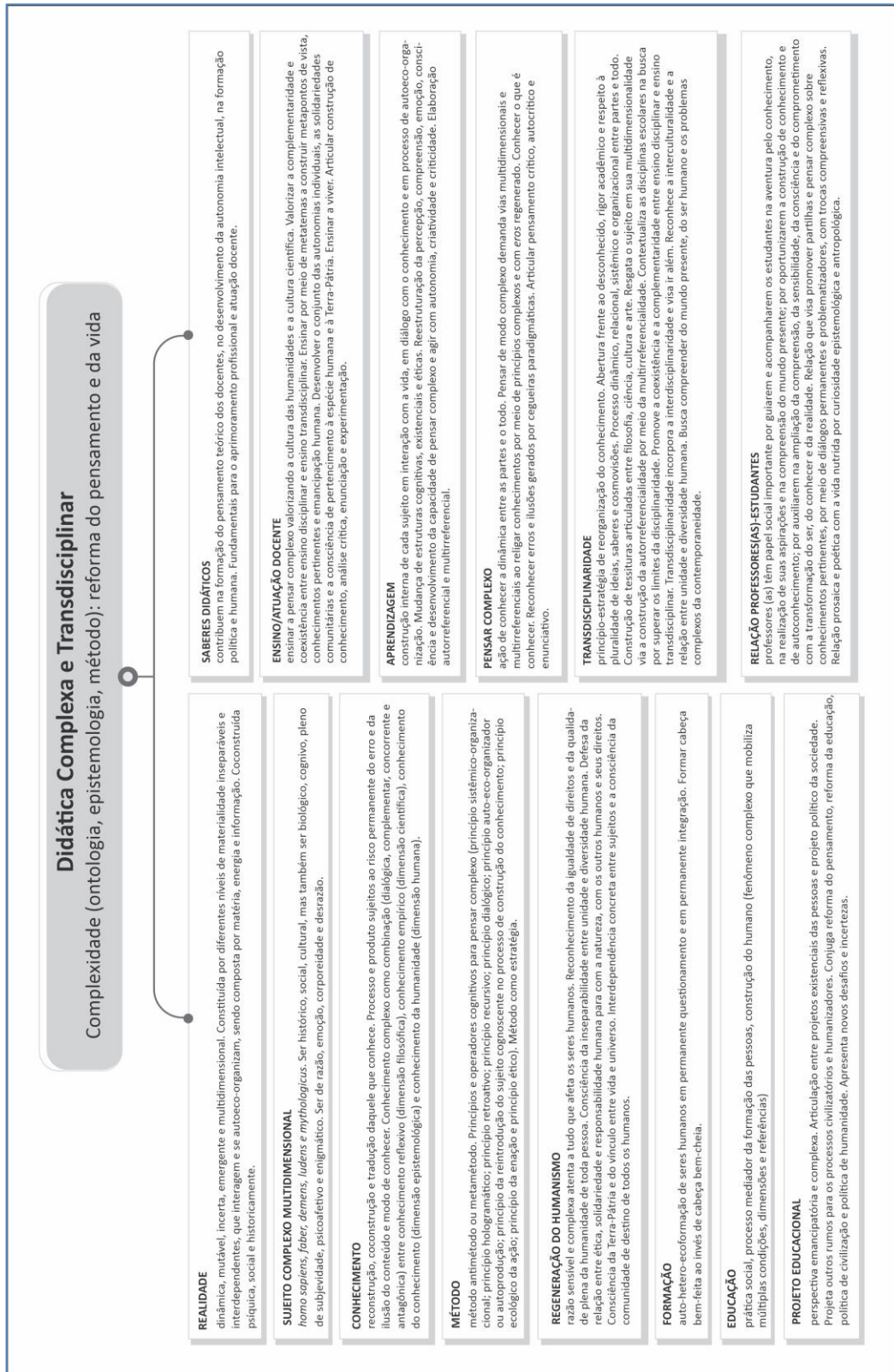
Pensar uma didática complexa e transdisciplinar remete pensar processos que favoreçam a ampliação da consciência do sujeito, de sua subjetividade, de seu ser no mundo e de sua relação complexa e transdisciplinar com o conhecimento. Posto que a Epistemologia da Complexidade valoriza a presença do sujeito no objeto e da estratégia do sujeito na relação com o objeto, com a vida, consigo mesmo, com outro e com o meio (Suanno, 2015, p. 286).

Tal compreensão se articula diretamente com o que a Didática Complexa e Transdisciplinar (Suanno, 2015) propõe: recolocar o sujeito cognoscente no centro dos processos educativos, reconhecendo sua natureza multidimensional, histórica, sensível, racional, emocional e corpórea. Ao valorizar a presença do sujeito no objeto, bem como sua estratégia cognitiva-emocional na relação com o mundo, essa perspectiva reconhece que aprender não apenas implica religar realidades, saberes e experiências, mas também implica reconhecer a incerteza, a incompletude e a emergência próprias da vida. Assim, compreender o conhecimento como construção, reconstrução e tradução torna-se fundamental para assumir uma mediação didática que supere a fragmentação disciplinar e convoque modos de pensar, sentir e agir que sejam coerentes com a complexidade do humano e com os desafios planetários contemporâneos (Suanno, 2022).

Nesse sentido, a Didática Complexa e Transdisciplinar, conforme defendido por Suanno (2015), revela-se imprescindível para fundamentar processos de mediação didática que desejem ser, simultaneamente, complexos, transdisciplinares e emancipatórios. Ao se propor a tessitura de um estilo de pensamento fundamentado nos princípios do pensamento complexo de Edgar Morin, essa didática convoca práticas educativas capazes de integrar as dimensões ecológica, cognitiva, ética, estética, política e espiritual da existência humana, reconhecendo a realidade como dinâmica, a aprendizagem como dialógica e a atuação docente como articulador de saberes (Suanno, 2023).

Por conseguinte, uma Didática Complexa e Transdisciplinar entende que as relações entre professores e estudantes podem ser pautadas pela cooperação, emoção e autoria, e essas relações podem ser construídas em ambientes educacionais que favoreçam a autonomia intelectual, a religação entre cultura científica e humanidades, a produção autorial de projetos e metatemas, a problematização multidimensional dos fenômenos e a construção de análises que articulem subjetividade e objetividade (Suanno, 2015; 2022; 2023). Entendemos, então, que, ao ecologizar saberes e reconhecer a interdependência entre sujeito, conhecimento e mundo, essa didática oferece condições para que os atos educativos se tornem práxis complexas e transdisciplinares, comprometidas com a ampliação da consciência, com a responsabilidade planetária e com a transformação ética e humanizadora da vida (Suanno, 2022).

Figura 10 - Didática Complexa e Transdisciplinar.



Fonte: Suanno (2023, p. 272 e 273).

Tendo em vista esse cenário, esta dissertação propõe que a mediação didática seja pensada de maneira complexa e transdisciplinar, de modo a favorecer uma formação humana global que preze, além da apreensão dos conteúdos, pela compreensão e pela emancipação dos sujeitos, reconhecendo-os como seres de práxis, de culturas, de experiências e de sentimentos, fatores que não podem ser colocados de lado durante o processo de ensino-aprendizagem. Logo, queremos instigar que os professores possam ser mediadores didáticos transdisciplinares a fim de continuarem exercendo níveis de ajuda aos alunos, mas que essa ajuda seja pautada no pensamento complexo e na racionalidade aberta, respeitando o dialogismo da nossa formação enquanto seres humanos.

Tecer o conceito de mediação didática transdisciplinar não significa ignorar e/ou superar o conceito de mediação didática e/ou mediação pedagógica. A mediação didática transdisciplinar é uma complementaridade e uma complexificação dos conceitos existentes. Trata-se de uma nova maneira de conceber a atuação docente e suas relações com os estudantes, os objetos de estudo, os saberes e os conhecimentos, alinhada às perspectivas de Edgar Morin e à epistemologia da complexidade. Posto isso, é importante rememorarmos o conceito de transdisciplinaridade, em especial as suas finalidades, para que entender o porquê de adicionar o termo “transdisciplinar” ao conceito de mediação didática e, a partir daí, criar uma nova conceituação para esse processo.

A transdisciplinaridade é um princípio-estratégia que ajuda a religar saberes e conhecimentos que estão entre, através e além das disciplinas escolares, lançando luz para uma racionalidade aberta (Morin, 2003; Moraes, 2015; Suanno, 2022). Superando as barreiras que cercam e limitam os conhecimentos, ela quer complementá-los e transcendê-los para que seja possível alcançar uma mentalidade complexa, contextualizada e globalizada dentro e fora dos processos de ensino-aprendizagem. Diante disso, buscamos, nesta dissertação, desenvolver uma mediação didática que ajude a promover uma metamorfose no pensamento e nas ações, respeitando o rigor científico, as diversidades de saberes e de conhecimentos e as relações eco-formativas entre estudantes e professores.

Com efeito, embora o conceito de transdisciplinaridade seja mais complexo e possua mais elementos (como fora ponderado nas seções anteriores desta dissertação), teceremos o conceito de mediação didática transdisciplinar com base em algumas finalidades da transdisciplinaridade, as quais cooperam para a reestruturação do conhecimento, para a reorganização da busca pelo conhecimento e para o caminho pela reforma no estilo de vida. Desse modo, conseguiremos fazer com que os processos de ensino-aprendizagem aspirem não

apenas a compreensão dos saberes disciplinares, mas também, e principalmente, uma reforma no pensamento.

A transdisciplinaridade emerge como um paradigma essencial para a reorganização do conhecimento no contexto contemporâneo, promovendo uma ruptura com a fragmentação disciplinar e impulsionando a construção de um novo modo de pensamento, o pensamento complexo. Isso ocorre porque, assim como posto por Morin (2003c), é por intermédio da religação dos saberes e dos conhecimentos que se possibilita a compreensão da complexidade do real, e isso exige uma organização transdisciplinar, ou melhor, uma superação das barreiras e/ou das limitações entre os campos do saber. Ademais, o diálogo complexo e integrador entre os conhecimentos e saberes - disciplinares ou não - favorece uma abordagem mais crítica, globalizada e holística do conhecimento, e isso pode ser feito mediante a transdisciplinaridade, visto que ela não busca meramente a justaposição das disciplinas (Japiassu, 2006).

Sob essa perspectiva, é importante lembrar que uma mediação didática que esteja alinhada à transdisciplinaridade permite uma aprendizagem mais significativa e contextualizada, pois reconhece a complexidade dos fenômenos e promove a formação de sujeitos reflexivos, capazes de lidar com as incertezas do mundo atual (Moraes, 2011). Aprender a lidar com as indeterminações da vida é importante para os alunos estejam conscientes de que os saberes e os conhecimentos são mutáveis, incertos e dialógicos às ações humanas que os perpassam, por isso, é importante

Reaprender a aprender com a plena consciência de que todo conhecimento traz em si mesmo e de forma ineliminável a marca da incerteza. Não se trata de uma ode ao valeduto nem ao ceticismo generalizado, mas de uma luta contra o absolutismo e o dogmatismo disfarçados de verdadeiro saber. “Ciência com consciência” portanto. Esse é o imperativo do pensamento complexo” (Morin, Ciurana e Motta, 2003, p.55-56)

Ao buscar a reorganização dos conhecimentos e a transformação do modo de pensar, orientada pelo pensamento complexo, a transdisciplinaridade contribui para uma compreensão mais profunda da realidade, promovendo uma educação comprometida com princípios éticos, com a vida e com a sustentabilidade (Suanno, 2012). Assim, no processo de ensino-aprendizagem, a transdisciplinaridade se revela não como um método, mas como um princípio-estratégia e como uma pauta formativa para o enfrentamento dos desafios do século XXI, alinhando-se ao pensamento complexo e à necessidade de uma reforma intelectual, tanto para os alunos quanto para os demais sujeitos da nossa sociedade.

A transdisciplinaridade propõe uma reorganização da forma como conhecemos, ensinamos e aprendemos, por isso, é necessário pensar uma mediação didática alinhada a essa reorganização. Ao superar a fragmentação das disciplinas e dos conhecimentos, a transdisciplinaridade lança luz à emergência de um novo olhar para os processos educativos, no qual a sensibilidade, a arte, as culturas, as emoções e os saberes dos alunos são integrados ao campo da aprendizagem. Essa reconstrução do processo de ensino-aprendizagem é importante porque, conforme afirma Morin (2015), é necessário educar para a vida em sua complexidade, desenvolvendo não apenas competências cognitivas, mas também afetivas e éticas, em processo que requer a abertura à incerteza, à subjetividade e à diversidade.

Tendo em vista que, na Carta da Transdisciplinaridade (Freitas, Morin e Nicolescu, 1994), é colocado que a transdisciplinaridade não se limita à articulação entre disciplinas, mas compromete-se com a unidade do conhecimento, reconhecendo a coexistência dos diferentes níveis de realidade e de percepção, faz-se importante tecer um novo olhar sobre o ato de ensinar e, por conseguinte, de aprender. Por isso, convém que os professores sejam mediadores sensíveis, capazes de reconhecer os saberes dos estudantes e de promover práticas que respeitem o ser em sua totalidade, complexificando, contextualizando, dialogizando e globalizando os conhecimentos e os saberes.

Sendo assim, ao religar os saberes, a transdisciplinaridade contribui para a formação de um sujeito complexo, investigativo, crítico e ético, cuja busca pelo conhecimento não se restringe ao conteúdo formal, ou disciplinar, mas se abre para a experiência, para o sentido e para o cuidado com a vida, articulando razão, sensibilidade, ciência, culturas e experiências. Ao se articular com a mediação didática, a transdisciplinaridade possibilita a construção de processos de ensino-aprendizagem sensíveis às dimensões humanas, culturais e sociais dos sujeitos, promovendo, em um movimento ecoformativo, uma metamorfose que ultrapassa as formas de aprender e alcança os modos de existir. Afinal, segundo Morin (2003c), a educação deve incluir o humano em sua complexidade, levando em consideração sua identidade, suas emoções, suas raízes culturais e sua inserção na comunidade planetária. Essa concepção convida professores e alunos a se perceberem como seres integrais, inseridos em contextos históricos, sociais, emocionais e culturais que influenciam diretamente sua forma de conhecer e estar no mundo.

Por conseguinte, queremos com esta pesquisa desenvolver uma nova forma de mediar os processos de ensino-aprendizagem e de conceber os conhecimentos e os saberes. Trata-se de uma forma hologramática, eco-formativa, complexa, transdisciplinar e transgressora, na qual os sujeitos envolvidos passarão não somente por uma mudança na maneira de aprender, mas

também, e principalmente, viverão uma metamorfose em suas vivências, pensamentos e percepções acerca de suas vidas e do mundo que os cerca. Para que isso seja possível, então, criamos o conceito de mediação didática transdisciplinar, o qual será apresentado a seguir.

Novas tessituras, novas relações e nova mediação: a transdisciplinaridade como fio condutor da aprendizagem.

Conforme supracitado nesta dissertação, a transdisciplinaridade, como princípio-estratégia inspirada no pensamento complexo de Edgar Morin, propõe uma reconfiguração das formas de perceber e atuar no mundo, especialmente no campo educacional. Ao transcender os limites das disciplinas e das fragmentações impostas aos diversos conhecimentos e saberes, ela favorece uma ampliação da sensibilidade humana diante dos múltiplos fatores que compõem a realidade - sociais, científicos, culturais, corporais, artísticos e emocionais. Tais aspectos precisam ser levados em consideração pelos professores no momento de escolher as suas práticas, suas intencionalidades e suas finalidades pedagógicas, pois, assim como defende Morin (2000), é essencial reconhecer que o ser humano é multidimensional, pois é um ser biológico, psicológico, social, histórico e cultural.

Nesse sentido, a transdisciplinaridade nos convida à escuta das emoções, ao reconhecimento da diversidade dos saberes e à valorização das dimensões subjetivas da experiência humana, aspectos muitas vezes negligenciados por algumas concepções e/ou propostas fragmentadas do ensino. Sendo assim, torna-se importante que, ao serem mediadores didáticos transdisciplinares, os professores ajudem na ampliação da consciência humana dos estudantes, para que eles percebam que são sujeitos partícipes de suas realidades, e que elas se modificam e são modificadas por suas ações, em um movimento dinâmico, dialético e recursivo. Afinal, como aponta Morin (2015), educar é formar consciências que possam compreender a si mesmas, o outro e o mundo em sua complexidade.

Ademais, ao integrar múltiplos níveis de realidade e de conhecimento, a transdisciplinaridade favorece tanto o autoconhecimento quanto a compreensão crítica das condições sociais, políticas e ambientais que constituem nossas existências. Ao superar dicotomias tradicionais, como sujeito e objeto, razão e emoção, ciência e arte, contribui para a formação de uma consciência mais integrada e reflexiva, atenta às próprias ações e às suas implicações coletivas. Nesse movimento, cabe aos professores, no âmbito do ensino-aprendizagem, possibilitar vivências que contemplem essas dimensões, mediando não apenas

os saberes formais, mas também as relações dos sujeitos com o mundo e com suas subjetividades.

Sob essa ótica, compreendemos que o pensamento transdisciplinar não se restringe apenas a uma reflexão teórica, porque ele busca mobilizar os sujeitos para uma ação ética, globalizada e comprometida com o mundo em que estão inseridos. Consequentemente, a compreensão da importância dessas ações, bem como da compreensão acerca da complexidade dos conhecimentos, dos saberes e da própria existência, demanda de nós responsabilidade e solidariedade humana, assim como posto por Morin (2003c). Portanto, uma mediação didática transdisciplinar deve engajar os estudantes em processos que despertam o desejo de contribuir para o bem comum, para o bem viver e para a construção de sociedades mais justas, sustentáveis e solidárias.

Quando reconhecemos o caráter auto-eco-organizador, hologramático e recursivo do processo de ensino-aprendizagem e, em especial, dos conhecimentos, dos saberes e dos sujeitos, percebemos que a transdisciplinaridade inspira uma mediação didática voltada não apenas ao saber, mas à consciência coletiva e planetária, à ação transformadora e/ou emancipadora e ao reconhecimento das subjetividades humanas. Como princípio-estratégia, a transdisciplinaridade visa a ampliação da compreensão e a percepção da sensibilidade humana e tessitura dos conhecimentos, por meio da religação de saberes, já que compreender é conectar conhecimentos e saberes antes separados, é contextualizar as informações e é integrar as diversidades e as necessidades que constituem os seres humanos (Morin, 2001).

Uma mediação didática transdisciplinar pede que professores superem a rigidez lógica e adotem um pensamento complexo durante a elaboração de suas propostas didático-pedagógicas e de suas ações em sala de aula⁴. Buscamos instigar que os professores possibilitem uma compreensão mais contextualizada da realidade - reconhecendo as incertezas, os dialogismos e as complexidades que a constituem -, o que contribuirá para a formação de sujeitos mais lúcidos, críticos e sensíveis, capazes de aprender, viver e agir de forma mais consciente em um mundo, cada vez mais, interconectado e desafiador.

Diante desse cenário, propomos que os professores percebam o ato de ensinar como um encontro de consciências individuais e coletivas, no qual o professor assume o papel de mediador dialógico, atento aos contextos sociais e às narrativas de vida dos estudantes (Moraes,

⁴ Nesta dissertação, consideramos que a sala de aula não diz respeito apenas a um lócus físico, dentro de uma escola, mas está relacionada a espaços, físicos ou não, onde ocorre o processo de ensino-aprendizagem constituídos de intencionalidades, finalidades e práticas didático-pedagógicas, mediadas por um professor e vivenciada por alunos e professores, em um processo de eco-formação.

2011), ampliando o campo da aprendizagem e integrando a ele saberes científicos, artísticos, populares e subjetivos, com o fito de tornar as suas práticas pedagógicas mais inclusivas, sensíveis, complexas e críticas. Ao serem mediadores didáticos transdisciplinares, os docentes poderão reconhecer as diversidades existentes no mundo e promover a escuta ativa dos saberes que emergem das experiências dos alunos, tecendo uma práticas pedagógicas mais éticas, humanas, respeitadas, críticas e comprometidas com a transformação social e com o desenvolvimento dos sujeitos (Suanno, 2012).

Todavia, para que tais ações se concretizem, faz-se necessário reconhecer determinados cenários e/ou aspectos que favorecem essa metamorfose no processo de ensino-aprendizagem. Professoras e professores, independentemente do nível escolar em que atuam, são convidados e desafiados não apenas a repensarem as suas práticas pedagógicas, mas também a reformarem os seus modos de pensar e os seus estilos de viver, para que as suas ações estejam, de fato, alinhadas às proposições que irão realizar para os alunos. A mediação didática transdisciplinar requer de nós a compreensão da epistemologia complexa de Edgar Morin, pede por uma mudança em nosso estilo de vida e em nosso pensamento e, principalmente, exige de nós uma nova postura frente ao mundo em que vivemos. Professores transdisciplinares, mesmo em cenários de ataques constantes à educação, podem ser o pilar para uma sociedade mais humana, crítica, democrática, emancipadora e esperançosa por um mundo mais consciente e planetário.

A atuação docente, quando orientada por princípios transdisciplinares, valoriza o diálogo como elemento estruturante do processo educativo. Essa perspectiva reconhece que o saber não deve ser monopolizado, e sim compartilhado de modo a favorecer uma compreensão também compartilhada entre professores e estudantes (Freitas, Morin e Nicolescu, 1994). A esse respeito, é válido ponderar que, por estar alinhada à epistemologia da complexidade, a mediação didática transdisciplinar demanda um modo de pensar em movimento, aberto ao processo e à interação entre diferentes visões e saberes, o que exige do professor uma postura de escuta, abertura e mediação criativa entre os conhecimentos escolares e os saberes de vida (Santos, 2003). Logo, ao ser um mediador didático transdisciplinar, é preciso considerar o diálogo como instrumento que permite articular diferentes racionalidades, reconhecendo a diversidade como valor formativo.

Além disso, a mediação didática transdisciplinar amplia a sensibilidade e a consciência dos envolvidos ao articular dimensões objetivas e subjetivas do conhecimento. Ao considerar aspectos multidimensionais e multirreferenciais, como emoções, culturas, experiências e contextos sociais, o professor deixa de atuar apenas como transmissor de conteúdos e passa a ser um articulador de sentidos, de experiências e de vivências. Por isso, é importante possibilitar

aos alunos não só as relações com os conhecimentos científicos, os saberes culturais e os contextos sociais, mas também com as artes e com as fruções humanas.

Os estudantes precisam ter espaço, durante suas formações, para gozar a vida, os sentimentos, as percepções e as subjetividades deles, fatores que são possíveis de encontrar/de tecer por meio do contato com as artes plásticas, com a literatura, com a dança e com a música, por exemplo. Essa abordagem didático-pedagógica valoriza tanto o conhecimento científico quanto os saberes culturais, subjetivos, ancestrais, corporais, sensíveis emocionais, promovendo um processo formativo mais integral (Suanno, 2022). A escola, nessa perspectiva, pode se tornar um espaço que amplia a consciência humana e planetária (Morin, 2008), onde o autoconhecimento e a problematização da realidade caminham juntos, gerando maior engajamento e reflexão crítica nos sujeitos envolvidos no processo de ensino-aprendizagem.

Além de tudo isso, a transdisciplinaridade configura-se como uma estratégia democrática e multirreferencial no campo da educação, visto que promove a partilha de saberes e o reconhecimento de distintas formas de existência, inclusive os etnoconhecimentos e práticas dos povos originários. Isso implica que o professor, ao assumir uma postura de mediação transdisciplinar, se comprometa com o reconhecimento da pluralidade cultural e com o fortalecimento de espaços educativos que respeitam e integram cosmovisões diversas. Como afirmam Mattos e Mattos (2020), tal postura pode impulsionar processos de etnodesenvolvimento e de participação qualificada de comunidades tradicionais na escola. Assim, diante de um futuro da humanidade marcado por caminhos múltiplos- complementares, divergentes ou contraditórios-, cabe aos professores assumir um papel ativo na construção de práticas pedagógicas que promovam o bem comum, o bem viver e o respeito à diversidade em todas as suas formas.

Princípios-estratégias de uma mediação didática transdisciplinar

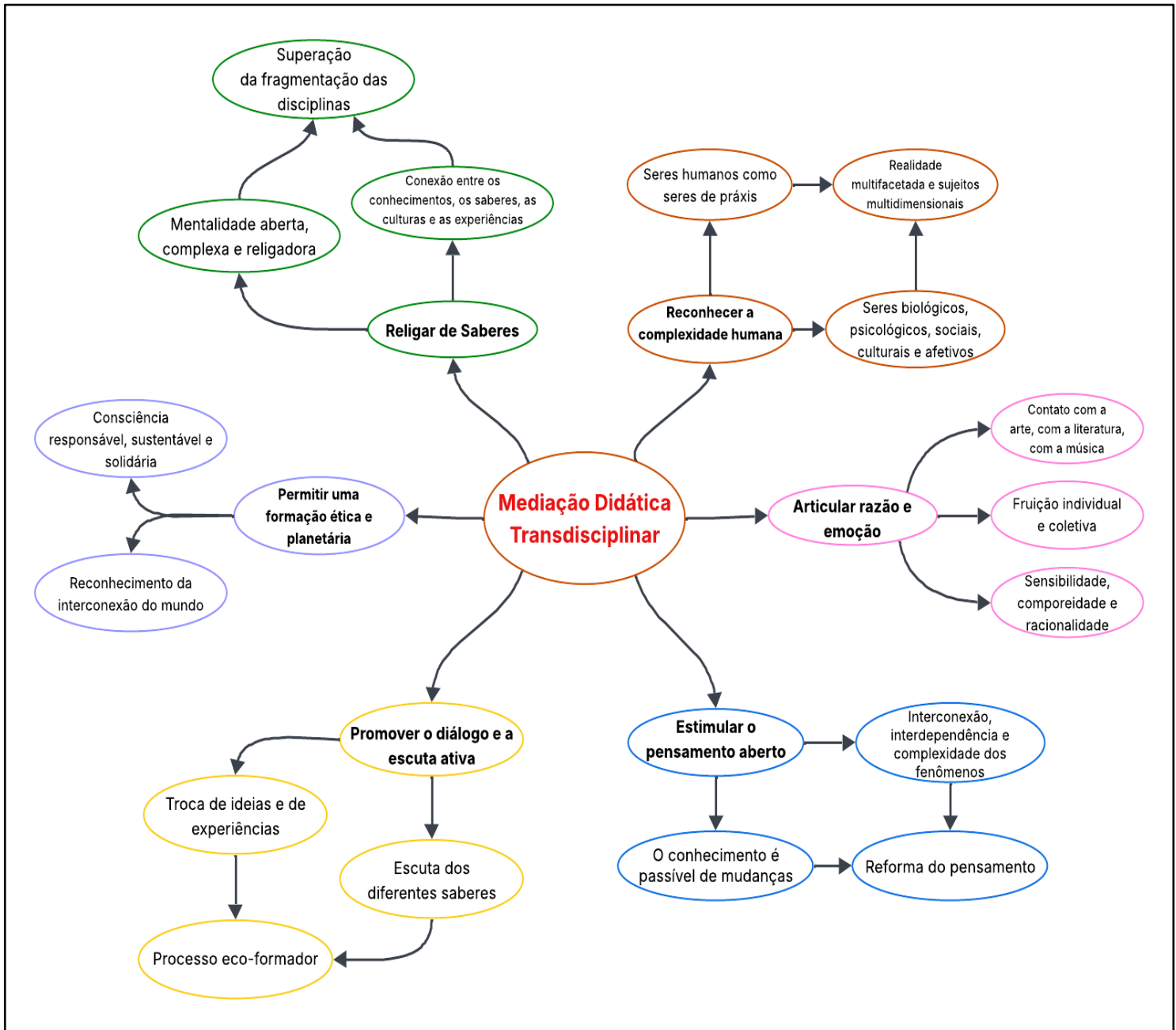
Nesta dissertação, entendemos que desenvolver uma mediação didática transdisciplinar é um desafio, mas colocá-la em prática é ainda mais desafiador, tendo em vista o contexto educacional que perpassa o cenário brasileiro. Afinal, uma mediação didática transdisciplinar, quando ancorada na epistemologia da complexidade de Edgar Morin, propõe superar as fragmentações do conhecimento e religar saberes, valorizando a integralidade do ser humano em suas dimensões biológicas, sociais, culturais, corporais e emocionais. Sob esse prisma, os professores deixam de ser transmissores de conteúdo para tornarem-se mediadores dialógicos,

capazes de articular diferentes racionalidades - científicas, artísticas, populares, subjetivas - em práticas pedagógicas sensíveis, inclusivas e críticas. Esse movimento amplia a consciência dos estudantes, permitindo que reconheçam a si mesmos como sujeitos históricos, interdependentes e transformadores de suas realidades, em um processo educativo que integra razão e emoção, ciência e arte, indivíduo e coletividade.

Ser mediador transdisciplinar significa, portanto, assumir uma postura ética e criativa que valoriza a diversidade de saberes e experiências, promove o diálogo intercultural e reconhece a complexidade das relações humanas e planetárias. Ao estabelecer conexões entre múltiplos níveis de realidade e possibilitar práticas que contemplem o conhecimento acadêmico, as subjetividades e as expressões culturais, o professor favorece a constituição de sujeitos mais lúcidos, críticos e complexos. Assim, a mediação didática transdisciplinar torna-se um princípio-estratégia educativo que não apenas amplia a compreensão da realidade, mas também inspira a construção de sociedades mais justas, democráticas, sustentáveis e comprometidas com o bem comum e o bem viver.

Sabendo disso e buscando auxiliar as professoras e os professores que querem ser mediadores transdisciplinares, teceremos nesta subseção princípios-estratégias para que a mediação didática transdisciplinar possa acontecer. Posto isso, elaboramos o esquema abaixo com o fito de ajudar nas tessituras e nas relações acerca desse conceito transgressor e insurgente.

Figura 11 - Princípios-estratégias da Mediação Didática Transdisciplinar



Fonte: Elaborado por Silva (2025).

Tendo em vista que esta pesquisa é ancorada na Epistemologia da Complexidade de Edgar Morin, defendemos a superação da fragmentação do conhecimento, valorizando uma mentalidade aberta, capaz de estabelecer conexões entre diferentes saberes, culturas e experiências. Para isso, é importante que pensemos uma Educação, que inspirada na Epistemologia da Complexidade, seja um processo formativo que ultrapassa a mera transmissão de conteúdos e se constitua como movimento de ampliação da consciência humana,

(re)construção da humanidade e reforma do pensamento. Conforme Morin (2019, p. 48), “mudar de via” implica transformar nossa própria maneira de conhecer e pensar, superando o paradigma reducionista, disjuntivo e compartimentado em favor de um pensamento complexo que religa e contextualiza os fenômenos. Nessa direção, Morin (2023) afirma que a reforma do pensamento é uma necessidade histórica, capaz de impulsionar transformações no campo educacional e de contribuir para o enfrentamento das polícrises contemporâneas. A educação, sob essa perspectiva, torna-se um ato ético-político que busca reconectar o humano com sua condição planetária, promovendo consciência, responsabilidade, sensibilidade e compromisso com a Terra-Pátria. Trata-se de um processo contínuo de reinvenção, reconhecendo, como destaca Santos (2003), que a humanidade é um ser inacabado que se recria incessantemente por meio de um movimento recursivo, reorganizativo e histórico.

Além disso, é importante que, para construirmos esse cenário educativo e pensarmos uma Mediação Didática Transdisciplinar, tomemos como âncora uma Didática que, ao ser pensada pela via da complexidade, deixa de ser apenas um conjunto de métodos e de estratégias de ensino para tornar-se um espaço reflexivo-existencial que orienta práticas educativas capazes de religar saberes, experiências, emoções e culturas. A Didática Complexa e Transdisciplinar, conforme apresenta Suanno (2015), trabalha com um estilo de pensamento que integra dimensões cognitivas, éticas, estéticas, emocionais e existenciais, buscando ampliar a compreensão e a consciência sobre conhecimentos pertinentes à vida humana. Com efeito, a didática assume como horizonte a formação integral e a metamorfose do sujeito e da sociedade, no sentido do que Morin (2011) denomina de metamorfoses individuais, sociais e antropológicas necessárias à salvaguarda da humanidade e da Terra-Pátria. Portanto, para que hajam processos educativos complexos e transdisciplinares é interessante propor caminhos que articulem razão e emoção, ciência e cultura, objetividade e subjetividade, em um movimento permanente de religação, visto que, quando reconhecemos a incompletude e a dinamicidade do ser humano, essa didática favorece processos formativos que não se cristalizam, mas que se reconfiguram continuamente.

Conseqüentemente, entender que a mediação didática se configura como o exercício concreto de articular, na prática pedagógica, os princípios da educação complexa e da didática transdisciplinar, possibilitando que o aprender se torne um processo vivo, relacional e contextualizado, é muito importante para que tenhamos professores que sejam mediadores transdisciplinares. Se for inspirada no pensamento de Edgar Morin e na concepção de inacabamento, apresentada por Santos (2003), a mediação se entende como movimento recursivo, dialógico e regenerativo, em que o docente assume papel de orientador, provocador

de sentidos e promotor de religação. Mediar, sob essa ótica, significa integrar múltiplas dimensões do conhecimento, reconhecer a diversidade de visões e instaurar ambientes intelectuais e emocionais que possibilitem o entrecruzamento de saberes, a problematização profunda da realidade e a construção reflexiva de novos modos de ser e viver.

Logo, o ato docente de mediar, quando ancorado em uma Educação e em uma Didática que sejam complexas e transdisciplinares, se torna a ponte que transforma princípios complexos em práticas transdisciplinares, gerando condições para que a educação cumpra sua função humanizadora, crítica, planetária e emancipatória. Religar os saberes, portanto, significa reconhecer que o conhecimento é um tecido interconectado, e que sua apreensão exige articulações entre campos distintos, que se complementam e se entrelaçam. Tal princípio, quando utilizado pelos docentes em suas práticas pedagógicas, possibilita uma compreensão mais profunda e contextualizada dos fenômenos humanos e naturais, ampliando, complexificando e globalizando os saberes e os conhecimentos.

Outro ponto importante durante a mediação didática transdisciplinar é o reconhecimento da complexidade do ser humano. Edgar Morin (2000) entende o ser humano como um ser de práxis, inserido em uma realidade multifacetada, composta por dimensões biológicas, psicológicas, sociais, culturais e afetivas, por isso o autor defende que a formação dos sujeitos deve propiciar a consciência humana, ética e planetária. A transdisciplinaridade propõe, alinhada aos pressupostos de Morin, um olhar que vá além da racionalidade técnica ou científica, integrando diferentes formas de saber que contemplem a totalidade do sujeito, logo é importante pensar no processo de ensino-aprendizagem que considere essa premissa. Considerar a complexidade humana é reconhecer sua multidimensionalidade, o que implica em práticas pedagógicas que respeitem e valorizem a singularidade e a diversidade dos estudantes, tornando-os capazes de intervir, transformar e ser transformados pela realidade onde estão inseridos.

Ao considerar os sujeitos como multifacetados e complexos, a mediação didática transdisciplinar permite e amplia a articulação entre razão e emoção, fator importante para a compreendermos os estudantes em sua totalidade. Quando colocamos a transdisciplinaridade no processo de ensino-aprendizagem e na atuação docente, aumentamos a possibilidade dos professores incorporarem diferentes elementos artísticos-culturais, como a arte, a literatura e a música, em suas práticas pedagógicas, o que pode proporcionar aos sujeitos envolvidos nesse processo uma fruição tanto individual quanto coletiva. Isso favorece o desenvolvimento de uma sensibilidade estética e ética, em que a corporeidade, a afetividade e a racionalidade se

entrelaçam. A formação do sujeito, assim, não se restringe ao intelecto, mas envolve o ser em sua totalidade, promovendo experiências significativas e transformadoras.

Além disso, a complexidade do mundo contemporâneo exige uma educação voltada para a responsabilidade ética, sustentabilidade e solidariedade. Logo, é importante que as intencionalidades e as finalidades pedagógicas considerem esses aspectos e rompam com o ideário de formação linear, conteudista e tradicionalista. Com isso, os docentes podem propor uma formação que reconheça a interconexão entre os seres vivos e o planeta, promovendo uma consciência planetária, a qual ajuda a compreender que a interdependência entre os fenômenos é essencial para enfrentar os desafios globais, como as crises ambientais e sociais. Dessa forma, formar eticamente é também educar para a cidadania planetária, em que o sujeito se reconhece como parte de um todo maior e age com responsabilidade coletiva.

Pensar uma educação que vise não só a apreensão dos conteúdos disciplinares, mas também, e principalmente, a formação integral e complexa dos sujeitos requer que professoras e professores escutem e dialoguem com os seus estudantes. A escuta ativa e o diálogo são condições fundamentais para o processo educativo transdisciplinar, visto que uma mediação didática transdisciplinar valoriza a troca de ideias e de experiências, permitindo a escuta dos diferentes saberes – científicos, populares, artísticos, culturais e históricos. Trata-se de um processo (eco)formador, no qual educadores e educandos constroem conhecimento de forma colaborativa, contribuindo para um processo educativo mais crítico, contextual, democrático e conectado à realidade dos sujeitos envolvidos.

Por fim, é importante que os docentes, ao serem mediadores didáticos transdisciplinares, estimulem o pensamento aberto, ou seja, que eles superem as visões reducionistas e compartilhem com os seus alunos que o conhecimento é passível de mudanças, pois ele está interconectado com diferentes aspectos/fatores, e isso influencia o seu existir no mundo. Com a transdisciplinaridade alinhada à mediação didática, então, é possível propiciar aos estudantes uma atitude investigativa e crítica diante do saber, capaz de lidar com incertezas e de construir respostas inovadoras para os problemas contemporâneos, contribuindo para a formação de pessoas mais críticas, reflexivas e sistêmicas.

Para que seja possível traçar práticas, finalidades e intencionalidades pedagógicas alinhadas aos princípios supracitados, é importante que os docentes tenham estratégias transdisciplinares, as quais auxiliarão nas tessituras de uma mediação didática transdisciplinar. A esse respeito, torna-se importante que professores trabalhem, por exemplo, com metatemas que transcendem as barreiras de seus objetos disciplinares. Projetos que versem sobre diferentes temáticas, como sustentabilidade, justiça social, saúde, cultura e ética, são importantes para a

formação integral e crítica dos estudantes, já que possibilitam que os estudantes dialoguem com temas que perpassam a vida real.

Nesse sentido, é interessante que os docentes proponham situações-problemas, a partir da realidade de seus estudantes, que ajudem os alunos a desenvolverem a curiosidade, o espírito investigativo e o senso crítico em relação aos conhecimentos e saberes. Sob essa lógica, torna-se importante também, ao ser um mediador didático transdisciplinar, promover experiências sensíveis e criativas que estimulem a imaginação, a sensibilidade estética, o contato com as emoções e com as corporeidades individuais e coletivas. Criar espaços de escuta, afeto e respeito às diferentes identidades, culturas, emoções e formas de aprender ajuda a formar cidadãos mais sensíveis às questões mundiais e com consciências mais planetárias.

Além de pensar nas ações pedagógicas, é importante que professoras e professores que busquem uma mediação didática transdisciplinar repensem as suas formas de avaliação. Os instrumentos avaliativos, quando pensados a partir da complexidade e da transdisciplinaridade, precisam valorizar a trajetória de aprendizagem, os processos de pensamento, as relações e os valores mobilizados durante todo o processo de ensino-aprendizagem. Desse modo, os docentes poderão atuar como mediadores de não só objetos de estudo e de suas relações com os estudantes, mas também, e principalmente, de tessituras que ajudaram a formar, complexa e integralmente, os estudantes.

Em suma, consideramos como mediação didática transdisciplinar os níveis de ajuda intencionalmente construídos pelo docente para potencializar a relação do estudante com o conhecimento e com a vida. Tais ações possuem intencionalidades e finalidades pedagógicas, alinhadas à transdisciplinaridade, produzidos por professores para que os estudantes consigam apreender não apenas o conteúdo disciplinar/científico, mas também, e principalmente, os saberes, as emoções, as corporeidades e as artes, permitindo que eles construam aprendizagens significativas, críticas, complexas e globalizadas.

A mediação didática transdisciplinar é uma metamorfose no processo educativo, pois requer dos docentes não só uma mudança na postura pedagógicas, mas também uma mudança no estilo de pensar, compreender e viver, mudança essa que precisa considerar as complexidades, as recursividades e as humanidades que constituem a educação. Afinal, um trabalho educativo que valorize a criticidade, a emancipação e a humanidade, não é aquele que entrega os melhores resultados numéricos, e sim aquele que consegue propiciar aos sujeitos uma formação integral, relacionando os seus aspectos cognitivos, psicológicos, emocionais, culturais aos conhecimentos e aos saberes que serão vivenciados e/ou aprendidos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nesta dissertação, buscamos responder um problema investigativo composto por dois questionamentos articulados: O que caracteriza uma mediação didática transdisciplinar? Como os professores da educação básica, enquanto profissionais intelectuais, podem ser mediadores transdisciplinares, favorecendo um processo de ensino-aprendizagem complexo, crítico e humanizador, em um cenário de ataques neoliberais que assolam a atuação docente e as aprendizagens discentes no Brasil? Para isso, estabelecemos objetivo geral desenvolver o conceito de Mediação Didática Transdisciplinar fundamentado nas obras selecionadas de Edgar Morin e, como objetivo específico, analisar, a partir do conceito desenvolvido, a mediação didática transdisciplinar expressa em relatos de escolas brasileiras reconhecidas pela Rede Internacional de Escolas Criativas (RIEC).

Além disso, objetivamos compreender como os processos de mediação se apresentam como dimensões essenciais do trabalho docente. Dimensões essas que não se restringem ao encontro com o aluno, mas que se estendem ao planejamento, às ações pedagógicas, às escolhas éticas, às intencionalidades formativas e às avaliações que orientam o caminhar dos estudantes ao longo de suas aprendizagens. Retomamos, ainda, o propósito de compreender como a lógica neoliberal tensiona, enfraquece e, por vezes, desumaniza a docência, interferindo na forma como professores se relacionam com os conhecimentos, com a escola e com os alunos.

A partir das análises realizadas, reafirmamos que o processo de ensino-aprendizagem é intrinsecamente marcado pela mediação, aqui compreendida como um fenômeno que se desdobra em múltiplas dimensões: cognitiva, afetiva, social, epistemológica, ética, histórica e cultural. Ensinar é tecer relações e aprender é emergir dessas relações com novos modos de perceber o mundo, a si e os outros. Por isso, defender uma mediação didática transdisciplinar significa defender uma educação que assuma a complexidade da vida e a condição humana como substratos fundamentais do ato educativo. Entendemos, ademais, que o processo de ensino-aprendizagem é intrinsecamente enriquecido pela mediação didática, a qual se manifesta em múltiplas dimensões que perpassam as relações entre os alunos e os conhecimentos e os saberes, evidenciando que ensinar e aprender são processos que, alinhados a uma práxis complexa e transdisciplinar, promovem a insurgência diante dos desafios planetários.

Porém, contrariando essas perspectivas, diante do cenário brasileiro contemporâneo, observamos que o avanço das políticas neoliberais tem afetado profundamente a educação básica. Tal como aponta Saviani (2020), ao transformar a escola em espaço subordinado à lógica do desempenho, das competências utilitaristas e dos resultados padronizados, o

neoliberalismo esvazia a função social da educação, desqualifica a dimensão intelectual da docência e rebaixa o professor à condição de “aplicador” de conteúdo ou de “executor” de materiais didáticos pré-formatados. Esse movimento repercute diretamente na mediação docente, pois reduz o tempo destinado ao planejamento, limita a autonomia didática, engessa o currículo, subestima a dimensão reflexiva, cultural e ética da profissão, fragmenta o conhecimento em “pílulas” de habilidades e impede processos de articulação entre saberes, experiências e complexidades do real.

Com efeito, o neoliberalismo atua como força desagregadora e anti-intelectual. Ele afeta o professor naquilo que é mais essencial ao seu fazer: pensar, decidir, interpretar, criar, relacionar e orientar processos complexos de aprendizagem. Essa fragilização gera impactos diretos na relação professor–aluno, pois onde há padronização extrema, não há espaços fáceis para o diálogo, para a escuta sensível, para a mediação criativa e tampouco para a insurgência reflexiva que caracteriza uma educação humanizadora. O professor, antes compreendido como mediador do conhecimento e sujeito intelectual da prática pedagógica, torna-se, nesse contexto, executor de técnicas padronizadas que visam atender às demandas de produtividade impostas pelos sistemas de avaliação externa.

Além disso, o neoliberalismo produz efeitos psicológicos, laborais e epistemológicos sobre os professores. A intensificação do trabalho docente, somada à cobrança por resultados e à culpabilização das escolas, como denunciam Melo (1994) e Libâneo (2012), gera adoecimento emocional, sentimento de fracasso e perda do sentido social da profissão. Quando a escola deixa de ser espaço de criação, diálogo e reflexão para se tornar local de cumprimento de metas, o professor experimenta a corrosão da sua identidade profissional. O resultado é um ambiente de trabalho marcado pela desmotivação, pela perda de autonomia e pelo empobrecimento das práticas pedagógicas, o que impacta diretamente a qualidade das aprendizagens dos estudantes

Morin (2003; 2015) alerta que uma educação reduzida a adestramentos técnicos não é capaz de formar sujeitos para viver, compreender e agir no mundo. Da mesma forma, Saviani (2020) reforça que a educação que se submete à lógica do mercado renuncia ao seu papel histórico: formar seres humanos capazes de compreender criticamente a realidade e intervir nela. Sendo assim, a educação básica só poderá cumprir sua função social quando romper com a lógica da mercantilização e recolocar no centro do processo educativo o professor como intelectual e mediador do conhecimento, e o estudante como sujeito histórico em desenvolvimento. Superar o neoliberalismo na educação é, portanto, condição para recuperar a essência humanizadora da escola pública e reafirmar seu compromisso com a formação integral dos cidadãos.

Buscando romper com o paradigma neoliberal e obscurantista que assola a nossa educação brasileira, é que elaboramos o conceito de Mediação Didática Transdisciplinar e fizemos as investigações conceituais apresentadas nesta dissertação. Queremos defender que mediar não é uma ação pontual, tampouco um gesto isolado durante uma aula, por exemplo. A ação de mediar implica planejar intencionalmente, produzir níveis de ajuda sensíveis às necessidades dos estudantes, organizar contextos de aprendizagem significativos, articular conhecimentos, saberes e experiências, avaliar de forma dialógica, ecológica e formativa e tecer pontes entre o vivido, o aprendido e o mundo. Quando tal mediação é realizada de forma transdisciplinar, complexa e crítica, professoras e professores, juntamente com seus estudantes, insurgem e superam as visões utilitaristas que as políticas neoliberais impõem sobre as escolas.

Nesta dissertação de mestrado, entendemos que a mediação é, portanto, um processo contínuo e recursivo, tal como nos orienta o princípio recursivo do pensamento complexo (Morin, 2005). Isso se dá porque ela retroage, transforma, reorganiza, reorienta e permite que novos sentidos emergjam. Por isso, afirmamos que não há docência sem mediação, e não há mediação sem o reconhecimento da complexidade humana e da multidimensionalidade que constituem os estudantes.

Contudo, infelizmente, sabemos que, a partir das análises realizadas, torna-se evidente que o neoliberalismo produz alterações nos currículos pedagógicos que comprometem sua natureza formativa e crítica dos trabalhos educativos e, conseqüentemente, da mediação didática. Afinal, tais currículos ferem, de modo profundo, uma educação que almeja a emancipação, a criticidade e a humanização, quando, orientados pelo mercado, fragmentam saberes; descartam dimensões filosóficas, artísticas, históricas e éticas; priorizam habilidades instrumentais; reduzem o conhecimento à utilidade; promovem a lógica meritocrática; reforçam a competição em detrimento da cooperação; desconsideram as desigualdades estruturais; reduzem o estudante a um “perfil de desempenho”.

Diante disso, esta dissertação reafirma a necessidade de uma educação que (re)construa as suas bases, emergja como luz frente aos ataques mercadológicos e resista, pedagógica e politicamente, aos ideais que, pouco a pouco, destroem a autonomia e a identidade docente. Queremos que os docentes possam construir práxis pedagógicas que escapem às amarras da lógica performática e resgatem o sentido público, ético e humano da escola. Essa resistente pôde ser observada nas escolas investigadas nesta pesquisa as quais, de maneira bela e insurgente, propõem um ensino transdisciplinar e crítico, ainda que inseridas em um contexto de ataques acrícos e desumanos.

As escolas apresentadas nesta dissertação (Escola Casa Verde, Escola Pluricultural Odé Kayodê, Escola Aldeia, Escola Vila, Colégio Eureca, Escola Básica Municipal Visconde de Taunay, Escola Reunida Professora Targina Boaventura da Costa e Escola Municipal Professor Didio Augusto) compartilham uma abordagem pedagógica inovadora que transcende e desafia o ensino tradicional. Afinal, elas trabalham com a valorização da transdisciplinaridade, integrando conhecimentos de diversas áreas e conectando-os à vida real dos alunos e à comunidade em que eles estão inseridos. Tal perspectiva possibilita que os estudantes se tornem protagonistas na resolução de problemas complexos, desenvolvendo pensamento crítico, criatividade, autonomia e cooperação.

Além disso, a contextualização da aprendizagem em espaços vivos, como jardins, hortas, museus e praias, enriquece a experiência educacional, transformando o ambiente em uma sala de aula – às vezes, a céu aberto - complexa, completa e instigante. Trata-se de um estilo educacional onde, de fato, os estudantes aprender a viver e a entender que o mundo e/ou a sociedade os transforma e são transformados por suas práticas. As instituições analisadas demonstram que é possível exercer uma pedagogia complexa e transdisciplinar mesmo em contextos adversos, já que tais escolas evidenciam que a educação pode acontecer nos jardins, nas praias, nas hortas, nas ruas, nos museus; o currículo pode ser tecido a partir da vida; a criatividade, a sensibilidade, a arte e a experiência são fontes legítimas de conhecimento; a escola pode ser espaço de pertencimento, autonomia e cooperação; a aprendizagem pode integrar razão, emoção, cultura, corporeidade, ciência e ética; e, principalmente, que é possível superar a fragmentação disciplinar e propor aprendizagens complexas.

Essas escolas mostram que a transdisciplinaridade não é utopia: ela é práxis concreta, resistência cotidiana e compromisso ético com a formação integral dos estudantes. Elas mostram que mediar significa criar condições para que o estudante construa conhecimento, religue saberes, compreenda-se como sujeito complexo e desenvolva autonomia intelectual e responsabilidade planetária, de forma contextualizada, relacionada, experimental e/ou prática, coletiva, crítica, humana e, em especial, planetária.

Com efeito, ao se inspirarem em Edgar Morin, as professoras e os professores das escolas analisadas demonstram, na vivência cotidiana, que a busca por um viver com sentido é fundamental. Essa abordagem pedagógica é, ao mesmo tempo, complexa, transdisciplinar, insurgente e humanizadora, pois permite que os alunos vivenciem e aprendam com as diversidades, com as situações-problemas, com os desafios planetários, com a realidade que atravessa os muros das escolas, e isso auxilia na construção de sujeitos mais críticos, conscientes, humanísticos, complexos e partícipes na sociedade. Por isso, acreditamos que os

estudos de Edgar Morin são vias transgressoras frente a uma realidade obscurantista e neoliberal que retira, por meio de currículos e de materiais rasos, deterministas, mecanizados e unidimensionais, bem como de cobranças excessivas, de busca por resultados numéricos e de padrões de uma aprendizagem ‘de sucesso’, a autonomia e o poder de emancipação das escolas e dos docentes.

Ancorada e inspirada nas ideias de Morin, esta dissertação luta por uma educação que vise combater a unilateralidade, a rigidez lógica e a fragmentação dos conhecimentos e dos saberes, porque acreditamos que os processos de ensino-aprendizagem podem ser mais críticos e emancipadores se conseguirem promover reflexões e/ou ações sobre a condição humana e a identidade terrena, fatores que são mutáveis e não podem ser meramente estudados sob a ótica de um ensino utilitarista, meritocrático e reducionista. Sendo assim, queremos instigar que os professores, mesmo com tantos obstáculos, tenham esperança e acreditem que é possível promover processos de ensino-aprendizagem que lidam com a incerteza, fomentam a compreensão mútua e cultivam uma ética humana, dimensões essenciais para formar cidadãos conscientes e atuantes.

Afinal, ainda que não use o termo "mediação" explicitamente, Edgar Morin convida a todos os educadores a repensarem as suas práxis pedagógicas e reforça o papel insubstituível do professor, como um intelectual que planeja, vive e orchestra os processos de ensino-aprendizagem, tecendo uma reforma do pensamento e, não muito distante, do próprio entendimento sobre a educação. Esse convite foi aceito pelas escolas que analisamos nesta pesquisa, as quais propõem e vivenciam processos de ensino-aprendizagem complexos, transdisciplinares, multidimensionais e insurgentes, visto que promovem, dentro de suas realidades e de suas possibilidades, espaços, ações e reflexões que levam os estudantes a se entenderem como participantes ativos de suas comunidades, instigando-os a criar uma consciência de corresponsabilidade e de cooparticipação no mundo em que vivem.

Para tecer essas relações que foram apresentadas, utilizamos as obras de Edgar Morin como fio condutor das dimensões e das costuras entre teoria e prática, a fim de encontrar uma verdadeira práxis complexa e transdisciplinar. Dos livros que lemos, pesquisamos e analisamos desse importante autor, três merecem destaque dentro desta dissertação: *Os sete saberes necessários à educação do futuro* (Morin, 2000), *Cabeça bem-feita: repensar a reforma, reformar o pensamento* (Morin, 2003c) e *Ensinar a viver: manifesto para mudar a educação* (Morin, 2015). Tais obras foram as principais enunciadoras e/ou inspiradoras que colaboraram com as tessituras realizadas, em especial em relação aos docentes e aos processos de ensino-aprendizagem na educação básica. Afinal, são elas que lançam luz sobre a ideia de um ensino

que preze não pela ‘cabeça cheia’ dos estudantes, e sim pela ‘cabeça bem-feita’ e que os ensine a viver, correlacionando conhecimentos, saberes, culturas, histórias, corporeidade e, principalmente, o mundo real e complexo dos alunos.

A partir dessas obras, bem como das outras oito analisadas nesta pesquisa, compreendemos que uma educação que alcance a reforma do pensamento, a religação dos saberes e a superação da fragmentação do conhecimento. Edgar Morin defende a formação de um pensamento capaz de contextualizar e articular informações, indo além da lógica linear para integrar os saberes de forma complexa. Essa perspectiva é aprofundada quando ele nos convida a compreender a realidade como um tecido de interações e incertezas, exigindo do educador uma postura reflexiva, crítica, transdisciplinar e investigativa. Desse modo, ressaltamos que uma educação que busque a criticidade, a humanização e a (co)existência entre os estudantes e aquilo que eles aprendem, é aquela que integra ciência, filosofia, ética e política, favorecendo uma compreensão planetária e solidária da existência desses sujeitos.

Sob essa perspectiva, a atuação dos professores torna-se central para promover uma educação transdisciplinar, que reconheça a interdependência entre as dimensões biológicas, culturais, sociais e ambientais da vida. Em suas obras, Edgar Morin defende, ou melhor, nos convida a pensar, uma pedagogia que prepare os estudantes para lidar com a incerteza, para exercer autonomia intelectual e para participar, de forma ativa, da tessitura de um futuro mais solidário. Propõe-se ao professor, portanto, mediar saberes, estimular o pensamento crítico e favorecer a formação de sujeitos com consciência em relação a sua responsabilidade planetária, haja a necessidade de cultivar empatia e cooperação como valores educativos e de fazer dos processos de ensino-aprendizagem não apenas momentos de transmissão de conteúdos, mas sim espaços de reflexão, de interação e de busca pelo desenvolvimento ético, integrador e transformador dos sujeitos envolvidos nessa teia de aprendizagens.

Para que isso ocorra, acreditamos que ao professor cabe planejar com intencionalidade, poesia e sentido; integrar saberes e experiências diversas; dialogar com a realidade concreta dos estudantes; estimular o pensamento crítico, criativo e complexo; relacionar ciência, ética, estética, cultura e vida; avaliar como processo e não como cobrança; criar ambientes multissensoriais de aprendizagem; promover encontros humanos, e não apenas encontros de conteúdos; cultivar a esperança ativa, como nos ensina Freire; e agir com responsabilidade planetária, como propõe Morin. A partir dessas ações, o professor mediador transdisciplinar poder-se-á ser agente ecoformador, intelectual da práxis e produtor de metamorfoses educativas.

Entretanto, ainda que existam as mediações didática, mediação cognitiva, a mediação tecnológica e a dupla mediação que auxiliam os docentes nesse percurso ecoformativo, propomos com esta dissertação uma complementação para esses estudos, mediante o conceito de mediação didática transdisciplinar. Entendemos por conceito a construção intelectual que organiza e expressa as características essenciais de um objeto, de ideia ou de fenômeno, permitindo compreendê-lo e diferenciá-lo de outros. Desenvolver um conceito para a área da educação exige a compreensão e a sistematização das experiências ou estudos que interpelam o objeto em estudo e, principalmente, que perpassam os indivíduos que estão envoltos nele. Criar um conceito exige identificar os aspectos fundamentais da área e/ou da temática pesquisada, refletir criticamente sobre eles e articulá-los de modo claro e consistente, para que a proposição conceitual seja uma ferramenta de pensamento e de comunicação do conhecimento e/ou do saber sobre o qual ela versa.

Conceituamos, então, a mediação didática transdisciplinar como as estratégias pedagógicas intencionais que vão além da transmissão de conteúdos científicos e que integram conhecimentos, saberes, artes, emoções, sociedade, cultura e corporeidades. Tal conceito simboliza uma metamorfose nos processos de ensino-aprendizagem e nas atuações dos professores, haja vista que ele pede que os docentes reformem os seus pensamentos e as suas visões/vivências neste mundo, priorizando um olhar complexo, crítico, ecológico e transdisciplinar. A mediação didática transdisciplinar valoriza a recursividade e a humanização da prática pedagógica, ao buscar promover aprendizagens críticas e significativas, que articulem as várias dimensões dos sujeitos envolvidos no processo de ensinar e aprender, priorizando uma formação multidimensional e crítica em detrimento de uma formação que preze pela fragmentação do ensino e pelos resultados meramente quantitativos.

Em síntese, esta pesquisa propôs, desenvolveu e sistematizou o conceito de Mediação Didática Transdisciplinar, entendido como: um conjunto de estratégias pedagógicas intencionais realizadas pelos docentes que integra conhecimentos científicos, saberes culturais, experiências de vida, arte, emoções, corporeidades, ética e sensibilidade, orientando o estudante a religar aprendizagens e a compreender o mundo de maneira complexa, crítica, humanizadora e planetária. Esse conceito transcende a mediação tradicional centrada apenas na relação professor-aluno-objeto de estudo e amplia o papel docente para abarcar dimensões epistemológicas, existenciais, culturais, afetivas, ecológicas, sociais, éticas e políticas dos sujeitos envolvidos no ato educativo.

A Mediação Didática Transdisciplinar é, portanto, uma metamorfose em forma de convite para que professoras e professores assumam uma nova postura diante da realidade: uma

postura que não teme a incerteza, que acolhe a complexidade e que reconhece que o conhecimento é tecido pela vida. Queremos, então, que professoras e professores sejam mediadores didáticos transdisciplinares, isto é, que reconheçam, ao longo das suas práxis pedagógicas, a multidimensionalidade do ser humano e que possam intervir pedagogicamente de forma a integrar razão e emoção, ciência e arte, individualidade e coletividade.

Acreditamos que professores são agentes eco-formadores que tecem condições para que os estudantes ampliem a consciência de si, do outro e do mundo, desenvolvendo autonomia intelectual, sensibilidade ética e responsabilidade planetária. Isso demanda práticas pedagógicas que superem a fragmentação disciplinar, valorizem a diversidade de saberes e criem espaços de escuta, investigação, diálogo e fruição estética, promovendo experiências transformadoras que mobilizam a imaginação, a corporeidade e o pensamento crítico. Por isso, a mediação didática transdisciplinar é um processo que vai além da simples transmissão de conteúdos, já que ela se configura como uma ação intencional, dialógica e criativa que busca religar saberes, integrar dimensões humanas e favorecer aprendizagens significativas.

Inspirada na epistemologia da complexidade de Edgar Morin, essa mediação entende que o conhecimento é um tecido interligado e que aprender exige costurar experiências, emoções, culturas e racionalidades distintas. Nessa perspectiva, o professor assume o papel de mediador de sentidos, ajudando os estudantes a relacionarem conteúdos científicos, saberes cotidianos e experiências de vida, favorecendo uma compreensão mais ampla, crítica e contextualizada da realidade. Ao desenvolvermos a mediação didática transdisciplinar lançamos luz a uma verdadeira metamorfose para a educação brasileira e para a atuação de docentes, visto que ela exige dos professores uma reforma no modo de pensar, de avaliar e de planejar, incorporando uma racionalidade aberta, dialógica e complexa.

Produzindo níveis de ajuda que consigam estabelecer tessituras entre os alunos, os conhecimentos e os saberes de suas realidades, os educadores não apenas ajudam os estudantes a aprenderem, mas também a reaprender a aprender, a enfrentar incertezas e a agir de maneira ética e consciente diante dos desafios contemporâneos. Com efeito, a sala de aula - tradicionalmente entendida como um lugar físico em que os alunos leem livros e estudam teorias - torna-se um espaço de tessituras de conhecimentos e de construção de uma consciência planetária, onde professores e alunos se reconhecem como sujeitos de práxis, capazes de transformar e serem transformados pela educação e pelo mundo em que estão inseridos.

Diante do avanço das políticas neoliberais e obscurantistas na educação brasileira - que reduzem o papel da escola à mera preparação dos alunos para o mercado de trabalho e que precarizam o trabalho docente -, a mediação didática transdisciplinar surge como estratégia de

resistência e de inovação pedagógica. Sabemos que a lógica neoliberal fragmenta o currículo, esvazia o sentido crítico da educação e deslegitima a autoridade intelectual do professor, transformando-o em mero executor de apostilas e indicadores de desempenho. Ao religar saberes, integrar ciência, cultura e ética, a mediação didática transdisciplinar devolve ao professor o papel de intelectual transformador e permite que ele construa com os alunos experiências que ultrapassem o adestramento técnico e os preparem para compreender e intervir na realidade complexa em que vivem.

Além disso, ao fomentar o diálogo entre disciplinas, entendemos que a mediação didática transdisciplinar reconfigura o espaço escolar como lugar de formação humana integral e de conscientização crítica, tornando-se uma proposta emancipadora, crítica e insurgente. Ao invés de limitar os estudantes à lógica do mercado, professores que escolhem ser mediadores didáticos transdisciplinares ajudam os estudantes a potencializarem sua capacidade de questionar injustiças, de propor soluções criativas e de agir de forma ética, planetária e solidária. Com isso, ainda que haja as tentativas de padronização e de controle do meio escolar, os docentes podem construir práticas que promovam autonomia intelectual e cidadania ativa, recuperando a função social da escola como espaço de transformação individual e coletiva e, principalmente, resistindo às pressões de uma educação reduzida ao treinamento de competências para o capital.

À luz das análises e das tessituras realizadas nesta dissertação de mestrado, reafirmamos que a Mediação Didática Transdisciplinar é a contribuição teórica, epistemológica, política e ética desta dissertação. Esse conceito emerge como possibilidade real e necessária para enfrentar os desafios impostos pelo neoliberalismo e para resgatar a humanização dos processos educativos. A Mediação Didática Transdisciplinar é uma prática pedagógica complexa, ética, relacional, ecológica e humanizadora, que reconhece a multidimensionalidade do ser humano e orienta o processo educativo a integrar razão, emoção, cultura, ciência, arte, sociedade e vida. Sua importância reside no fato de que ela devolve ao professor seu papel intelectual e insurgente, potencializa a emancipação dos estudantes e fortalece a função social da escola como espaço de transformação individual e coletiva.

Com efeito, a Mediação Didática Transdisciplinar constitui-se como uma ruptura paradigmática na educação básica brasileira, pois ela visa uma educação que deseja resistir, recriar-se e reflorescer, mesmo em meio às turbulências políticas e epistemológicas do nosso tempo. Ela é parte da metamorfose necessária para que possamos, como diria Morin, ensinar a viver (e viver de forma ética, solidária, complexa e planetária). Portanto, ao realizarmos esta pesquisa de dissertação de mestrado, compreendemos que a mediação didática transdisciplinar

é uma das possibilidades para enfrentar os desafios educacionais contemporâneos e resgatar a função social transformadora da escola.

Ao situarmos esta pesquisa na área da Educação e, mais especificamente, na linha de pesquisa Formação Docente e Trabalho Educativo, reafirmamos que o estudo da Mediação Didática Transdisciplinar não se constitui como um modelo único, fechado ou prescritivo de compreensão do processo educativo. Trata-se de uma possibilidade teórica e prática que se apresenta como via crítica, emancipadora e contra-hegemônica frente às racionalidades dominantes que atravessam a escola brasileira. Ao analisar a práxis de escolas criativas à luz do pensamento complexo de Edgar Morin, esta pesquisa reconhece a educação como um campo plural, atravessado por disputas epistemológicas, políticas e éticas, e assume que a Mediação Didática Transdisciplinar é uma entre outras possibilidades de pensar e fazer educação, ainda que carregue em si uma potência singular de enfrentamento à fragmentação, ao reducionismo e ao esvaziamento do trabalho docente.

Nesse sentido, com esta dissertação, reafirmamos a indissociabilidade entre teoria e prática, compreendendo a práxis educativa como espaço vivo de reflexão, ação e transformação. Afinal, a construção do conceito de Mediação Didática Transdisciplinar não se deu de forma abstrata ou distante da realidade escolar, mas emergiu do diálogo entre os referenciais teóricos de Edgar Morin e as práticas concretas desenvolvidas por escolas que ousam romper com o paradigma disciplinar hegemônico. Ao analisar essas experiências, evidenciamos que a Mediação Didática Transdisciplinar se materializa na organização do trabalho pedagógico, nas escolhas curriculares, nas relações estabelecidas com os estudantes e na forma como o conhecimento é produzido, vivido e ressignificado no cotidiano escolar, configurando-se como expressão concreta de uma práxis complexa e insurgente.

Ademais, cabe destacar que a Mediação Didática Transdisciplinar aqui proposta não se limita aos marcos normativos da Base Nacional Comum Curricular (BNCC) ou aos currículos oficiais, embora dialogue criticamente com eles. Ao contrário disso, ela tensiona esses documentos quando estes se subordinam à lógica neoliberal, performática e utilitarista, propondo uma reorganização do conhecimento que ultrapasse os limites rígidos das disciplinas, sem, contudo, negá-las ou anulá-las. Trata-se de transcender as disciplinas, e não de suprimi-las, articulando-as em projetos, problemas e experiências que façam sentido para a vida dos estudantes e para os desafios contemporâneos. Essa perspectiva exige uma mudança profunda no modo de pensar, planejar e organizar o conhecimento escolar, deslocando-o de uma lógica fragmentada para uma lógica relacional, contextualizada, ética e planetária.

Diante disso, torna-se importante repensar também a formação inicial de professores, especialmente nos cursos de licenciatura. Defendemos que a universidade assuma o compromisso de apresentar aos futuros docentes o pensamento complexo e a transdisciplinaridade como vias possíveis, e necessárias, para romper com o neoliberalismo educacional e com o obscurantismo que ainda assustam a educação brasileira. Formar professores para a práxis transdisciplinar implica oferecer experiências formativas que articulem teoria e prática, que valorizem a reflexão crítica, que reconheçam o professor como intelectual do trabalho educativo e que fomentem a coragem epistemológica de pensar para além dos modelos prontos e das receitas pedagógicas. Sem essa transformação na formação docente, as possibilidades de uma educação emancipadora tornam-se frágeis e limitadas.

Por fim, reconhecemos que esta pesquisa não se encerra em si mesma. Ao contrário, ela se apresenta como ponto de partida para novas investigações, novos olhares e novas tessituras sobre a Mediação Didática Transdisciplinar. A continuidade deste debate demanda a contribuição de outros pesquisadores, de diferentes contextos e realidades, que possam aprofundar, tensionar, ampliar e até mesmo problematizar o conceito aqui proposto. Investigar empiricamente suas práticas, seus limites, suas contradições e seus impactos no cotidiano escolar é tarefa coletiva e necessária para o fortalecimento de uma educação crítica, humanizadora e comprometida com a transformação social. Assim, esta dissertação se inscreve como convite aberto ao diálogo, à pesquisa e à construção coletiva de caminhos educativos que resistam, recriem-se e insistam na esperança.

Quando articulam saberes de múltiplas áreas e incentivam o diálogo entre razão, emoção, ética e prática social, os professores, enquanto mediadores didáticos transdisciplinares, contribuem para a formação de sujeitos mais críticos, criativos e atentos à sua responsabilidade planetária. Contudo, apesar de sua potência teórica e metodológica, sabemos que esse conceito ainda carece de maior sistematização e aprofundamento em pesquisas empíricas que investiguem suas práticas, impactos e limites no cotidiano escolar. Posto isso, defendemos a necessidade de investimentos em estudos que explorem a Mediação Didática Transdisciplinar, bem como que tragam para as realidades escolares tal metamorfose educacional, a fim de que o papel de professoras e de professores como mediadores de saberes seja fortalecido, consolidando processos de ensino-aprendizagem que vão além da lógica tecnicista e que respondam, forma criativa, complexa, transdisciplinar e ética, às demandas de um mundo em constante transformação.

REFERÊNCIAS

BARROSO, João. **A regulação das políticas públicas de educação: espaços, dinâmicas e atores.** Lisboa, PT: Educa, 2006, p. 41-70.

BRASIL. Ministério de Educação e Cultura. **Lei de Diretrizes e Bases da educação nacional.** Lei nº9394/96, 1996.

D'ÁVILA, Cristina. Interdisciplinaridade e mediação: desafios no planejamento e na prática pedagógica da educação superior. **Conhecimento & Diversidade**, v. 3, n. 6, p. 58-70, 2012a.

D'ÁVILA, C. F. Mediação didática: um caminho possível para a formação cidadã. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 38, n. 1, p. 59-74, 2012b.

D'ÁVILA, Cristina. **A mediação didática na história das pedagogias brasileiras.** Revista da FAEEBA – Educação e Contemporaneidade, Salvador, v. 14, n. 24, p. 217-238, jul./dez., 2005

De la TORRE, Saturnino; ZWIEREWICZ, Marlene; SUANNO, Marilza (Orgs.). **Escolas Criativas de Referência: Rede Internacional de Escolas Criativas – RIEC.** Brasil, Espanha: 2026.

FAZENDA, Ivani. **Integração e interdisciplinaridade no ensino brasileiro: efetividade ou ideologia.** São Paulo: Loyola, 1979.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa.** 54. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido.** 60. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

FREITAS, Lima de; MORIN, Edgar; NICOLESCU, Basarab. **Carta da Transdisciplinaridade.** Convento da Arrábida, 6 de novembro de 1994.

FRIGOTTO, Gaudêncio. **A produtividade da escola improdutiva: um (re)exame das relações entre educação e estrutura econômico-social e capitalista.- 3ª. ed.-** São Paulo: Cortez: Autores Associados, 1989 (Coleção Educação contemporânea).

FRONTEIRAS do PENSAMENTO. **Edgar Morin: é preciso educar os educadores.** Fronteiras.com, 1 jan. 2017. Disponível em: <https://www.fronteiras.com/leia/exibir/entrevista-edgar-morin-e-preciso-educar-os-educadores> Acesso em: 15 jun. 2025.

JAPIASSU, Hilton. A questão da interdisciplinaridade. **Seminário internacional sobre reestruturação curricular. Secretaria Municipal de Educação, Porto Alegre, 1994.**

JAPIASSU, Hilton. **Interdisciplinaridade e patologia do saber.** 8. ed. Rio de Janeiro: Imago, 2006.

JAPIASSU, Hilton. O Sonho Transdisciplinar. **DESAFIOS - Revista Interdisciplinar da Universidade Federal do Tocantins**. 3 n.1, 2016, p. 3–9. DOI: <https://doi.org/10.20873/uft.2359-3652.2016v3n1p3>

KOCH, Ingedore Villaça; ELIAS, Vanda Maria. **Ler e Compreender: os sentidos do texto**. - 3. ed., 15ª reimpressão-São Paulo: Contexto, 2022.

KOCH, Ingedore Villaça; ELIAS, Vanda Maria. **Escrever e argumentar**. - 1. ed., 3ª reimpressão-São Paulo: Contexto, 2020.

LAVAL, Christian. **A escola não é uma empresa: o neoliberalismo em ataque ao ensino público**. São Paulo: Boitempo, 2019.

LENOIR, Yves; **A intervenção educativa, um construto teórico para analisar as práticas de ensino**. Tradução: Joana Peixoto e Cláudia Helena dos Santos Araújo. Revista Educativa-Revista de Educação, v. 14, n. 1, p. 9-38, 2011a.

LENOIR, Y. As mediações no processo de ensino-aprendizagem. In: LENOIR, Y. **Ensino e complexidade**. São Paulo: Paulus, 2011b.

LIBÂNEO, José Carlos. Políticas educacionais neoliberais e escola: uma qualidade de educação restrita e restritiva. In.: LIBÂNEO, José Carlos; FREITAS, Raquel A. Marra. (Orgs.). **Políticas educacionais neoliberais e escola pública: uma qualidade restrita de educação escolar**. Goiânia: Editora Acadêmico, 2018.

LIBÂNEO, José Carlos. Ensinar e aprender, aprender e ensinar: o lugar da teoria e da prática em didática. In.: LIBÂNEO, José Carlos e ALVES, Nilda. **Temas de Pedagogia: diálogos entre didática e currículo**. São Paulo. Cortez. 2012a.

LIBÂNEO, José Carlos. O dualismo perverso da escola pública brasileira: escola do conhecimento para os ricos, escola do acolhimento social para os pobres. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 38, n. 1, p. 13-28, 2012b.

LIBÂNEO, José Carlos et al. Didática e trabalho docente: a mediação didática do professor nas aulas. In.: LIBÂNEO, José Carlos; SUANNO, Marilza Vanessa Rosa; LIMONTA, Sandra Valéria. **Concepções e práticas de ensino num mundo em mudança**. Diferentes olhares para a didática. Goiânia: PUC GO, p. 85-100, 2011. Disponível em em: <https://drive.google.com/file/d/1KJK2YP5tULBizsaEwH4GxYlgHHUsACxC/view>. Acesso em: 26/05/2023.

MATTOS, Paulo Henrique Costa; MATTOS, Maria Leci de Bessa. A educação escolar dos indígenas e a questão da transdisciplinaridade e do etnodesenvolvimentismo: por um Brasil de fato cidadão. In: ALBUQUERQUE, Francisco Edviges; MATOS, Solange Cavalcante de. (Orgs.). **Diálogos Etnossociolinguísticos**. Campinas, SP: Pontes Editores, 2020.

MELO, Guiomar Namó. **Escolas eficazes: um tema revisitado**. Brasília: MEC/SEF, 1994.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. O desafio da pesquisa social. In.: MINAYO, Maria Cecília de Souza (Org.); DESLANDES, Suely Ferreira; GOMES, Romeu. **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. - 26ª ed. - Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2007.

MORAES, Maria Cândida. **Ecologia dos Saberes**. São Paulo: Editora Prolíbera, 2008.

MORAES, Maria Cândida. **Educação humanizadora: novas razões para ensinar e aprender**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.

MORAES, Maria Cândida. **Epistemologia da Complexidade e Pesquisa Educacional**. São Paulo: Centro de Estudos e Pesquisas Edgar Morin - CEP Edgar Morin, 2023.

MORIN, Edgar. **Os sete saberes necessários à educação do futuro**. Tradução: Catarina Eleonora F. da Silva e Jeanne Sawaya. São Paulo: Cortez ; Brasília: UNESCO, 2000.

MORIN, Edgar. **A religião dos saberes: o desafio do século XXI**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001

MORIN, Edgar; CIURANA, Emilio-Roger; MOTTA, Raúl Domingo. **Educar na era planetária: o pensamento complexo como Método de aprendizagem no e na incerteza humana**. Tradução: Sandra Tabucco Valenzuela. São Paulo: Cortez, 2003a.

MORIN, Edgar; KERN, Anne-Brigitte. **Terra-Pátria**. Tradução: Paulo Azevedo Neves da Silva. Porto Alegre: Sulina, 2003b.

MORIN, Edgar. **Cabeça bem-feita: repensar a reforma, reformar o pensamento**. tradução: Eloá Jacobina. Rio de Janeiro, Bertrand Brasil, 2003c.

MORIN, Edgar. **Introdução ao pensamento complexo**. Tradução: Eliane Lisboa. Porto Alegre: Sulina, 2005.

MORIN, Edgar. **Ciência com consciência**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2008.

MORIN, Edgar. **Ensinar a viver: manifesto para mudar a educação**. Tradução: Edgard Assis de Carvalho e Mariza Perassi Bosco. Porto Alegre: Sulina, 2015.

MORIN, Edgar; DÍAZ, Carlos Jesús Delgado. **Reinventar a educação: abrir caminhos para a metamorfose da humanidade**. Tradução: Irene Reis dos Santos. São Paulo, Palas Athenas, 2016.

MORIN, Edgar. **Fraternidade: para resistir à crueldade do mundo**. Tradução: Edgard Assis de Carvalho. São Paulo: Palas Athena, 2019.

MORIN, Edgar. **A aventura de O Método e para uma racionalidade aberta**. Tradução: Edgard Assis de Carvalho e Mariza Perassi Bosco. São Paulo: SESC São Paulo, 2020.

NICOLESCU, Basarab. **O Manifesto da Transdisciplinaridade**. Tradução de Lucia Pereira de Souza. São Paulo: Triom, 2008.

OKOLI, Chitu. **Guia para realizar uma revisão sistemática da literatura**. Tradução de David Wesley Amado Duarte; Revisão técnica e introdução de João Mattar. EaD em Foco, 2019.

SANTOS, Akiko. **Didática sob ótica do pensamento complexo**. Porto Alegre: Sulina, 2003.

SANTOS, Maria Lourdes Gisi. **Complexidade e transdisciplinaridade em educação: fundamentos epistemológicos e metodológicos**. Petrópolis: Vozes, 2003.

SAVIANI, Dermeval. **A função social da escola e os desafios do neoliberalismo**. Campinas: Autores Associados, 2020.

SAVIANI, Dermeval. Sistema Nacional de Educação articulado ao Plano Nacional de Educação. **Rev. Bras. Educ.**, vol. 15, n. 44, p. 380-393, 2010.

SILVA, Thaís Gouvêa. **Mediação Didática Transdisciplinar: uma proposição conceitual e reflexiva**. 2023. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Pedagogia), Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2023.

SUANNO, Marilza Vanessa Rosa. **Transdisciplinaridade e formação docente: religar saberes para além das fronteiras disciplinares**. Curitiba: CRV, 2012.

SUANNO, Marilza Vanessa Rosa Suanno. Didática e trabalho docente sob a ótica do pensamento complexo e da transdisciplinaridade. 2015. 493 p. **Tese de Doutorado em Educação**, pelo Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em Educação, pela Universidade Católica de Brasília–UCB, Brasília-DF, 2015.

SUANNO, Marilza Vanessa Rosa. Didática complexa e transdisciplinar. In: LONGAREZI, Andréa Maturano; PIMENTA, Selma Garrido; PUENTES Roberto Valdés. **Didática Crítica no Brasil**. São Paulo: Cortez Editora, 2023a.

SUANNO, Marilza Vanessa Rosa. **Transdisciplinaridade como Conceito Complexo (Live)**. Youtube, 2023b. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=ZvIZFMMQp9w&list=PLTtVU0kdT_nLwA56tmmwP3hcwumXKzYkw&index=4 . Acesso em: 10 abr. 2025.

SUANNO, M. V. R. Para além dos territórios disciplinares: transdisciplinaridade como princípio-estratégia de reorganização do conhecimento. **Debates em Educação**, [S. l.], v. 14, n. 36, p. 270–280, 2022. DOI: 10.28998/2175-6600.2022v14n36p270-280. Disponível em: <https://www.seer.ufal.br/index.php/debateseducacao/article/view/14778>. Acesso em: 10 abr. 2025.

TEIA CURRICULAR. Escola Vila: Cuidando do Planeta. Fortaleza, 2024. Disponível em: <https://escolavila.com.br/index.php/home/pedagogia-ecossistemica/teia-curricular/> . Acesso em: 20 jul. 2025.

TOSCHI, M. S. Mediação, tecnologia e desigualdades educacionais: novos desafios para a escola brasileira. In: TOSCHI, M. S. **Educação na contemporaneidade**. Goiânia: Cegraf, 2020.

TOSCHI, Mirza Seabra; SILVA, Yara Oliveira. **Mediação na educação—reflexões na modalidade a distância**. Revista Educativa: Goiânia, v. 18, n. 1, p. 61-80, jan./jun. 2015a.

TOSCHI, M. S. **Tecnologias e mediações didáticas**. Goiânia: Espaço Acadêmico, 2015b.

TOSCHI, Mirza Seabra; ANDERI, Eliane Gonçalves Costa. Ler na tela e ler imagem. In.: TOSCHI, Mirza Seabra (org.). **Leitura na tela: da mesmice à inovação**. Editora PUC Goiás: Goiânia, 2010, p.15-25.

